LOUD!

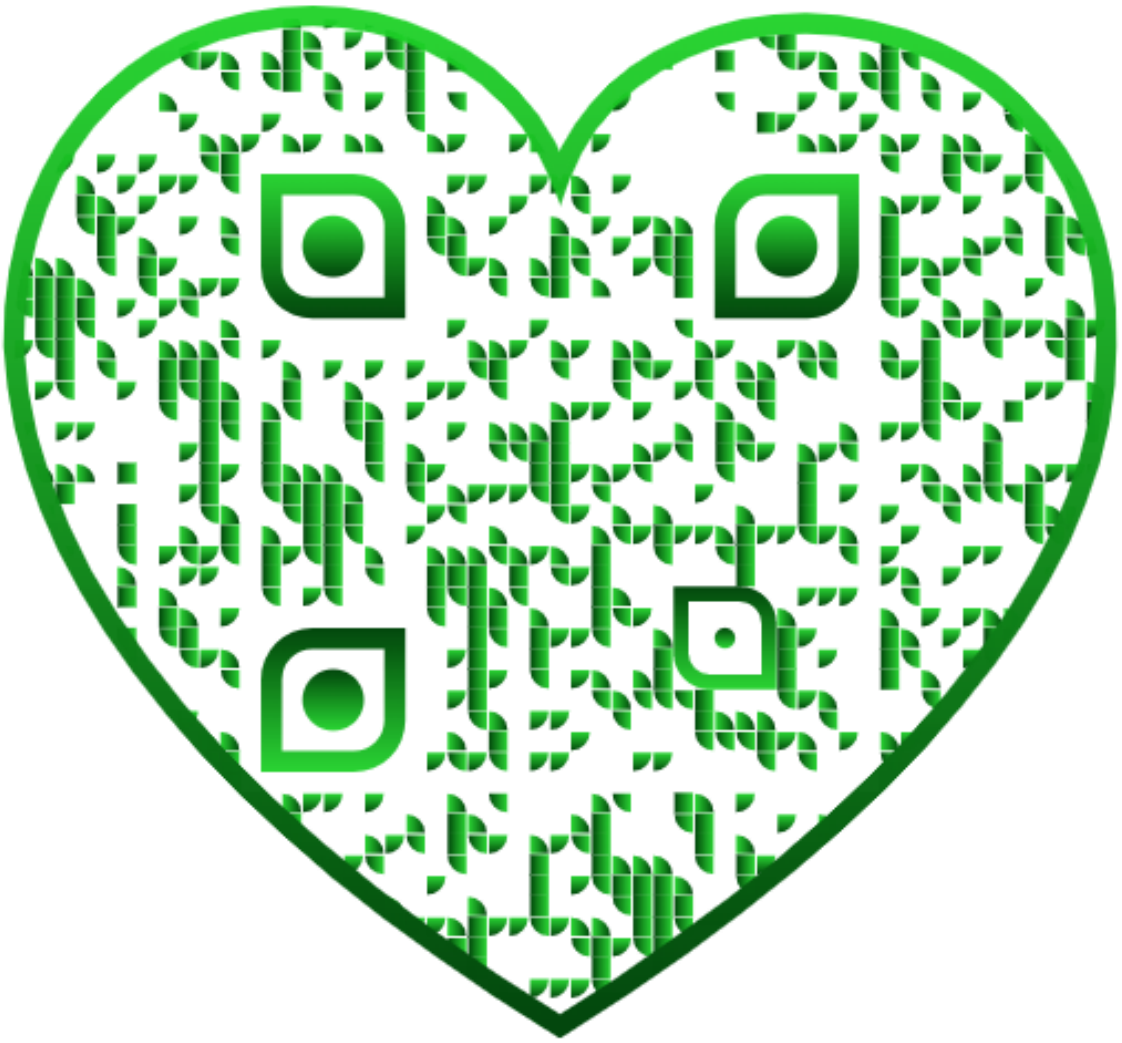
MENSAL
ANO XVIII
N.º 200
11/2017
€3.50
[CONT.]

✠ 200 ✠

MØNSPELL

UMA NOVA ERA

CELTIC FROST ELECTRIC WIZARD CANNIBAL CORPSE
DESTRUCTION THE HAUNTED FOR THE GLORY



TEUTONIC THRASH LEGENDS

DESTRUCTION

THE NEW ALBUM

THRASH ANTHEMS II

IN STORES **10.11.**

CD | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

12 Refuelled Classics including
'Confused Mind', 'Black Mass' and 'United By Hatred'

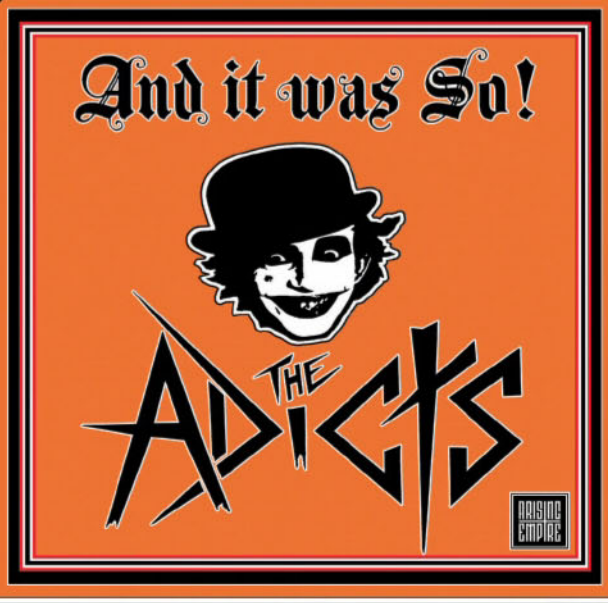
UK Punk legends THE ADICTS are finally back with their new record!

THE ADICTS

And it was So!

CD | LP | DOWNLOAD - IN STORES **17.11.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "PICTURE THE SCENE"



A NEW DIMENSION OF SYMPHONIC POWER METAL

"More metal, more direct and still as epic.
A 3-voice power metal at its best!" - METALLIAN (F)

ALMANAC

KINGSLAYER

CD+DVD-DIGIBOOK | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

IN STORES **24.11.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "LOSING MY MIND"

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-926026 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

Prime ARTISTS

FEAT FIRST MANAGEMENT + CONTRA PROMOTION PRESENT
EPICA
ANNEKE VAN GIERSBERGEN'S VUUR
MYRATH
21 NOV. › ALTICE ARENA (SALA TEJO) › LISBOA
22 NOV. › HARD CLUB › PORTO
TICKETS AND VIP AVAILABLE AT EPICA.NL
CONTRA
MEO ARENA
»TICKETLINE LOUD!

AN EVENING WITH
STEVEN WILSON
TO THE BONE TOUR
STEVENWILSONHQ.COM
31.01.2018 › ALTICE ARENA - SALA TEJO
NEW ALBUM TO THE BONE RELEASED AUGUST 2017
BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
www.primeartists.eu | fb.com/primeartists
Prime ARTISTS

NOT DEAD YET!

LOUD! #200. Ora bem, aí está mais um aniversário da nossa/vossa revista. Este tem, no entanto, um gostinho especial. Para nós e, queremos acreditar, também para quem nos segue são já 200 edições ininterruptas, quase duas décadas de presença constante nas bancas e nas vidas de quem, como nós deste lado, continua a não conseguir viver sem música, sem ouvir música ou sem ler sobre música. É engraçado que, desde o início, esse tem sido o fio condutor durante estas últimas quase duas décadas de LOUD!. O projecto começou, verdade seja dita, porque todos os envolvidos na génese, sem excepção, queriam fazer chegar a música que ouviam a mais gente e criar um veículo para informar todos os que sabíamos estarem aí fora a querer receber as boas novas dos músicos que apreciam. A ideia agora parece estranha, demasiado romântica, e a passagem dos anos aproximou-a perigosamente do ridículo, mas o plano sempre foi criar algo que, para o melhor e para o pior, ninguém estava a fazer em Portugal.

O BLITZ, ainda jornal, tinha artigos e críticas a discos de música pesada todas as semanas, mas sabíamos bem que isso não chegava. Aquilo de que o pessoal que ia aos concertos e às lojas de discos estava a precisar era de uma revista de metal, uma coisa feita "à séria". Foi isso que a equipa, já com experiência acumulada noutras andanças, se propôs a fazer na recta final dos 90s, primeiro com a RIFF e, uns anos depois, com a LOUD!. Ainda a estudar ou a entrar no mercado de trabalho, decidimos "dar o corpo ao manifesto" e embarcar nesta aventura que, para alguns de nós, dura até hoje. Entretanto muita água correu debaixo da ponte, a imprensa, sobretudo em papel, sofreu mudanças radicais, as pessoas começaram a ter acesso à informação num *click*. O Mundo, mudou. Para melhor ou para pior? Vocês decidem. Nós, em vez de baixarmos os braços e rendermo-nos aos prognósticos mais fatalistas, adaptámo-nos e, acima de tudo, perseverámos.

Hoje somos a única publicação mensal, escrita em português e inteiramente dedicada aos sons pesados e alternativos, disponível nas bancas. Há quase duas décadas. Pusemos no mercado 200 edições consecutivas sem quebras, sem interrupções. Isso acaba por ser mesmo uma das coisas mais surpreendentes nesta história. Na altura, e acho que posso falar por todos os envolvidos, ninguém esperava que a LOUD! durasse tanto tempo. Acho, inclusivamente, que não havia ninguém a pensar a longo-prazo. Ainda nem sequer tínhamos telemóveis, mas a cabeça estava no imediato, no querer fazer acontecer e, depois, logo se via qual o resultado. Às tantas, os passos começaram a ser mais pensados, mais ponderados, mas no início era tudo a emoção a falar. Eu, por exemplo, já sabia bem que queria fazer vida da escrita, de preferência sobre bandas e discos, mas não sabia quanto tempo duraria este sonho tornado realidade. Hoje, olhando para trás e pondo tudo em perspectiva, este #200 é um verdadeiro marco.

Mesmo que não fosse por mais nada, esta edição seria sempre especial porque representa 200 meses a dar a conhecer muita música, de forma atenta e apaixonada. O melhor disto tudo, no entanto, é saber que o momento representa não só o que ficou para trás, mas sobretudo o que ainda está para vir. A LOUD! #200 é a proverbial entrada numa nova era, num novo ciclo, em que, como já fizemos tantas vezes no passado, preparamos o futuro. Começamos já este mês com um *layout* renovado e *design* exclusivo de capa, fazendo com que este primeiro passo do resto da nossa vida se transforme numa peça daquelas para guardar, e mais tarde recordar. Prometemos não nos ficar por aí, claro. Atentos ao que de mais relevante se vai fazendo, sempre com o devido ênfase na "cena" nacional, à semelhança da L! Mixtape, que podem ler na pág. 22, conteúdos novos vão ser introduzidos nos próximos meses, de forma a manter entusiasmado quem está deste e desse lado.

Não deixa, portanto, de ser curioso partilharmos este momento especial com os Moonspell, banda que nos acompanha desde o início deste percurso. Eles, como nós, estão a entrar numa nova era com o abraçar da língua materna como único veículo de expressão lírica e, ainda por cima, a cantar em em português sobretudo o terramoto de 1755, que deu início a um nova era para a cidade de Lisboa e de Portugal. Há coincidências que não se podem explicar, a não ser com um "a sorte protege os audazes".

LOUD!

N.º 200 / NOVEMBRO 2017

LOUD!
Rua Carlos Mardel, 32 . 3º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 218075103

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, Luís Pires, Luís Rattus, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro Pedra, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque

CAPA
João Diogo

DESIGN
Joaquim Pedro / Phobos Anomaly

ILUSTRAÇÕES
Bela Hilário, Stebba Ósk, Pedro Silva

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Bernardo Serralha [bernardo.serralha@loudmagazine.net], Pedro Oliveira [pedro.oliveira@loudmagazine.net]

DEPARTAMENTO MULTIMEDIA
Daniel Marujo
[daniel.marujo@loudmagazine.net]

WEBDEVELOPER
Marco Morais
[marco.morais@gmail.com]

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

DISTRIBUIÇÃO
VASP

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

LOUD!

#200

ÍNDICE

NOTÍCIAS 06

STUDIO REPORT **WRATH SINS** 08

THE BLACK WIZARDS 10

ROSETTA 12

ELECTRIC WIZARD 14

CELTIC FROST
INTO THE PANDEMONIUM 18

ASSINATURAS 21

LOUD! MIXTAPE 22

LOUD! DJ **SWR** 24

ANTI-FLAG 26

DESTRUCTION 28

THE HAUNTED 30

FOR THE GLORY 32

MOONSPELL 34

ALL PIGS MUST DIE 40

MAYHEM
TOUR REPORT 42

CANNIBAL CORPSE 46

DISCOS 49

TESOURINHO
PERTINENTE 59

LIVE & LOUD! 62

AGENDA 66

NOTÍCIAS
POR NELSON SANTOS

SERRABULHO

No próximo dia 28 é editado o segundo álbum dos **ANNIHILATION**, intitulado «The Undivided Wholeness Of All Things». A banda de death metal foi alvo de uma reestruturação de *line-up* desde que lançou a estreia «Against The Storm» em 2011, contando agora com Sofia Silva dos Neoplasmah e A Tree Of Signs na voz, num quinteto liderado pelo guitarrista e vocalista de apoio Fábio da Silva, único membro original. O novo trabalho tem o selo da editora checa Nice To Eat You Records, tendo sido misturado por Max Tomé dos Colosso e masterizado em Roma por Stefano Morabito.

Há mais um colectivo com membros conhecidos da cena extrema do Porto que pode vir a dar que falar. Chama-se **AXIA** e tem um álbum pronto a lançar em 2018 pela editora polaca Selfmade Records, casa de bandas como Dead Infection e Agathocles. «Pulverizer» inclui 21 curtos temas grind/black/death de atmosferas obscuras e alguma melodia, misturados por Max Tomé e masterizados por Peter in de Betou na Suécia. O músico dos Colosso é aqui o guitarrista de serviço, ao lado do baixista Zé Pedro (Holocausto Canibal, Grunt, The Ominous Circle, Dementia 13), do vocalista Alex Vale e do profícuo baterista Marcelo Aires.

Desde que se reuniram em 2012, os **BOOBY TRAP** têm-se mantido bastante activos em termos de lançamentos. «Drunkenstein» é o título do novo EP a sair neste mês de Fevereiro, através da Firecum Records e da Non Nobis Productions. São cinco novos inéditos e duas versões dos Ramones e Simbiose, gravações que decorreram entre Junho e Julho no estúdio Partyboob da banda de Aveiro. Este *digipak* sucede a dois *splits* lançados já este ano com os Albert Fish depois de, em 2016, o grupo ter editado o álbum «Overloaded».

Formados em Queluz há 21 anos, os **DOGMA** estão de regresso, tendo alguns elementos, pelo meio, formado os Insaniae. «Reditum» é o título do novo trabalho do sexteto de gothic/doom metal, álbum de dez temas com quase uma hora de duração. Com Isabel Cristina e Gonçalo Nascimento nas vozes, Luís Possante e João Marques nas guitarras, Miguel Sampaio no baixo e Rui Nunes na bateria, o grupo apresentou esta nova fase no passado dia 7 de Outubro em Almada. Para trás ficam uma *demo* e os EPs «Último Grito» e «Memoria À Obsessão Pela Dor».

No departamento do hard rock melódico, **SABINO** é um nome a ter em conta no panorama nacional. Trata-se de um quarteto com experientes músicos na área, designadamente o vocalista Sérgio Sabino, ex-Evidence e ex-Faithful, o guitarrista Ricardo Fernandes, ex-Timeless e produtor no estúdio Dynamix, o baixista Nuno Correia dos Forgotten Suns e Secret Lie, e o baterista Sérgio Ramos dos Triple X. O álbum «Tomorrow Is After You» está pronto a lançar neste mês de Novembro, com *artwork* de Augusto Peixoto.

Os **SERRABULHO** acabam de anunciar o título daquele que será o seu próximo álbum. «Porntugal», com subtítulo *Portuguese Vagitarian Gastronomy* sucede a «Ass Troubles» e «Star Whores», seguidos do *split* «Grind Is Love» que saiu há um ano. A banda transmontana de grind/death fará a produção do novo material nos estúdios Blind & Lost com produção do baixista Guilhermino Martins. Sempre muito activos ao vivo, os Serrabulho fizeram quase 90 datas após o anterior álbum e, para 2018, já estão confirmados no XXXapada na Tromba, em Lisboa, e no Eradication Fest, no País de Gales.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
CHAMBRE FROIDE – Rouges Chapelles
GODS FORSAKEN – In Pitch Black Grave
GORGOROTH – Antichrist
HARVESTMAN – Music For Megaliths
UNSANE – Sterilize

JOSÉ CARLOS SANTOS
GNAW – Cutting Pieces
KING GOAT – Conduit
DAWN RAY'D – The Unlawful Assembly
THE NATIONAL – Sleep Well Beast
ALL PIGS MUST DIE – Hostage Animal

NELSON SANTOS
I LIKE TO SLEEP – Bedmonsters
SONS OF APOLLO – Psychotic Symphony
LENTO – Fourth
CRIMSON GLORY – Transcendence
SHARK MOVE – Ghede Chokra's

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO
CANNIBAL CORPSE – Red Before Black
NICK CAVE AND THE BAD SEEDS – The Boatman's Call
DEAFKIDS – Lâmina Cortante
MOONSPELL – 1755
SUCCUMB – Succumb

JOAQUIM PEDRO
BATHORY – Blood Fire Death
DEADHEAD – Swine Plague
ENTRAILS – World Inferno
BRUTO & THE CANNIBALS – Twisted Twist
SON OF CAIN – Closer To The Edge

RICARDO AGOSTINHO
PRIMITIVE MAN – Caustic
THE WAR ON DRUGS – A Deeper Understanding
AMENRA – Mass VI
BATTLE DAGORATH – II – Frozen Light Of Eternal Darkness
JOY DIVISION – Closer

★★★ OS TOPS DO ★★★ JCS

10 OUTRAS BANDAS "LUNARES"
01. :OF THE WAND AND THE MOON:
02. LUNAR AURORA
03. SUN KILL MOON
04. CULT OF LUNA
05. SECRETS OF THE MOON
06. MOON DUO
07. THE MOON AND THE NIGHTSPIRIT
08. MOON
09. DECEMBER MOON
10. MOONSORROW

MARTIN ERIC AIN

LENDÁRIO BAIXISTA DOS HELLHAMMER E CELTIC FROST MORRE AOS 50 ANOS

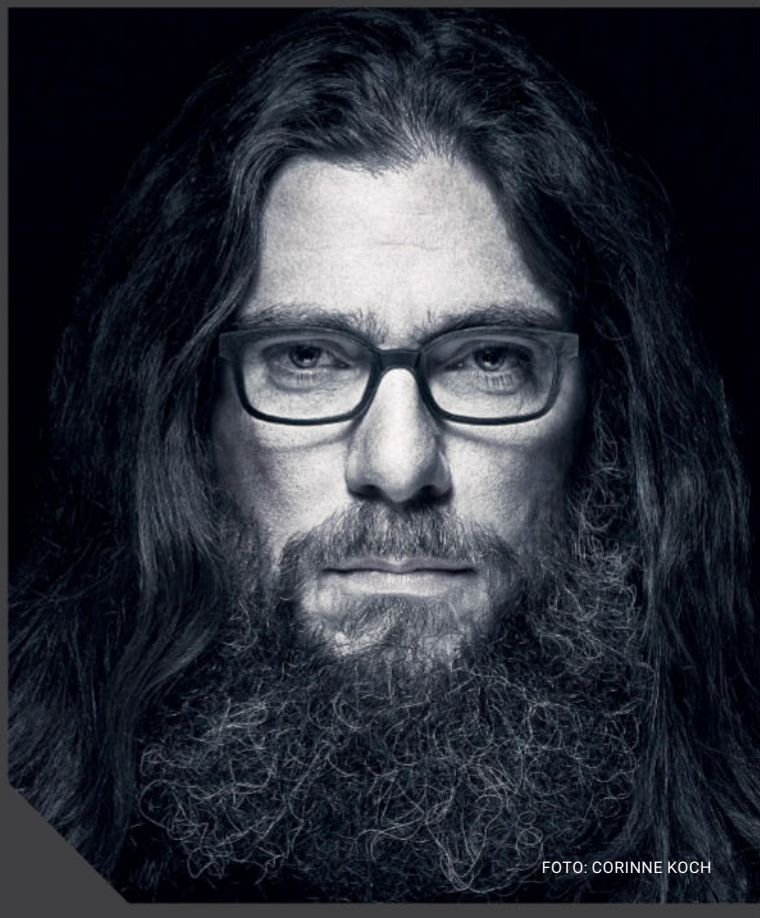


FOTO: CORINNE KOCH

Mesmo em cima do fecho desta edição tão especial da LOUD!, onde inclusivamente celebramos o 30.º aniversário do revolucionário **«Into The Pandemonium»**, recebemos a pior das notícias, que nos deixou em choque, a nós e a todo o underground internacional. **Martin Eric Ain**, baixista dos **Hellhammer** e dos **Celtic Frost**, sempre ao lado de **Thomas Gabriel Fischer**, *aka* Tom G. Warrior, faleceu em Zurique no passado dia 21 de Outubro, vítima de ataque cardíaco. Até à data de fecho da edição, não havia mais detalhes disponíveis, mas o seu antigo companheiro de banda já reagiu ao seu desaparecimento: "*Sinto-me profundamente afectado pela sua morte,*" disse Fischer. "*A nossa relação era complexa e não isenta de conflitos, mas as nossas vidas estavam intimamente entrelaçadas desde que nos conhecemos em 1982.*" De nome verdadeiro **Martin Stricker**, o suíço nascido há 50 anos nos Estados Unidos entrou para os Hellhammer em 1983 e rapidamente estabeleceu uma parceria artística com Tom G. Warrior que revolucionou o metal tal como o conhecemos. Com o fim dos seminais, ainda que de curta duração, Hellhammer, a dupla formou os Celtic Frost literalmente no dia seguinte, tendo encetado um percurso que, apesar de acidentado, se confunde com o da própria música extrema. Do primitivismo de **«Apocalyptic Raids»**, passando pelo lúgubre ataque cerrado de **«Morbid Tales»** ou **«To Mega Therion»**, até ao vanguardismo inovador do aniversariante **«Into The Pandemonium»** e ao regresso estrondoso que foi **«Monotheist»** em 2006, isto tudo com centenas de palcos obliterados pelo caminho, a obra deixada por Martin fala inteiramente por si e não será, certamente, esquecida por nenhum fã de música pesada.

MOONSPELL • 1755 •

EMOTIONAL, TECHNICAL AND COMPLETELY EARTHSHAKING!

MOONSPELL LIVE!

03.11. Santiago / Malatesta
04.11. Bilbao / Santana 27
05.11. Valencia / Rock City
06.11. Barcelona / Salamandra
07.11. Zaragoza / CC Delicias
08.11. Madrid / Sala Caracol

ON TOUR w/ [CRADLE OF FILTH]

DATES:
FACEBOOK.COM/MOONSPELLBAND

NAPALM STORE EXCLUSIVE DELUXE BOX-SET AVAILABLE AT WWW.NAPALMRECORDS.COM

OUT 03.11.! MOONSPELL - 1755 Available as LTD Digipak, LTD Vinyl and Download / Stream!

VISIT OUR ONLINE STORE WITH OVER 20.000 ITEMS – SPECIAL EDITIONS, CDS, VINYL, DVDS, MERCHANDISE: WWW.NAPALMRECORDS.COM!

FACEBOOK.COM/NAPALMRECORDS

DOWNLOAD THE FREE NAPALM APP FOR BOTH IPHONE AND ANDROID!

WRATH SINS

«Contempt Over The Stormfall» já tem sucessor, cerca de dois anos após a sua edição. O segundo trabalho dos WRATH SINS intitula-se «The Awakening» e tem saída anunciada para 11 de Novembro, altura em que o grupo irá fazer a sua apresentação no Metalpoint, situado no Centro Comercial Stop, a outra Casa da Música do Porto, onde também foi gravado o disco. A banda recebeu a LOUD! para falar do novo trabalho e apresentar parte dos temas.

EMANUEL FERREIRA

André Matos é certamente o músico de metal mais ocupado da Invicta: ao trabalho como baixista, junta a produção, e tem ainda a seu cargo o selo Raising Legends. No catálogo da sua editora guarda vários nomes de qualidade, e é sabido que os Wrath Sins fazem parte do seu núcleo duro. Foi na sua presença, e na do quarteto de Gaia também, naturalmente, que se escutou «The Awakening», um trabalho que ainda estava a ser terminado em meados de Outubro. Pelo meio, o disco será misturado e masterizado nos Hertz Studios, que já receberam nomes como Behemoth, Vader ou Decapitated.

Entre discos, o baterista Diogo Márlon, como contou o guitarrista/vocalista Miguel Silva, teve de emigrar. "*Foi no início deste ano, quando começávamos a pré-produção do disco, e por isso tivemos de parar para procurar um novo baterista,*" explica. "*Estivemos algum tempo encravados para resolver a situação, e então o André sugeriu o Eduardo Sinatra para não atrasarmos muito. Também achámos que ele era a pessoa ideal para o que nós queríamos, e ele fez um bom trabalho, sob pressão. Consegue brilhar no álbum, e demos um passo em frente, qualitativamente, com o trabalho dele.*" Questionado sobre a tarefa de substituir Eduardo doravante, o novo baterista definitivo Diego Mascarenhas afirma-nos que isso é o mais fácil. "*O que ele fez, já está criado, e só tenho de tocar. No próximo disco é que tenho de mostrar o que posso fazer,*" diz sem problemas. O Miguel continua: "*Mesmo com o trabalho do Sinatra, tivemos de continuar à procura de baterista e encontrámos o Diego, que já está há quatro meses connosco. Fizemos várias audições e ficámos com o brasileiro que diz umas piadas giras,*" conta entre risos. Residente em Portugal há dez anos, Diego integrou já a banda de death/doom Fallen Paradise, de Matosinhos, e também colaborou com os brasileiros Noturnall aquando de uma passagem de dez datas pela Europa. O resto do grupo completa-se actualmente com Rui Coutinho na guitarra e Ricardo Nora no baixo.

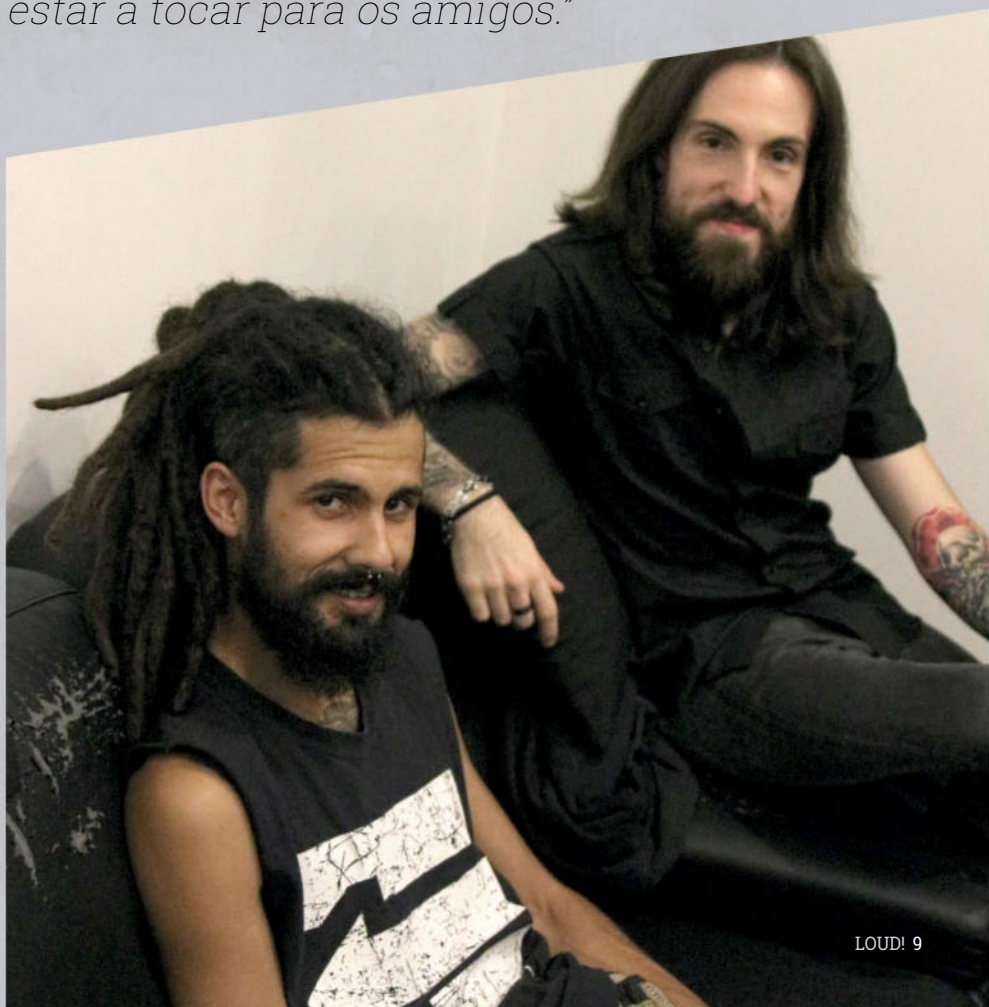
Do sempre importante segundo disco ("*É sempre aquela pressãozinha,*" confidencia o Miguel), começámos por escutar «Shadow's Kingdom», a terceira faixa, que apresenta uma dinâmica rápida, intercalada por refrães *mid-tempo* e bastante melódicos. Com quase seis minutos, percebe-se logo que o colectivo se afasta um pouco do thrash mais directo, entrando em terrenos progressivos, procurando a melodia e virtuosismo, sem nunca perder a capacidade de criar um bom *moshpit*, conforme explica

o Miguel: "*Nunca fomos uma banda pura de thrash metal, pese embora estarmos inseridos nesse género desde o início, mas temos também uma influência melódica, que sempre tentámos incorporar. Um problema que as bandas do género têm, a nível nacional, é o 'bilhete' do princípio ao fim, e nós nunca quisemos fazer isso. Queríamos que neste álbum o som soasse o mais cheio possível. Dois anos após termos gravado o primeiro disco, mau era se também não evoluíssemos em estúdio e na composição. Já no anterior tentámos introduzir alguns teclados para melhorar o som, mas agora aprendemos realmente como aplicar as coisas devidamente, e seguir um caminho mais radiofónico.*" «Collision», o quarto tema, tem uma entrada calma, e rapidamente ganha ritmo, crescendo para mais um tema de thrash poderoso, mas recheado de pequenos pormenores de bateria a que se juntam *layers* de guitarras e voz. Nesta faixa está um dos convidados do disco, André Ribeiro, conhecido pelo seu trabalho em Oblique Rain e Sullen. À data da escuta, ainda se falava de outros dois convidados, embora não confirmados. Questionados sobre se tudo estaria pronto na data pretendida, foi André Matos a responder, explicando que na contratação dos Hertz Studios, foi explicado que a data de edição do álbum obrigaria a um trabalho urgente. "*Eles já sabem as misturas que vão usar, entregam-nos três amostras e só temos de escolher. Fomos metendo* layers *e experimentando efeitos e prolongámos isto,*" explica o *frontman*. "*Ainda estamos a meter* samples, *que poderemos não usar já na apresentação, e tudo irá depender do concerto e da sala em que actuarmos de cada vez. Se houver vias suficientes e condições, poderemos usá-los em palco. Nos últimos meses temos tentado cumprir todos os prazos, já que no início nos atrasámos um pouco. Posso mesmo afirmar que temos mais tempo aqui no estúdio que na sala de ensaios. Este disco é importante para lançar a banda para outro patamar, por isso esperamos chegar ao dia 11 de Novembro com tudo pronto.*"

Para promoção do disco, foi escolhida a faixa «Unquiet Heart». O vídeoclip que o acompanhará estará a cargo da Isframe, com direcção de João Lobo. Este é também o primeiro tema propriamente dito do disco, depois do *intro* «Beneath Black Clouds». Questionado sobre as razões da escolha, o Miguel justifica-se: "*Era a música que tinha um bocadinho de tudo o que está no disco. Partes mais melódicas, outras mais densas, mais agressivas também, e um refrão que nós achávamos que ficava no ouvido. Foi por aí.*" Para além dos já mencionados, o disco conclui-se com os temas «The Sun Wields Mercy», «Fear Of The Unseen», o instrumental «Strepidant Mist», «Between Death's Line», o tema-título «The Awakening» e «Silence From Above». Destes, a LOUD! escutou «Silence From Above», que apresenta um início soturno e evolui para uma cadência rápida, com alguns dos refrães mais melódicos do disco e uma base sonora em que teclados produzem uma harmonia com vozes femininas. «The Awakening» é também um álbum conceptual. *"Em termos de história, aborda um personagem que, através de perda, se remete para si, perdendo-se em si próprio, criando um mundo só dele, deambulando entre crença e descrença, o bem e o mal, personificados por duas figuras que tentam orientá-lo ou desorientá-lo,"* conta o guitarrista/vocalista.

O colectivo aposta forte na sua presença ao vivo. A digressão associada a «The Awakening» aparece naturalmente, depois do bom trabalho feito aquando do primeiro disco. "*Conseguimos desbravar algum caminho, demos quinze a vinte concertos, num período de cerca de um ano,*" recorda o Miguel. "*Eu e o Ricardo tínhamos alguns conhecimentos de salas em que, na altura, pouca gente tinha tocado. Tocámos em Alpendurada, por exemplo, num bar que só tinha tido três ou quatro concertos. Chegámos a ir a algumas cidades onde é raro fazer coisas, como Braga, onde tocámos com os Demon Dagger, chegámos a tempo de ser inseridos num Vimaranes Metallum, em Guimarães, e fizemos o RCA com os Ramp. Fomos duas vezes ao antigo Canecas, e também tocámos em Viseu. Com este disco também vamos tentar fazer algo diferente, tornar cada concerto uma experiência e fugir um pouco daquela mentalidade underground de estar a tocar para os amigos. Queremos que quem nos venha ver, fique com o concerto na memória. A temática do disco puxa a isso e tudo o que estamos a preparar para o concerto de apresentação é nesse sentido – as bandeiras, peles do bombo, tudo isso. Queremos que as pessoas olhem para o palco e percebam que tivemos cuidado com a apresentação, não é só pegar nos instrumentos e começar a tocar, vamos marcar pela diferença.*"

"Com este disco também vamos tentar fazer algo diferente, tornar cada concerto uma experiência, e fugir um pouco daquela mentalidade underground de estar a tocar para os amigos."



SEM FÔLEGO!

A história conta-se rapidamente: o disco novo dos THE BLACK WIZARDS, «What The Fuzz!», saiu no passado dia 1 de Setembro, seguiu-se uma presença na Festa do Avante, depois embarcaram numa digressão de dezassete datas por nove países, seguidas de cinco datas nacionais... e ainda só estamos em Novembro. Para o ano está já garantida a presença no Desertfest londrino. De perder o fôlego, não? A LOUD! foi falar com Joana Brito, guitarrista e vocalista, para tentar entender o... *fuzz*.

EMANUEL FERREIRA

Quase um mês de *tour*, que tal?
Foi fixe, muito mais fixe que a outra. Fomos a sítios melhores, tivemos mais tempo para a foto, para estar nos sítios, *chillar* um bocado e não ser só aquela coisa de chegar e montar tudo. A nível de público foi bom, tirando um sítio ou outro onde tocámos para meia-dúzia de pessoas. No geral correu muito bem.

E sentiste que o público estava nas salas para vos ver?
Eu senti, sobretudo, que as pessoas sabiam quem nós eramos, até porque havia sítios onde os bilhetes eram extremamente caros. Por exemplo, em Espanha, os nossos bilhetes custavam aí doze "paus". Onde íamos havia sempre gente que nos conhecia, algumas pessoas se calhar foram por arrasto, mas na maioria era sempre gente que sabia ao que ia, nunca tocámos em nenhum bar em que o pessoal frequentasse apenas pela música ao vivo.

Em Espanha já vos começam a conhecer, pelo menos.
Sim, em Málaga já nos conheciam bem, pois tínhamos estado na mesma sala no ano passado. Em Espanha acho que já somos bem conhecidos, não somos aquela banda que vai de vez em quando, a palavra tem-se espalhado. Acho que podemos dizer que já quase conquistámos a Península Ibérica. Inclusive já tocamos em alguns festivais porreiros da cena underground. Ainda este ano tocámos no Riff Ritual em Barcelona, e fomos super bem recebidos e acarinhados. Sempre que vamos a Espanha vemos alguém com uma *t-shirt* nossa, é muito frequente. O público espanhol é normalmente bastante entusiasta. É engraçado como a postura do público varia de país pra país.

Pelo meio da *tour*, aquela notícia de participarem no Desertfest, em Londres.
Incrível. Sem dúvida uma meta alcançada, uma coisa em que pensávamos há muito tempo. Vai ser um *boost* muito importante para nós.

Abrirá portas?
Penso que sim, não para outros Desertfest, mas para outros festivais.

Ainda o disco estava a sair e meteram-se logo à estrada… e só dois meses depois é que começam a tocar em Portugal.
Por duas razões muito simples: primeiro, profissionais; por exemplo, o Mendes tinha aulas e se faltasse arriscava-se a ficar com o ano congelado. Em Portugal podemos fazer as datas ao fim-de-semana, não tens o hábito de poder tocar à terça ou à quarta. Por outro lado, está a ter mais impacto, já reparámos que aqui em Portugal te valorizam mais se souberem que lá fora fazes coisas. Acaba por ser uma situação fixe, porque chegas cá e o pessoal abraça-te.

Por acaso, durante a vossa *tour*, vi um *post*, de outro músico, que criou algum ruído, em que se referia à falta de cobertura da imprensa sobre os grupos que fazem digressões europeias e que batalham fora de fronteiras. Sentes isso?
Sim, por parte de alguma imprensa é um bocado ridículo. Em Portugal tens montes de pessoal que se está mesmo a esforçar para fazer a cena, e os meios de comunicação não te ajudam em nada, tirando meia-dúzia de pessoas que vão tomando conta. O pessoal da imprensa mais "alta" está-se marimbando para ti e só quer saber das bandas que vêm de fora. Se calhar, um nome que vem de fora já é incrível, se és de Portugal, mesmo que vás lá fora, não conta. Se não tiveres cunha, vai-te foder, é assim que funciona!

Entre uma digressão como a que fizeste, sem destaque nos *media*, ou a presença num mega-festival de Verão, num palco secundário, com a imprensa desses *media* presentes, o que preferes?
Claro que é fazer *tour*. A mim não me interessa nada o tempo de antena. Isto é um pouco como antigamente, nas conquistas, em que os gajos iam para lá, armados e começavam a conquistar terreno. Consegues chegar a mais pessoas trabalhando no campo do que saindo uma vez na revista, em que fazes o *hype* por um ano e depois já ninguém quer saber de ti porque não fizeste mais nada. É sempre importante trabalhar na estrada, mesmo que a imprensa não saiba de ti. Um dia vai ter de saber porque as pessoas já te conhecem e inevitavelmente eles vão ter de falar de ti.

Já há planos para voltar a sair, para lá do Desertfest?
Para o ano já temos mais coisas, não me posso adiantar muito, mas o Desertfest vai servir para fazer mais umas datas. Temos muita gente de Inglaterra a comprar os nossos CDs.

"Já reparámos que aqui em Portugal te valorizam mais se souberem que lá fora fazes coisas. Acaba por ser uma situação fixe, porque chegas cá e o pessoal abraça-te."

O vosso primeiro disco foi muito directo, enquanto as gravações para este já foram mais cuidadas. Uma necessidade?
Achámos que da outra vez foi tudo muito a correr e precisávamos de alguma experiência de estúdio, fazer tudo com mais calma, até porque as músicas pediam muito mais trabalho e delicadeza a fazer as coisas. Queríamos um trabalho de estúdio mais notório, até para nos divertirmos um bocado.

Referes o facto de a gravação do «Lake Of Fire» ter sido muito rápida, mas todo o percurso entre ele e o «What The Fuzz!» foi extremamente célere, muitas bandas demoram anos para fazer isso.
Não sei o que aconteceu, mas aquilo rolou imenso. Acho que o «Lake Of Fire» é um disco muito fácil de ouvir, é daqueles discos que não precisas de ouvir cinco vezes para ficar no ouvido. Na altura em que ele foi feito, acho que era preciso, fazia muito sentido, uma cena directa, sem merdas e acho que resulta muito bem.

Queres dizer que o «What The Fuzz!» não é directo?
O «What The Fuzz!» é um disco muito mais complexo, que não entra à primeira. A nível de conteúdo é mais complexo e precisa de ser ouvido mais que uma vez.

Se calhar é um disco que conta mais histórias que o anterior.
Sim, é mais conceptual, tentamos fazer algo mais que mandar músicas para um CD, tem mais ligações, letras que se interligam, foi feito a pensar para ser assim.

Sentiram necessidade de mudar algo nele, ou foi ele que vos fez mudar?
A nossa intenção é que o disco fosse um ciclo, em que os primeiros temas fossem mais obscuros e a partir de um momento as coisas começassem a melhorar e a ser mais *bright*, e no fundo foi o que aconteceu um bocado connosco. Passámos momentos algo agrestes e depois tudo melhorou. A última música é mesmo isso, do tipo, estás bem, passas a estar mal e depois bem outra vez.

Agora que o disco já tem algumas semanas após a edição, já começaram a ter o *feedback*? Os fãs estão satisfeitos?
Acho que temos as duas coisas, há pessoal que gosta mais deste disco, há quem preferisse o outro, e é normal. Quantos mais discos saírem, mais dividido vai estar o público. Quanto à recepção, estamos a ter críticas boas.

Vocês são novos, alguns tomaram opções para poder seguir esta carreira, mas ainda deve ser estranho para quem vos rodeia, ver-vos lançar dois discos em dois anos e fazer digressões fora de portas.
Não. Falo por mim, os meus pais apoiam-me imenso no que quero fazer e não há muito que enganar.

Digo isto porque em 2015, quando começaram, se calhar a expectativa era poderem tocar no Porto e em Lisboa.
Não, quando começámos a banda, a nossa expectativa era viver disto. Começámos a trabalhar todos os dias para esse objectivo. Nunca fomos aquilo tipo de grupo que tem a atitude, "vamos ver o que isto vai dar". Desistimos dos cursos que estávamos a tirar e moldámos a nossa vida em função desses objectivos.

LIBERDADE, RIGIDEZ, FELICIDADE E DEPENDÊNCIA.

O post metal dos ROSETTA continua a evoluir de forma surpreendente. «Utopioid» é o sexto disco do grupo, terceiro com edição de autor, e o mais conceptual trabalho que já fizeram. A forma como foi lançado – inicialmente só no Bandcamp – é também curiosa, até porque o próprio Eric Jernigan confessa não comprar música digital com frequência. De forma a saber mais sobre a criação do novo álbum, ligámos ao guitarrista e vocalista, que se encontrava no Arizona *"a olhar para uma paisagem muito bonita de montanhas de deserto em Tucson"*, um dia antes do começo de uma digressão na costa oeste.

LUÍS PIRES

Vocês discutiram bastante o conceito do «Utopioid» antes de o começarem a escrever, não foi?
Tínhamos uma estrutura já feita e os detalhes acabaram por surgir em simultâneo com a música, no sentido em que os riffs, as emoções expressas por cada progressão de acordes, e as mudanças de tom nas letras aconteceram em simultâneo. Foi um processo emergente em que nos dedicámos realmente a dar vida a essa estrutura. Mesmo em termos de gravação no estúdio, tínhamos uma ideia pormenorizada daquilo que queríamos captar, desde as letras até aos padrões de bombo. As únicas coisas que ficaram de certa forma em aberto foram pequenos *overdubs* de teclados ou os ambientes e drones de *feedback* de guitarra.

Também foi um processo em que escrutinámos as contribuições de cada um. Normalmente cada um tem o seu território, o que o baixista quer tocar é um assunto dele. Desta vez discutimos cada uma das nossas partes. Claro que às vezes o baixista é mesmo a melhor pessoa para decidir como o baixo deve ser, mas quando alguém tinha uma mudança a sugerir, fosse com uma certa nota ou até com o regressar a uma parte anterior, pensámos nessa hipótese. Quando haviam disputas, votámos como comité. Uma das coisas que surpreendeu toda a

gente desta vez foi o quão confortáveis estivemos neste sistema mais aberto.

De acordo com os vídeos que disponibilizaram no estúdio, estruturaram o álbum em quatro partes, simbolizadas pelas palavras "admiração, invencibilidade, expiação, perda." Podes contar-nos algo sobre a ligação entre tema e estrutura?
Tivemos várias conversas em que listámos ideias sobre os pensamentos e emoções que a personagem da história ia sentir nos vários períodos da vida e essas quatro palavras pareceram-nos resumir bastante bem o que queríamos. Foi frequente voltarmos a elas quando escrevíamos para ter a certeza de que cada peça se mantinha fiel à ideia original. Aconteceu termos de parar várias vezes e descartar material que pode ser que um dia veja a luz do dia. A primeira parte tem intencionalmente uma impressão aquosa, algo nostálgica e esperançosa. A segunda é mais energética e confiante, até algo arrogante e, de certa forma, positiva. Há esta sensação de ingenuidade, de que a vida é desenhada para a personagem. Na terceira parte, pegámos na ideia de uma pessoa no meio da vida a lutar com o facto de que as coisas não correram como o esperado, como é aliás o caso para a maioria das pessoas. É aí que temos a mudança para tonalidades mais negras e que entra a ideia de que quando esta promessa de felicidade não é cumprida há a necessidade de encontrar algo para preencher esse vácuo – como deves saber, há um problema enorme com o uso de opióides no nosso país e a vida das pessoas acaba miseravelmente. É por isso que a última secção é de longe a mais negra, é um comentário sombrio sobre o sentimento de vazio que uma pessoa adquire no fim da sua vida depois de atravessar este ciclo de vício e falta de esperança.

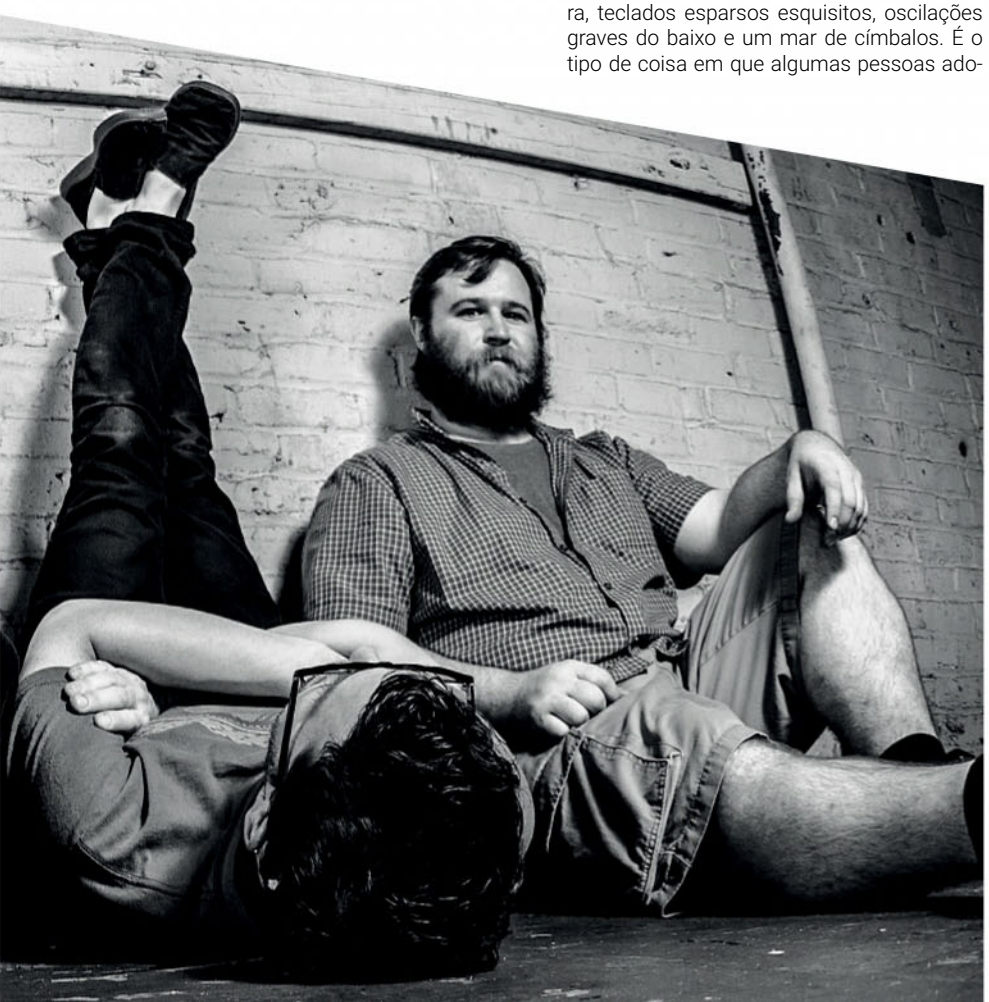
O que é que te surpreende mais no resultado final?
Desta vez criámos *demos* ao longo do tempo. Isso foi esclarecedor, permitiu-nos dar um passo atrás da excitação de termos uma canção nova para a poder avaliar em face da estrutura e do conceito que tínhamos. Admito que a certo ponto estava preocupado com a hipótese da soberania do conceito poder resultar em música não tão boa como seria se tivéssemos rédea solta e nos deixássemos levar. A grande surpresa foi mesmo termos conseguido um álbum que faz justiça ao conceito e estou muito orgulhoso com estas nove malhas. Acho que é um álbum que vai por territórios que os Rosetta ainda não tínhamos explorado. Houve aliás alguma trepidação entre nós pela forma como a nossa audiência poderia reagir mas ao mesmo tempo sabíamos que adorávamos o que estávamos a escrever e que era fiel ao que queríamos fazer.

"As liberdades que advêm da falta de editora são gratificantes e não me consigo cansar de elogiar o facto de poder mostrar ao mundo a minha arte assim que a concluo."

De que forma é que o «Utopioid» pode chocar com as expectativas?
É o tipo de álbum que requer muito paciência. Deixámos alguma secções propositadamente abertas para explorar sons emergentes. Por exemplo, o final da «Hypnagogic» é para nós um ponto alto no disco; há um drone do Armine [Michael, vocalista e teclista] que flui e reflui, várias camadas de *feedback* de guitarra, teclados esparsos esquisitos, oscilações graves do baixo e um mar de címbalos. É o tipo de coisa em que algumas pessoas adoram perder-se a ouvir enquanto que outras mudam imediatamente de música assim que o sumo da canção acaba. Essa música foca-se no encontrar de paz na miséria pela personagem e era preciso um momento de reflexão; aceitar que a vida se gastou e que o único consolo que resta é no acto de dormir.

Este já é o terceiro disco que lançam sem editora, sendo que houve um período muito reduzido entre estarem no estúdio e o lançamento. Como te sentes em relação a essa liberdade?
Nesse aspecto é fantástico e acho que não há muitas bandas na nossa posição com a noção do quão satisfatório é terminares a tua peça de arte e dá-la logo ao mundo. Nós acabámos literalmente a masterização um dia antes de lançarmos o álbum no Bandcamp. Normalmente há este período em que já tens o álbum e estás orgulhoso, eventualmente começas a dissecá-lo até que o odeias e já nem sabes se o queres lançar. Eis que chega o calendário da editora e, merda, vais mesmo lançá-lo. Como o fizemos, não há tempo para esta auto-crítica inútil. É interessante ver o reverso da medalha com os fãs a exigirem logo cópias físicas do disco. As pessoas estão habituadas ao modelo das editoras em que há prazos rígidos e pré-encomendas. No nosso caso, tudo passa mesmo só por nós os cinco, não temos sequer um *manager*. Todas as decisões são nossas, desde as encomendas, aos orçamentos, à calendarização, e marcação de concertos. As liberdades que advêm da falta de editora são gratificantes e não me consigo cansar de elogiar o poder mostrar ao mundo a minha arte assim que a concluo, mas o trabalho que resulta disso é intenso. É também um risco enorme. Se uma editora tem um orçamento para um álbum e depois ninguém o compra, é chato, mas é o dinheiro da editora que se perde. No nosso caso, o investimento era 100% nosso.

Começaram por lançar o disco no Bandcamp num sistema de preço aberto e com imensa variedade de ficheiros para onde escolher. Estão satisfeitos com este método?
No que toca aos diferentes formatos, o crédito vai todo para o Matt [Weed, guitarrista e teclista] que é o audiófilo da banda. Não conheço muitos artistas que ofereçam mais do que o mp3 e o *lossless*, pelo que quando ele nos propôs esta ideia aceitámos logo. O sistema de preço aberto resulta de nos termos apercebido de que dez dólares não significam o mesmo para toda a gente no planeta. No fim do dia, se uma pessoa pode pagar 50 cêntimos ou 50 dólares pelo disco, o importante é que o possa obter. Em geral, este parece-nos a forma mais ética de abordar música digital.



ELECTRIC WIZARD

ALTA VOLTAGEM

Chegados ao nono registo de longa-duração, os ELECTRIC WIZARD elevam-se finalmente acima das convenções e do género em que se enquadram há já mais de duas décadas, construindo a sua própria visão do rock pesado clássico. «Wizard Bloody Wizard», novo álbum do quarteto radicado no Somerset, apoia-se num som que leva o ouvinte de volta a uma temida época em que "pesado" era sinónimo de Blue Cheer e Black Sabbath, e em que "rock'n'roll" significava drogas, *groupies* e paredes gigantes de amplificadores em palco. Canções como «See You In Hell» ou «Necromania» são blues bastardizados para o séc. XXI, o proverbial arrastar do riff colossal para fora do túmulo, num mundo cada vez mais dominado pelo que é imediato. Sobre isso e muito mais, tivemos uma cândida conversa com Jus Oborn, o líder dos autores do incontornável «Dopethrone».

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

Para início de conversa, como descreverias este «Wizard Bloody Wizard»?
Uma daquelas perguntas complicadas logo para começar?! [risos] Diria que é um disco diferente... Uma visão diferente do que podem ser os Electric Wizard.

O objectivo era surpreenderem as pessoas?
Talvez, de certa forma. Não nos sentámos a pensar exactamente no facto de querermos ou não surpreender as pessoas, mas quisemos fazer um álbum um pouco diferente. Aparentemente, foi o que fizemos. Não sou gajo de andar a ler o que se escreve sobre nós... Não sou, de resto, grande especialista na internet. Leio uma crítica aqui ou ali, um artigo qualquer quando a editora me envia uma revista ou um *scan* de qualquer coisa interessante. Mas lá está, não gosto de passar muito tempo ao computador. Sim, sou assim tão antiquado! [risos] Além disso, tocando o tipo de música que tocamos, acho que não devemos estar propriamente preocupados com o que se diz acerca de nós. Houve muita gente ao longo dos anos que não gostou dos Electric Wizard. Já não é propriamente uma surpresa. Somos demasiado lentos, somos demasiado sujos... Enfim, houve sempre uma série de defeitos a apontar a esta banda. Por mim, está tudo bem. Já estou habituado e, verdade seja dita, há uma montanha de bandas das quais também não gosto.

Ou seja, não fazes questão sequer de saber o que se vai dizendo, é isso?
Basicamente, sim. Aprendi a lição. [risos] É claro

que vou sempre falando com as pessoas, quando as encontro, quando faço estes dias de entrevistas. Desta vez, a maioria do pessoal com que falei mostrou-se surpreso, sem dúvida, mas as reacções têm sido muito positivas, por isso acho que é um daqueles álbuns que pode demorar algum tempo a crescer no pessoal. O que não deixa de ser estranho, sendo que é provavelmente um dos nossos registos mais directos de sempre. Não sei... Se calhar as pessoas não me iam dizer na cara que o álbum é mau, sabes?

Nunca se sabe, Jus...
[risos]

Pelo que dizes, parece que sabias de antemão que o «Wizard Bloody Wizard» teria de ser um álbum diferente, mesmo antes de o começares a escrever.
É isso mesmo. Já tinha esta ideia de fazer um disco mais curto, que coubesse num só LP ou num só lado de uma cassete de 90 minutos. Desta vez não queríamos fazer mais um álbum duplo, por isso mantivemo-nos atentos a esses parâmetros – tínhamos forçosamente de ter apenas vinte e poucos minutos de música por lado. Optámos por fazer algo diferente do que ir para o estúdio gravar *jams* de quinze minutos, que duram, duram e duram. Depois acabamos com álbuns duplos e cenas desse género. [risos] É algo que continuamos a adorar fazer, claro que é, mas para este disco a ideia era condensar um pouco mais, depurar o som e ter uma produção um pouco mais limpa, por assim dizer. Quero que as pessoas possam finalmente ouvir com mais definição o que cada um de nós está a tocar.

Foi fácil chegar lá?
Foi, basicamente, uma questão de deixar a música respirar. Criámos mais espaço entre as duas guitarras, entre o meu som e o da Liz. Até porque o que pretendíamos era relativamente simples; o que queríamos era, literalmente, ter um som melhor.

Mais que nunca, agora estás habilitado a responder a questões técnicas, uma vez que criaram o vosso próprio estúdio para gravar o álbum.
É verdade! Agora tenho o meu estúdio. Ou, se calhar, é melhor chamar-lhe anti-estúdio. [risos] Isto porque queríamos criar o menor distanciamento possível entre os músicos e a fita. Tínhamos de cortar coisas, de usar menos equipamento... Acho que o nosso som em bruto, por si próprio, já é devastador, percebes? E isso devia bastar. Com a passagem dos anos, os estúdios profissionais tornaram a situação da gravação progressivamente mais difícil e complicada e, verdade seja dita, acho sempre que as melhores gravações são as mais simples e básicas, por isso decidimos ir por aí e tentar esse tipo de abordagem. Construímos, basicamente, o estúdio onde queríamos trabalhar. São só microfones, uma mesa de mistura, um gravador de fita... e é isso. Sem merdas.

O plano, de futuro, passa por gravares também outros grupos nos Satyr IX?
Não montámos o estúdio com essa intenção, queríamos mesmo só gravar este álbum, mas agora, depois de termos tido essa trabalheira toda, não é uma hipótese que ponha totalmente de parte. Não é que, de repente, queira fazer carreira como produtor, engenheiro de som ou algo desse género, mas gosto imenso de trabalhar com outros músicos e é algo que tenho feito nos últimos anos. Gravei, por exemplo, o último disco dos Cough e diverti-me imenso a fazê-lo.

Voltando ao «Wizard Bloody Wizard»... Houve algo específico que tivesse inspirado a vossa mudança de paradigma sonoro?
Vamos lá ver... Eu não acho que seja assim uma mudança radical, continuamos a ser os Electric Wizard. [risos] Mas sim, há sem dúvida uma mudança sonora. [pausa] O nosso último disco era tão sujo e longo, que senti necessidade de uma mudança. O «Time To Die» era uma verdadeira *headtrip*, sabes?

"Porque não fazermos blues, mas ao nosso estilo? Blues ultra-pesados. Um boogie funéreo e paquidérmico para este inferno que é o séc. XXI."

Não era esse o objectivo?
É sempre, com os Electric Wizard. [risos] Mas acho que fomos longe demais. Ou, pelo menos, tão longe quanto podíamos ir naquele registo. Era tudo muito negativo e parecia que estava tudo a correr-nos mal. Estávamos demasiado focados naquilo, entrámos numa espiral e as coisas cada vez corriam pior, parecia que estávamos condenados a fracassar. Com esta formação que temos agora, isso mudou. As coisas começaram a correr melhor e sentimo-nos todos muito bem. Fomos para o estúdio e tocámos, sem merdas, como uma verdadeira banda de rock'n'roll. Divertimo-nos mesmo muito a fazer música, basicamente foi isso.

Tentaste, activamente, afastar pensamentos negativos?
Na verdade nem tive de afastar, porque pura e simplesmente não os tive desta vez. Estamos todos com muito boa onda. Sabes como é... Às tantas, as merdas negativas começam a comer-nos por dentro. Pode ficar um bocado "pesado", se é que me entendem. [risos] E não nos podemos deixar ir abaixo, a questão é essa. Às vezes é preciso parar um bocado e perceber o que raio andamos aqui a fazer. De certa forma, o «Wizard Bloody Wizard» é um resultado disso. Percebemos que era inevitável dar um passo atrás e afastarmo-nos por uns tempos do *business*, porque isso nos estava a atrasar. A miséria, para o melhor e para o pior, não nos ajuda a escrever boa música. Vivemos a fazer aquilo de que gostamos, certo? Pois bem, é bom fazê-lo e aproveitar ao máximo.

E isso reflectiu-se na música, claro.
Fizemos um disco agressivo, mais rápido. Com mais energia, basicamente. A composição do «Time To Die» foi muito complicada, demorou uma eternidade; desta vez foi exactamente o oposto, foi tudo muito rápido. A «See You In Hell», que abre o disco e acabámos por escolher para *single* de avanço, foi a primeira canção que escrevemos durante as sessões de composição. E percebemos de imediato o que íamos fazer. A nova direcção em que devíamos entrar. Queríamos fazer música pesada, claro, mas real. Queríamos inspirar-nos no rock mais básico, nos blues, mas manter o lado brutal que sempre nos caracterizou. Tenho para mim que a maior parte da música pesada que se faz hoje, a música pesada moderna, digamos assim, perdeu totalmente o rumo e desapareceu pelo seu rabo acima. [risos] Actualmente é tudo muito pretensioso e técnico, por isso queríamos recuperar esse som primordial. Os blues ampliados, levados ao exagero mesmo. O Hendrix, os

Blue Cheer, os Led Zeppelin; todos eles pegaram nos blues e levaram esse tipo de som ao extremo. Foi isso que nos levou a pensar que podíamos fazer algo semelhante, mas com a personalidade própria dos Electric Wizard. Porque não fazermos blues, mas ao nosso estilo? Blues ultra-pesados. Um *boogie* funéreo e paquidérmico para este inferno que é o séc. XXI. No final, os temas têm uma aura meio desesperada, mas também são desafiadores.

Pela forma como tens estado a falar, parece que, ali a dada altura, a banda estava mesmo à beira do abismo.
A banda e eu. Passei uns tempos deprimido, a drogar-me ainda mais do que já é habitual e entrei num registo entre o paranóico e o defensivo. Mas depois de sair desse buraco, tornou-se tudo mais claro. A partir do momento em que começámos a trabalhar com a nova formação e a montar o estúdio, foi como se alguém tivesse levantado aquela enorme nuvem negra que carregávamos nos ombros. Tornou-se mais fácil. Na verdade, o facto de estarmos a trabalhar com músicos que respeitamos e com quem nos damos bem faz diferença. A atitude mudou, radicalmente.

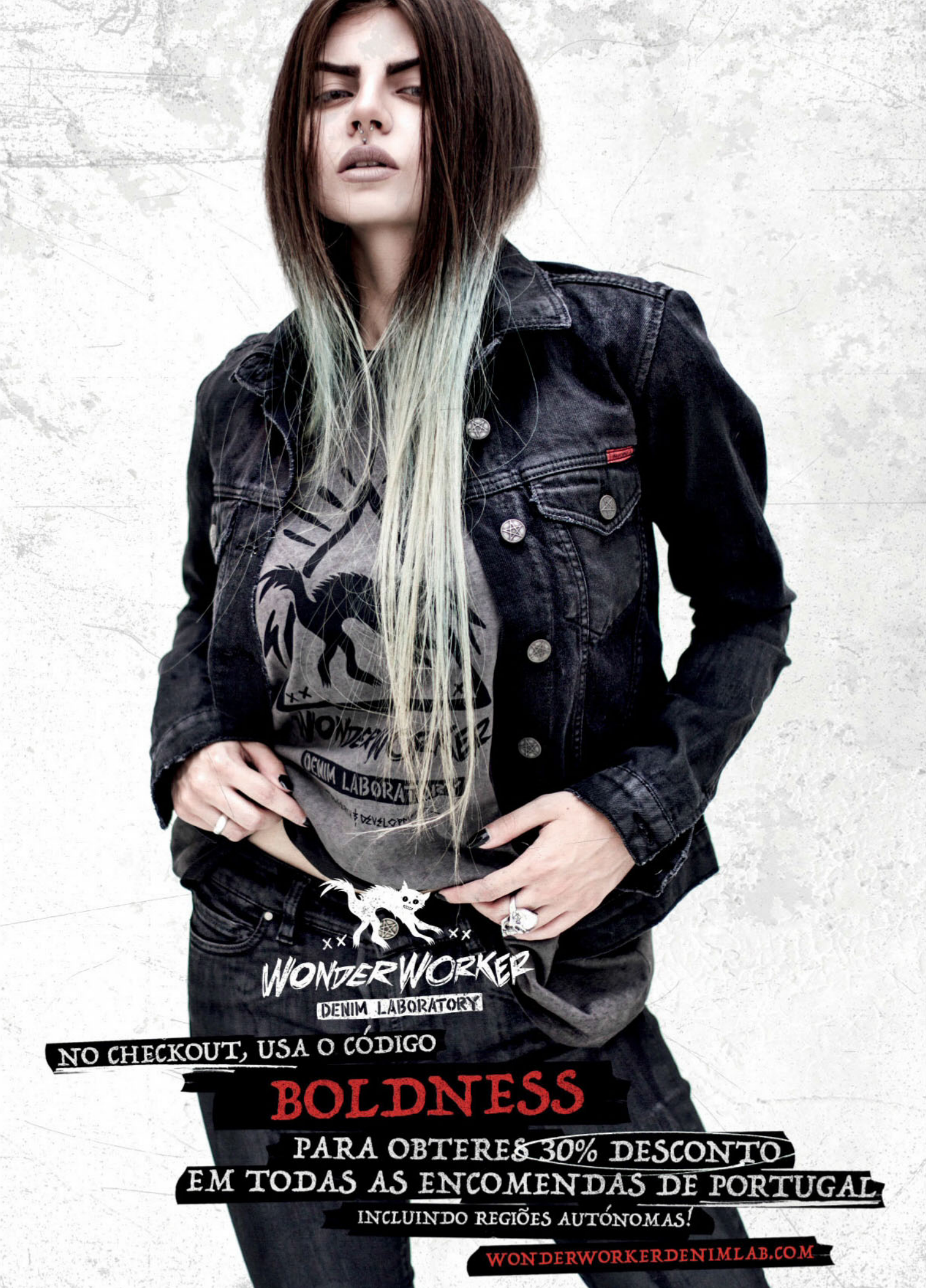
Isso trouxe diferenças ao processo de composição, além de o tornar mais fácil?
Nem por isso, não. [pausa] Há uns anos que funcionamos da mesma forma, eu e a Liz escrevemos os riffs e, depois, a banda vai tocar para a sala de ensaios. As canções crescem com toda a gente a tocar, todos dão o seu contributo. Eu não me lembro de um dia ter escrito um tema inteiro, com início, meio e fim, que depois ensinei o resto do pessoal a tocar isso nunca se passou. Não sou gajo de gravar maquetas das canções, sequer. Tocamos todos juntos e os discos tomam forma assim. O riff é a base de tudo, de facto, mas a forma como o riff reage à secção rítmica também é essencial e dita a orientação a tomar. Como somos todos diferentes, temos abordagens diferentes aos nossos instrumentos... Cada pessoa reage à sua maneira e essa química é impagável.

Fala-nos um pouco mais do Clayton Burgess e do Simon Poole.
Bem, o Clayton é um miúdo fantástico. Toca nos Satans Satyrs e é um músico magnífico, traz uma energia incrível à banda. Começámos a tocar com ele logo a seguir à edição do «Time To Die». Já estávamos em contacto e conhecemo-nos quando os convidámos para tocar na Electric Acid Orgy, no Roadburn. Foi aí que os vi ao vivo pela primeira vez e "passei-me", por isso, quando percebi que queria ter músicos tão inspiradores quanto possível a tocar comigo, pensei de imediato nele. O Simon, por seu lado, tinha estado na banda há uns tempos e retomámos o contacto entretanto. Começámos então a tocar os quatro e eles dois deram-se logo muito bem, o que é uma vantagem. Uma boa banda de rock tem sempre de ter um baixista e um baterista que funcionem bem juntos. Fizemos muitos concertos e, no nosso caso, as peças nem demoraram muito a encaixar no *puzzle*, por isso, a partir daí, foi sempre a produzir em bom ritmo. O mais importante: damo-nos todos bem, não só como músicos mas também como pessoas. No contexto desta banda, não quereres matar alguém que está a tocar contigo já é uma enormíssima vitória. [risos] As tensões são muito engraçadas e, até certo ponto, inspiradoras, mas às tantas já não suportas tanta coisa negativa. Não dá.

Em termos de longevidade, parece a opção mais acertada, de facto.

"O mais importante: damo-nos todos bem, (...) No contexto desta banda, não quereres matar alguém que está a tocar contigo já é uma enormíssima vitória."

Sem dúvida. Sobretudo ao vivo, as coisas não funcionavam. Estávamos sempre à beira do desastre e isso começava a tornar-se saturante. Quando tocamos ao vivo, temos de olhar uns pelos outros. É que não faz qualquer sentido estar em palco, alheado de tudo o que se passa à volta isso não é fixe. Mentalmente, todos os elementos de um grupo têm de estar na mesma frequência, que é o que acontece quando as pessoas se dão realmente bem umas com as outras. A concepção do «Wizard Bloody Wizard» foi muito indolor, diria, o que, de certa forma, é uma novidade para nós. Acima de tudo, este álbum serviu para provar uma coisa engraçada sim, as discussões, os ódios, até podem dar origem a grandes canções, mas nunca resultam em grandes bandas.


WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
NO CHECKOUT, USA O CÓDIGO
BOLDNESS
PARA OBTERES 30% DESCONTO
EM TODAS AS ENCOMENDAS DE PORTUGAL
INCLUINDO REGIÕES AUTÓNOMAS!
WONDERWORKERDENIMLAB.COM

Into The Pandemonium

Quis o destino, que até tinha proporcionado a feliz coincidência de esta histórica LOUD! #200 estar disponível nas bancas a 2 de Novembro, dia exacto em que se cumprem 30 anos sobre o lançamento original de «Into The Pandemonium» dos CELTIC FROST, que o dia do fecho de edição nos trouxesse a chocante notícia da morte do baixista Martin Eric Ain. Assim sendo, o tom de recordação original deste texto altera-se completamente, e fica a servir esta conversa mantida semanas antes com o seu companheiro de sempre na lendária banda (e também nos Hellhammer), Tom G. Warrior, como uma singela homenagem a quem ajudou a revolucionar a música que amamos, pelo seu vanguardismo e espírito aventureiro delirante. R.I.P. Martin!

JOSÉ CARLOS SANTOS

À medida que o metal extremo começa a saltar gerações e a ganhar um sentido de história, vai-se prestando mais atenção aos aniversários de discos marcantes. É para ti menos interessante falar disto do que discutir as tuas actividades actuais?

Não, porque seria menos interessante? Faz parte da minha vida, são criações minhas, tal como as coisas que faço agora, e algumas delas são realmente muito importantes para mim, como é o caso. O que faço hoje com os Triptykon também vai, dentro de alguns anos, fazer parte do passado. Por isso, para mim não há diferença nenhuma.

Excelente. Continuemos então, sem medos. Como é que encaras o «Into The Pandemonium», agora que se cumpre o seu 30º aniversário? Como é que te lembras dele?

Foi um álbum enormemente importante para nós. Acho que foi o passo final na carreira dos Celtic Frost, no sentido de cumprir aquilo que queríamos fazer com a banda. Tínhamos deixado os Hellhammer para trás porque nos sentíamos limitados. Havia poder e energia nos Hellhammer, mas queríamos fazer muito mais, construir muito mais em cima da base da música pesada. Isto, claro, é o que os Celtic Frost eram, mas a verdade é que não éramos músicos muito experientes quando começámos essa banda. Por isso, tínhamos que aprender a fazer isso primeiro, a ganhar experiência e a tocar melhor. Na altura em que fizemos o «…Pandemonium», acho que tínhamos chegado a essa plataforma. Os três primeiros discos dos Celtic Frost são uma espécie de trilogia, e o «…Pandemonium» é o epílogo perfeito para ela. Tenho um orgulho imenso nesse álbum. Foi muito difícil de fazer, foi um projecto extremamente ambicioso, e creio que fomos muito além das nossas capacidades. Dito isto, acho que a produção podia ser muito melhor, mas tivemos que lutar muito enquanto estivemos no estúdio. Durante os três meses e meio que estivemos lá, lutámos diariamente contra a editora, para que não terminassem a produção do disco de vez.

Já falaste várias vezes desse conflito… Qual era, exactamente, o problema da editora?

Eles não acreditavam no nosso conceito. Não acreditavam que o álbum viesse a ser um sucesso, da forma como o estávamos a fazer. Influenciaram negativamente a produção, contra a nossa vontade, durante praticamente todos os dias em que estivemos no estúdio, e claro que isso se ouve no disco. É o único desgosto que tenho em relação ao «…Pandemonium». Claro que não podíamos fazer nada para combater isso na altura, mas quem tem que viver com o resultado para o resto da vida sou eu. Mas mesmo assim, foi um disco que nos fez "explodir", e isso serviu como uma espécie de vingança.

Ao recordarmos esses tempos, falamos em trilogias, em experiência e em evolução, mas é incrível apercebermo-nos de que, desde o momento em que terminaste os Hellhammer até terem feito o «…Pandemonium», com tudo o que aconteceu pelo meio, passaram-se cerca de três anos. Três míseros anos.

Concordo, é uma observação que já fiz várias vezes, e confesso que é totalmente incompreensível para mim, visto daqui, do presente. Na altura, parecia que tudo durava imenso tempo, na minha cabeça, todos os processos foram longuíssimos, mas agora olhando para trás realmente tudo aconteceu em dois ou três anos, e isso é incrível. Todas as mudanças. E não foi só connosco, com as outras bandas dá-se a mesma situação. Era uma altura muito produtiva, era uma época inspirada e inspiradora, e acho que a diferença principal para o presente é essa. A música pesada atravessou muitas mudanças em poucos anos porque estava cheia de energia, de testosterona, de aventura, de anarquia… Era impossível entrar numa loja de discos e não sair sem ter ouvido uma banda nova qualquer que nos fazia dizer "wow, *quero experimentar fazer algo assim também!*" Era fantástico, havia tantos álbuns a sair que mexiam connosco, que nos revelavam novos horizontes a cada passo. E tenho saudades disso hoje em dia. Sei que a cena metal é muito rica, há provavelmente mais bandas hoje em dia do que alguma vez houve, mas de certa forma, artisticamente, muitas delas parecem estar a rodar no mesmo sítio. Acho que o progresso rápido que muitas bandas tiveram nos anos 80 deu-se porque era uma época na qual era impossível um artista abstrair-se da inspiração que existia à sua volta.

Quando é que "viraram agulhas" da fase anterior dos Celtic Frost para o «…Pandemonium»? Quando é que perceberam que ia ser um projecto desta dimensão?

Logo a seguir ao «To Mega Therion». Temas como «Babylon Fell», por exemplo, tocámo-los ao vivo durante algum tempo antes de os gravarmos. O Martin e eu sabíamos que íamos abandonar todas as regras, fronteiras e restrições que eventualmente tivessemos na cabeça. Claro que sabíamos que ia ser um projecto ambicioso tecnicamente também, e por isso precisávamos de mais tempo que o habitual. Comecei a escrever para o disco em finais de 1985, com muita antecedência, porque só o gravámos no início de 1987, precisamente por causa disso.

"Disseram-nos inúmeras vezes, na nossa cara, para fazermos um álbum que soasse a Exodus. Algumas vezes, sentados no estúdio à nossa frente, depois de ouvirem o que estávamos a fazer."

Ou seja, tinham desde o princípio a perfeita noção de que se estavam a meter em algo que não era propriamente "normal", mesmo para os vossos *standards* habituais?

Sabíamos que íamos arriscar tudo, que estávamos a jogar a nossa carreira neste passo, mas de forma alguma iríamos fazer algum compromisso por causa disso. Fomos muito mais corajosos com essa noção do que a própria editora. Nós não queríamos posar como homens nas fotos, queríamos ser homens a sério, para usar um *cliché* um bocado gasto. Se as pessoas nos chamavam artistas, queríamos honrar esse título. Já as pessoas da editora, borraram-se todos nas calças quando lhes dissémos o tipo de álbum que queríamos fazer. Ligavam-nos, literalmente, todos os dias no estúdio a dizer-nos que o álbum não ia vender, que não ia resultar, que os fãs de metal nunca o iriam ouvir. Mas nós dissemos-lhes que isto são os Celtic Frost. Eles tinham assinado os Celtic Frost, e isto é o que nós somos. De forma alguma voltaríamos atrás e diríamos, pronto, está bem, vamos fazer um disco que soe a Exodus ou a Slayer, que era o que eles queriam.

A sério?

Sim. Não estou a brincar, disseram-nos inúmeras vezes, na nossa cara, para fazermos um álbum que soasse a Exodus. Algumas vezes, sentados no estúdio à nossa frente, depois de ouvirem o que estávamos a fazer. Por muito que eu goste dessas bandas – e nós andávamos em digressão com eles e éramos amigos deles, a questão não é essa – claro que esse

não era o nosso estilo. Não era Celtic Frost, mas aquelas pessoas não entendiam isso.

É uma pena haver essa memória a manchar as coisas, porque a experiência de estúdio propriamente dita, foi excelente, não é verdade?
O estúdio era fantástico, realmente. O dono é, ainda hoje, um grande amigo meu, o Frank Bornemann, que era o líder dos Eloy, uma banda alemã de prog. É uma pessoa extremamente interessante, e aprendemos muito com ele ao trabalharmos juntos num álbum tão complexo. Apesar de tudo o que acontecia à nossa volta, consigo ter excelentes memórias dessa altura. Adoro Hannover, onde fica o estúdio, o que também ajuda. Por essas e outras razões é que depois voltámos a esse estúdio para gravar uma parte importante do «Monotheist», em 2005. Enquanto entidade criativa, tínhamos uma excelente experiência daquele sítio. Claro que são memórias que co-habitam com as negativas, mas essas eu sei a quem as atribuir. Sei quem culpar, portanto não me mancham a experiência. E como disse, o álbum ainda hoje é considerado um clássico, e essa é a nossa vingança definitiva. Nós tínhamos razão. A editora não.

De forma quase impensável, mesmo para os dias de hoje, o álbum inicia-se com uma *cover*. De onde veio essa ideia?
Foi algo totalmente espontâneo, sob todos os aspectos. Queríamos ter uma versão no álbum, mas durante algum tempo não nos conseguimos decidir em qual escolher. Certa noite estávamos a ouvir rádio e tocaram essa canção, e eu decidi logo ali. Disse ao Martin, "*é esta. Vamos fazer uma versão desta música, porque é fantástica!*" Éramos ambos grandes fãs de new wave, ouvíamos tanto new wave como metal naquela altura, e de certa forma, esta *cover* foi uma homenagem a essa influência. Tínhamos, afinal de contas, formado os Celtic Frost para isto também, para explorar outros estilos de música sem as limitações que tínhamos nos Hellhammer. Inicialmente, tínhamos pensado em usá-la como um lado B, ou um tema bónus, ou algo assim. Gravámos lá em Hannover, e sentimos logo que tinha uma energia enorme, e então, de forma igualmente espontânea, decidimos usá-la como tema de abertura do álbum. Já que tínhamos decidido ignorar todas as regras, e já que este tema funcionava tão bem, porque não? O álbum já é tão "*out there*" que mais este pormenor não vai fazer diferença nenhuma. Mais à frente havia temas como «Mesmerized», que é puro new wave, «One In Their Pride» que era todo electrónico… fazia alguma diferença o tema de abertura? Não!

"Noto que muitas das coisas que fizemos em 1987 eram consideradas 'impossíveis' de fazer no metal, e que desde essa altura se tornaram comuns."

Só não havia temas à Exodus… [risos]
[risos] Não, mas por acaso fizemos uma *tour* em co-*headliner* com eles nos Estados Unidos logo a seguir ao «…Pandemonium», e foi excelente! Adorávamos os Exodus de tal maneira que às vezes antes dos concertos ouvíamos o primeiro álbum deles para ficarmos todos *pumped up*.

Tens uma ideia geral de como o álbum foi recebido nos primeiros tempos?
Recebeu muito mais *feedback* ao princípio do que nós esperávamos, e percebemos logo que havia uma divisão. Talvez metade/metade, havia muita gente que não sabia bem como lidar com ele. Grande parte da imprensa adorou-o imediatamente, mas isso também é perigoso – acontece muitas vezes uma banda tornar-se uma favorita dos críticos e isso nunca se traduzir para os fãs. Basicamente, não sabíamos o que ia acontecer. Muitas *reviews* diziam bem da aproximação artística, mas não sabíamos se os fãs iam acabar por achar a mesma coisa. À medida que os meses passaram, descobrimos que o álbum tinha começado a vender muito bem, provavelmente por causa da *tour*, porque os temas resultavam muito bem em palco. O sucesso era óbvio a certa altura, e percebemos que a banda tinha dado um passo gigante em frente.

A «One In Their Pride» termina com o repetir da mensagem "*return safely to earth*"… coisa que os Celtic Frost, tristemente, não fizeram, depois de um disco tão importante.
Não, é verdade. Mas isso não esteve directamente ligado à nossa música, teve tudo a ver com as intromissões da editora. Depois da catástrofe que foram aqueles meses no estúdio, a banda não era a mesma. Cada vez que eles nos visitavam, tentavam de tudo para nos desencorajar. Quando terminou finalmente esse período, eu e o Martin decidimos que não íamos mais aturar isto, e começámos a tomar medidas para nos libertarmos do contrato que tínhamos. Claro que isto, especialmente naquela altura, era muito difícil, e 1987 transformou-se num ano terrível para nós. Os custos legais foram altíssimos, e apesar de termos tido sucesso eventualmente, durante muito tempo tivemos que lidar com más notícias de forma diária. Éramos muito jovens… Todas as bandas têm os seus conflitos normalmente, e nós, com esta pressão constante que durou mais de um ano, vimos esses conflitos duramente amplificados. Já era 1988 quando recebemos a notícia de que tínhamos conseguido a libertação do contrato, mas nessa altura já era tarde demais, a banda propriamente dita já não existia.

Conseguiste sentir o impacto do álbum nas décadas que se seguiram, até aos dias de hoje?
Não sei bem o que é que pode ser atribuído directamente a nós, mas sim, noto que muitas das coisas que fizemos em 1987 eram consideradas "impossíveis" de fazer no metal, e que desde essa altura se tornaram comuns. Usar electrónica, vozes femininas, instrumentos clássicos, influências new wave e outras coisas que focámos no «…Pandemonium»… muito gente nos disse que não podíamos fazê-las. Editavam-se discos nessa altura com declarações na capa de trás a dizer coisas como "*não se usaram instrumentos electrónicos neste álbum!*", e cenas do género. Hoje em dia, estas coisas são corriqueiras, o difícil é encontrar uma banda de metal que não tenha já trabalhado com alguma dessas "impossibilidades" da altura. Gosto que a cena seja mais aberta à experimentação, porque era mesmo esse o objectivo. Um estilo de música que é suposto ser anárquico, revolucionário e de oposição às estruturas estabelecidas, não pode ele próprio ter limites!

Pensas aproveitar este período de recordação e adicionar alguns temas do «…Pandemonium» ao *setlist* dos Triptykon nos tempos mais próximos?
A única restrição que temos é que estes temas são muito difíceis de tocar ao vivo sem a orquestra. Mas falámos em adicionar a «Mesmerized» para o ano e de certeza que vai acontecer, já que tanto eu como o Victor [Santura, guitarrista] adoramos o tema. Tocámo-lo muitas vezes na última digressão dos Celtic Frost. Também já pensámos na «Sorrows Of The Moon» e na «Inner Sanctum». Veremos. Com quatro discos dos Celtic Frost, dois dos Triptykon e ainda as cenas dos Hellhammer, é difícil escolher um *setlist* equilibrado.

ASSINA A LOUD!

E VAI À BORLA VER OS EPICA OU OS GRAVEYARD

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo para assinaturas@loudmagazine.net, a partir das 12:00 do dia 8 de Novembro. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para o concerto desejado dentro do limite do ***stock*** existente. Sejam rápidos!

Se, por acaso, os deuses estiverem loucos e não quiseres ir a um destes concertos, com chancela de qualidade Prime Artists; não desesperes!

Podes também escolher como prémio de assinatura o disco estreia dos portugueses **SON OF CAIN**, «LOWLIFE 69», um lançamento HALF BEAST RECORDS.

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM** VAIS – **SEM QUALQUER SORTEIO!** – A UM DESTES CONCERTOS

LOUD! BASIC
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de BI, morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

* Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 8/11, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

HUGO SANTOS

[PROCESS OF GUILT]

"*Há sempre um certo grau de conforto na elaboração de uma* mixtape," explica-nos o vocalista e guitarrista dos nacionais PROCESS OF GUILT, que têm andado aí na estrada a promover a novidade «Black Earth». "*Seja por que se trata de música nova, ou menos recente, que queremos mostrar a alguém, há sempre um grau de proximidade que remete a música exibida para uma parte concreta da nossa vivência. No fundo, trata-se de* comfort music *que pode variar de acordo com a disposição e um ou outro apetite específico, mas que nos remete para um local familiar. Pode a sequência não fazer sentido a mais ninguém, podem os lados da* tape *nada significar, mas se houver curiosidade de ouvir um álbum que seja com base num dos temas, a* mixtape *atinge o pleno propósito!*"

LADO A

Unsane
«Against The Grain»
[Visqueen, 2007]

Sem grandes apresentações, este é o disco cuja audição nos levou a trabalhar com o Andrew Schneider, responsável por muitos dos discos dos Unsane. Identidade, carácter e malhas a rodos é o que este álbum nos oferece, apresentado por este tema.

Tragedy
«Vengeance»
[Vengeance, 2002]

Quase podia ser qualquer tema deste disco, no entanto, desde o início até ao fim, o «Vengeance» sintetiza tudo aquilo que torna os Tragedy incontornáveis no cenário DIY da música extrema.

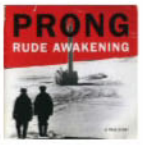
Killing Joke
«The Death & Resurrection Show»
[Killing Joke, 2003]

Com um ritmo viciante inicial, o disco homónimo de 2003 é (mais) uma prova da vitalidade e relevância de uma banda que por esta altura contava com os préstimos de Dave Grohl e do saudoso Paul Raven na base rítmica.

Godflesh
«Jesu»
[Hymns, 2001]

O último disco da fase inicial de Godflesh é, porventura, aquele que menos é valorizado quando se refere o vasto legado de J. Broadrick. É pena, porque este tema (com Ted Parsons na bateria) apresenta uns Godflesh mais orgânicos que nunca e capazes, como ninguém, de construir riffs gigantescos e catárticos.

Prong
«Rude Awakening»
[Rude Awakening, 1996]



É justo referir o mais extraordinário alinhamento de músicos de Prong, onde, juntamente a Tommy Victor, se alinharam Ted Parsons e Paul Raven para aquele que é o mais dinâmico e, ao mesmo tempo, mais menosprezado trabalho desta fase da banda.

Melvins
«Boris»
[Bulhead, 1991]

Todas as ***mixtapes*** deviam ter um tema dos Melvins, só porque sim. Da vasta discografia há muito por onde escolher, mas que aqui se mostre «Boris» – onde o pai de todos os riffs vem à tona.

LADO B

Lurker Of Chalice
«Spectre As Valkerie Is»
[Lurker Of Chalice, 2005]

Quase tudo o que o Wrest faz, de uma forma ou de outra, chama-me a atenção (com o «Massive Conspiracy Against All Life» à cabeça), no entanto, este projecto destaca-se de todos os outros pelo forte carácter cénico que a negritude da sua atmosfera assume.

Fields Of The Nephilim
«Sumerland (What Dreams May Come)»
[Elisium, 1990]

«Sumerland» apresenta-se como um bom cartão de visita para um disco que é denso e atmosférico como pouca coisa à data de edição. Não é o registo mais óbvio quando nos referimos aos FOTN, mas é aquele que, na primeira fase da banda, constitui o culminar da evolução da sua sonoridade.

Kowloon Walled City
«Your Best Years»
[Grievances, 2015]

Riffs, melodia e tom. Tudo no sítio certo. A melhor homenagem que se podia fazer aos Unsane no lado B, necessariamente mais negro, desta ***mixtape***.

Wovenhand
«The Hired Hand»
[Star Treatment, 2016]

Há já muito que a musicalidade de Dave Eugene Edwards faz parte de muitas viagens, pelo que este tema do último álbum apenas serve de exemplo à vitalidade que toda a discografia de Wovenhand transpira e de memória à energia que transmite ao vivo.

Nick Cave And The Bad Seeds
«Jubilee Street»
[Push the Sky Away, 2013]

Vítima de um encontro recente com a música deste senhor, estou há já uns tempos viciado na progressão deste tema e na sua linha melódica. Que se remeta para a energia da versão ao vivo de «Austin City Limits».

Nine Inch Nails
«The Great Below»
[The Fragile, 1999]

Podia ser outro qualquer tema, de outro qualquer disco dos NIN, mas, para fechar esta ***mixtape***, parece-me mais do que adequada a atmosfera de "epílogo" nele presente.

HELL XIS, AMPLE TALENT & FOUR ARTISTS PROUDLY PRESENTS :

WORLD PEACE CAN'T BE DONE

Cro-Mags

JOHN JOSEPH | MACKIE JAYSON | AJ NOVELLO

w/ supports

Dimension · Ground & Pound

10 Novembro 2017

Rca Club - Lisboa

www.hellxis.com

CLOCKWORK SUPER LOUD! MOSHER VISIONS FUZE

HELL XIS AGENCY APRESENTA

DISCHARGE

TRINTA & UM

11 NOVEMBRO 2017 - PORTO

HARD CLUB - 21H

WWW.HELLXIS.COM

CLOCKWORK SUPER LOUD! MOSHER

HELL XIS AGENCY APRESENTA

Death Before Dishonor

W GUESTS

LAST HOPE (BULGARIA)

CHALLENGE

14 NOVEMBRO 2017 - LISBOA

POPULAR ALVALADE - 20:30H

WWW.HELLXIS.COM

CLOCKWORK SUPER LOUD! MOSHER

HELL XIS AGENCY, HFMN AND MAD TOURBOOKING PRESENTS:

HFMN

NAPALM DEATH

BESTA

Deathrite

10 DEZEMBRO 2017 - PORTO

HARD CLUB - 20 HORAS

11 DEZEMBRO 2017 - LISBOA

RCA CLUB - 20 HORAS

WWW.HELLXIS.COM

CLOCKWORK SUPER LOUD! MOSHER

SWR

Para o histórico #200 da LOUD!, precisávamos de uma "vítima" ainda mais especial para o nosso DJ. Quem melhor, então, que os irmãos Veiga, Ricardo e Tiago, alma e coração do SWR Barroselas Metalfest, cuja história de vinte anos até se confunde e entrelaça com a da própria LOUD!? Apanhámos os manos numa bela noite de death metal, o estilo que os próprios também tocam nos seus Goldenpyre, e apesar da tareia que os Blood Incantation (note-se a *t-shirt* "adaptada" do Ricardo…), os Spectral Voice e os Festering nos deram, ainda houve tímpanos a funcionar de forma certeira para adivinhar as rasteiras musicais que lhes fomos passando.

AVULSED
«Breaking Hymens»
Do álbum «Deathgeneration» [2017]

O primeiro *headliner* estrangeiro da história do SWR, em 1998. A banda de Dave Rotten tem sido desde então presença regular no festival, e ainda hoje continua a debitar a sua habitual castanhada podre. Será que os Veiga têm acompanhado a carreira discográfica de *nuestro hermano*?

Ricardo: Eh caralho! [risos]
É bruto, é. E mais?
Ricardo: Parece sueco, mas não é sueco!
Tiago: É Haemorrhage?
Quase!
Ricardo: Avulsed!
Tiago: Mas esta voz gritada nem me parecia deles… A verdade é que eu já não acompanho os discos há uns anos valentes. [risos]
Ricardo: A primeira aparição deles no festival por acaso é uma história curiosa. Nessa altura não usávamos e-mail ainda e foi complicado…
Tiago: Tratámos de tudo por carta e por telefone, a pagar chamadas internacionais. Não era propriamente fácil. Fazíamos as coisas à noite, em casa…
Tiago: Nesse concerto, os Avulsed tiveram um problema com a carrinha, foram-se embora com um carro de substituição e só duas ou três semanas depois é que vieram buscá-la, tinha ficado empanada no sítio do festival. [risos]
Gerou-se desde então uma boa relação entre a banda e o festival, não foi?
Ricardo: Sim, aconteceu naturalmente e há-de haver sempre. Com várias bandas. Os amigos são os amigos.
Tiago: Quando as bandas têm um bom "espírito", quando chegam ao festival e vêem que aquilo é feito por pessoas que gostam do que estão a fazer, é natural que se estabeleçam essas relações, que depois se traduzem em vários concertos ao longo dos anos.
Ricardo: Vêem que o festival é feito por humanos!

MAYHEM
«Funeral Fog»
Do álbum «De Mysteriis Dom Sathanas» [1994]

Dias antes desta sessão, a SWR tinha organizado um concerto de uma banda relativamente importante… nada menos que os Mayhem, que já tinham tocado o seu mítico «De Mysteriis Dom Sathanas» em Barroselas, fechando assim uma "ferida" que demorou muitos anos a sarar (devido ao famoso cancelamento em 2001), e que agora passaram pelo Lisboa ao Vivo para fazer o mesmo. Mesmo assim, ainda demorou um bocadinho para a nossa dupla dinâmica acertar na emblemática «Funeral Fog»…

Ricardo: [acompanhando o riff] Pois, isto é Corpus Christii… não, espera, não é nada!
Não é, mas o N.H. vai gostar disso.
Ricardo: Que fracos que estamos! [risos] Também não é Decayed…
Não é, mas o J.A. também vai gostar disso. Enfim, tendo em conta o DJ do mês passado, se calhar menos. [risos]
Ricardo: É Darkthrone? [entra a voz] Não, é Mayhem!
Estava difícil! Qual é a vossa relação

com o black metal, enquanto ouvintes?
Ricardo: Digamos que não é regular…
Tiago: Pois, comigo também não, para ser sincero. E do que gosto, é mais black'n'roll, aquele mais *thrashalhado* do que propriamente o mais "negro".
E em relação aos Mayhem, sentiam que isso era aí uma ferida que precisava de ser fechada, e que foi finalmente cicatrizada este ano?
Tiago: Eu sinto que até havia gente que estava mais chateada que nós próprios durante este tempo todo… A verdade é que já passaram muitos anos. E destas duas vezes, eles portaram-se ao nível da banda que são. Por isso está resolvido.
Ricardo: Os ciclos fecham-se quando têm que fechar, é mesmo assim. Desta vez mostraram interesse em voltar a Barroselas, fizeram um acordo porreiro connosco, e num ano fizemos dois concertos.
Tiago: Foi uma edição do festival que nos complicou um bocado a vida, essa do cancelamento. Não só por eles não terem vindo, mas por tudo o que se passou nesse ano. Mas demos a volta por cima. Siga.

AUTOPSY
«In The Grip Of Winter»
Do álbum «Mental Funeral» [1991]
Gostámos tanto que o J.A. dos Decayed tenha finalmente acertado um tema do «Mental Funeral» no DJ do mês passado, que ainda o tínhamos aqui pronto a tocar. Não resistimos, para quebrar o tema "bandas que já tocaram no SWR", e também para deixar a mensagem – se houver uma votação na redacção da LOUD! sobre que banda gostaríamos de lá ver no futuro… é bem possível que sejam os norte-americanos a ganhar.

Ricardo: [imediatamente] É Pungent Stench!
Excelente iniciativa, forte e decidida. Mas não. [risos]
Ricardo: Mas eu conheço isto, claro que conheço. Isto foi o meu Verão, pá! É Autopsy! Eu só os vi uma vez, e foi em Agosto deste ano. Foi no Party San, e adorei. Foram eles e Possessed, são duas bandas que estão melhores do que alguma vez estiveram.
E para quando, em Barroselas?
Ricardo: Quando eles baixarem as calcinhas. [risos]
É obscenamente caro, é isso?
Ricardo: É exageradamente cara, sim.
Tiago: É impensável. É "sobrecara". [risos] Não é sobrevalorizada, porque o valor da banda é inquestionável, mas o valor monetário que é preciso é mesmo muito complicado. Não quer dizer que não cheguemos lá, mas…
Ricardo: Pois, impossível nunca será. Eu acho que mais ano menos ano, conseguimos. Mas o que eles fazem é um bocado medir a Europa toda pela Alemanha. Qualquer festival na União Europeia, é todo igual em termos de valor pedido. E isso não pode ser visto assim.
Fica o sonho. Ao longo dos anos, já concretizaram algum sonho pessoal, em termos de bandas no festival?
Ricardo: Já, ainda agora falei neles, os Possessed. Os Bolt Thrower também, mesmo já tendo sido há muito tempo. E às vezes as melhores bandas nem são as "maiores" bandas. Desfruto muito com bandas "menores", uns Coffins ou algo assim. A terceira linha dos cartazes, é onde estão muitas das minhas melhores memórias. [risos]

HOLOCAUSTO CANIBAL
«Trucidada Na Paragem»
Do álbum «Gorefilia» [2012]
Se não nos falha a memória, são já cinco presenças dos Holocausto Canibal em Barroselas, uma banda nacional cuja história, conforme os próprios também disseram em palco no concerto deste ano onde celebravam vinte anos de existência, se entrelaça na do festival, para usar novamente essa imagem.

Ricardo: Com este nível de *musicianship*, com esta classe… [risos] É Grog? Não é, pois não?
Não, mas já estás em território nacional, estás próximo.
Ricardo: Esta cena técnica… Não é Bleeding Display? Neoplasmah, ou essa onda assim. Holocausto? Isto é Holocausto?
Tiago: É do novo?
É do «Gorefilia»! Uma já da segunda metade do disco. Se tocássemos a «Violada Pela Moto Serra» adivinhavam logo, temos que ir dando umas voltas ao bilhar grande.
Tiago: Eles mudaram muito ao longo dos anos, e eu perdi-lhes um bocado o rasto, nos discos. Sou grande amigo de todos eles, e dão grandes concertos, mas reconhecer o material mais novo já é mais complicado!
Ricardo: E eu já percebi a cena técnica, é do P.G., que isto antigamente era muito mais *raw*. É uma banda que foi crescendo com o festival, e com os Goldenpyre também, a origem de tudo é mais ou menos na mesma altura, ali por 1997.
É de louvar também o esforço que fazem para manter uma componente nacional no festival.
Tiago: Sim, e também isso tem evoluído. A verdade é que no princípio não dávamos grandes condições às bandas nacionais. [risos] Agora já é diferente. Tocam em bons horários, têm outras condições.
Ricardo: Temos é um critério tramado para as seleccionar. Baseado em muitos factores, qualidade, persistência, a própria relação pessoal, também a circunstância de aparecerem num ano ou noutro, que é mais uma questão de *feeling*… pode ser apertado, mas é o que consideramos justo.

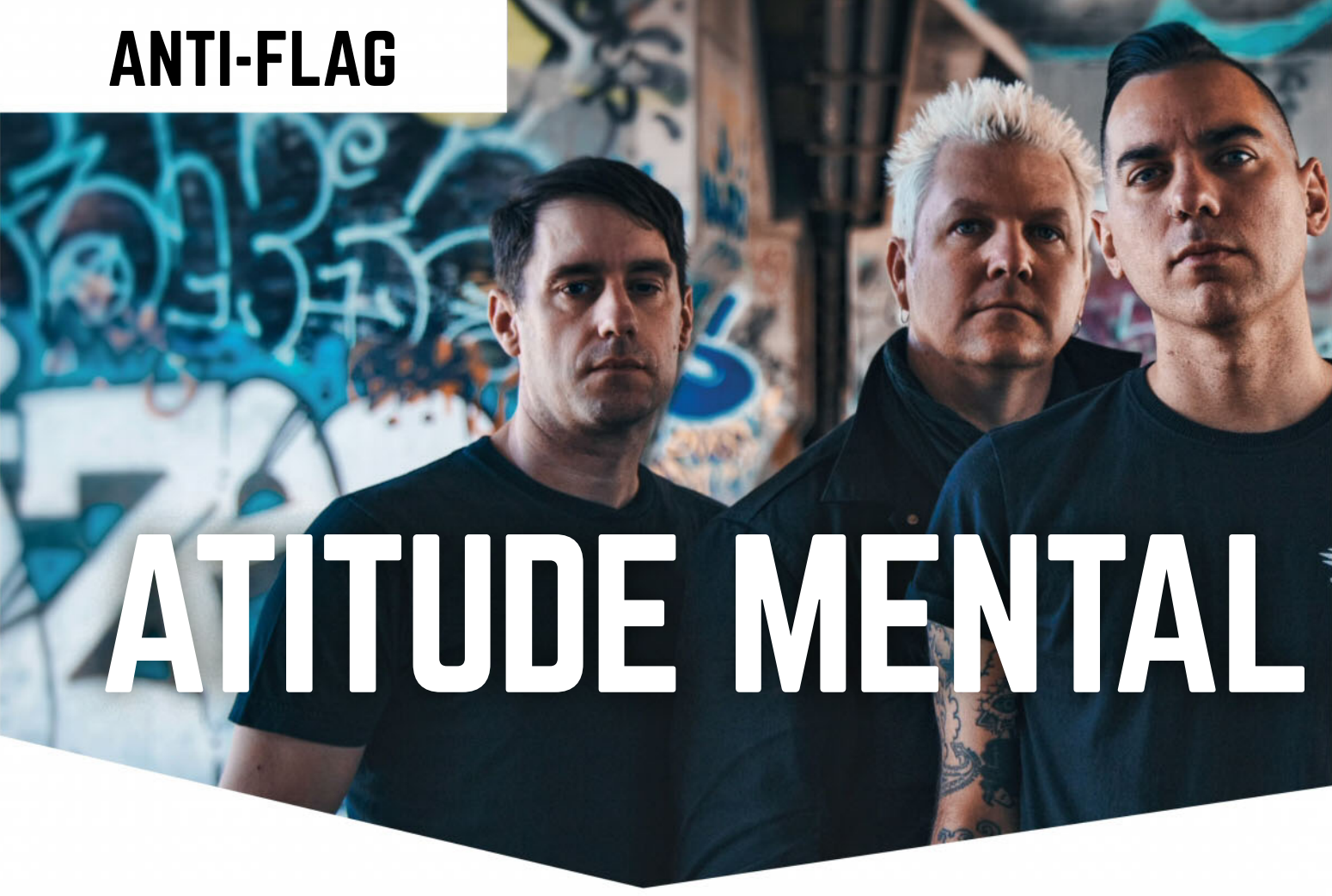
CANDLEMASS
«Solitude»
Do álbum «Epicus Doomicus Metallicus» [1986]
Mesmo assente na barulheira mais extrema, do death ao grind especialmente, e também passando pelo black metal, o SWR tem-se sabido expandir e incorporar outros estilos sem descaracterizar o festival. Na edição XV, aquela que durou cinco épicos dias, foram os também épicos Candlemass, bastião máximo do doom metal, que visitaram Barroselas para dar um colorido diferente ao evento.

Ricardo: Ah, é Candlemass.
É sim senhor. Esta foi rápida.
Ricardo: Vi no Verão, também. [risos] E adorei o novo vocalista! Achei-o com uma *vibe* de rock'n'roll espectacular. Parecia-me uma banda revigorada. E só com a diferença dele, o resto manteve-se tudo semelhante aos últimos anos.
O Rob Lowe ao vivo é um bocado *hit and miss*. Apesar de ter dado um concerto razoável em Barroselas.
Ricardo: Oh pá, era uma seca! Parecia um velho, só lhe faltava as muletas e o andarilho. [risos]
Sim, atiremos a diplomacia pela janela! [risos] Mas mesmo tendo sido uma "versão aproximada", foi importante ter os Candlemass no festival, não foi? Sinalizou uma abertura que já se vinha a fazer nos anos anteriores, com uma banda mais emblemática.
Ricardo: Sim, e essa abertura foi um processo consciente. Aliás, acho que, de certa forma, sempre fizemos isso. É verdade que somos "pedra dura". A nossa cabeça está muito no death metal. Mas mesmo assim, sempre tentámos que o festival não fosse só isso.
Tiago: A questão é que, o conseguir ter nomes fortes de vários géneros, para não ser só *filler*, é difícil. Essa é que é a grande questão. Mas de há alguns anos para cá que temos esse esforço. Se calhar melhor conseguido nuns anos que noutros, mas é mesmo assim.

VAI-TE FODER
«Sempre A Mesma Merda»
Do álbum «Poço» [2017]
É uma tradição já estabelecida – final de dia no SWR é para estar na tenda cá fora, lá para as duas ou três da manhã, a ver de forma meio desfocada uma banda de grind porco qualquer com a milésima cerveja da noite na mão enquanto o caos acontece. Correcção, nunca é uma banda qualquer – há uma "raça" especial que serve para ser "última banda" do SWR, e nenhuma é mais apta para isso que os Vai-te Foder.

Ricardo: Ah, é Vai-te Foder! [risos]
Certíssimo. A banda típica das três da manhã, não é? Já é uma tradição.
Tiago: É verdade, e a escolha é propositada.
Ricardo: E na maior parte das vezes, esse *feeling* é mesmo deixado para o último dia. Este ano, por exemplo, no primeiro dia tivemos os Enlighten e os The Ominous Circle, que já são bandas diferentes.
Tiago: Mas na maior parte das vezes, tem que ser esse o espírito.
A festa dos bêbados, não é?
Tiago: Exactamente! [risos]
Ricardo: E não é qualquer banda que toca nesse *slot* marado… nem toda a gente quer estar a levar com isso. Por isso também é que eles são malta incrível. Eu acho Vai-te Foder muito *underrated*. São músicos incríveis, isto é hiper bem feito, são mega-fãs de música boa…
Tiago: E é a típica "geração SWR". Da altura em que fazíamos concertos no Shamrock, em Braga, que foi de onde surgiu todo um movimento forte na cidade.
Ricardo: O Cirro vai ao SWR desde o II! Era um puto na altura, tinha para aí dezasseis anos. Há toda uma geração que cresceu connosco, e nós crescemos com eles também, claro. É a mesma coisa. Gente com muitos anos de Panóias, muitos anos de Bracara e de concertos em Braga…
Tiago: E já chegámos a um ponto em que já há a geração seguinte, que quase não era nascida quando aquilo começou e agora até já lá tocou, tipo os Analepsy e bandas assim.

ANTI-FLAG



ATITUDE MENTAL

Durante o último quarto de século, os ANTI-FLAG têm-se mantido estoicamente como um espelho de todos os males e injustiças do mundo com seu punk rock feroz e socialmente consciente. E se, por um lado, é desesperante perceber que o planeta está cada vez mais decrépito, por outro não há como não celebrar o facto de a banda de Pittsburgh continuar a ter ampla inspiração para o seu 11º registo de longa-duração. Como tal, os onze temas que compõem a novidade «American Fall» mostram os músicos tão indignados como sempre, em hinos de contestação como «When The Wall Falls», «Liar» ou «Racists». Chris #2, baixista e co-vocalista do grupo, falou-nos acerca deste sucessor de «American Spring» e, no final, deixou-nos com a sensação de que, afinal, talvez seja mesmo possível fazer deste mundo um lugar melhor.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

Como estão, efectivamente, a preparar-se para o lançamento do «American Fall»?
Temos passado bastante tempo fechados na nossa sala de ensaios, para ser sincero. Vamos voltar finalmente aos concertos e temos de garantir que sabemos tocar estes temas novos. [risos] É, basicamente, o processo habitual... Passamos sempre por esta fase. Verdade seja dita, acaba por ser sempre inspirador, porque fazemos questão de recuperar alguns temas do fundo de catálogo que já não tocamos há algum tempo. Quando chegamos a esta fase da carreira, quando já construímos um fundo de catálogo considerável, temos de criar um alinhamento equilibrado, porque sabemos perfeitamente que as pessoas não querem ouvir apenas os temas novos. Além disso, temos de ter a certeza que não nos estamos a tornar complacentes. No final, é um processo engraçado; estamos basicamente a preparar-nos, a nível mental e físico, para passar as próximas quatro semanas e meia na estrada.

Já não tocam ao vivo há muito tempo?
Estivemos mais ou menos um mês de folga, o que para nós é muito tempo. [risos] Não somos gente que goste de ficar muito tempo sentada no sofá, percebes? Sobretudo nesta fase, em que vimos do «American Spring» e vamos para o «American Fall», e em que se estão a passar todas estas coisas no mundo, sentimos que temos de estar tão presentes quanto possível. Há coisas em que queremos participar, não queremos ficar fora de todas essas acções que estão a acontecer e que podem ser um passo para modificar a situação em que vivemos. Esta é uma oportunidade monumental de partilhar empatia com as pessoas. É importante marcar uma posição, fazer notar que há quem não concorde com a discriminação, com o fascismo e com o neo-liberalismo que são a normalidade de 2017. Penso que, nesse contexto, tentamos fazer tudo o que está ao nosso alcance enquanto somos

POSITIVA

capazes e hábeis para o fazermos. Perder tempo é algo que não nos interessa, sobretudo nesta altura. Além disso, ninguém toca canções de punk rock para sempre, por isso queremos aproveitar ao máximo a posição que temos agora.

Sentiram, então, essa urgência quando estavam a compor o disco?
Sim, sabemos que não vamos estar aqui para sempre. Quer dizer, sejamos realistas... [risos] Isso não vai acontecer. Pessoalmente, acho que os Anti-Flag, como banda, estão na melhor forma que já estiveram. Acho é um misto de várias coisas, nomeadamente da química que temos entre todos nós, isso sem dúvida tem um peso enorme. Já nos conhecemos todos muito bem, sabemos como são as personalidades de cada um e estamos num ponto em que, se um de nós estiver a ter um mau dia ou a passar por um mau bocado, não só com a vida do punk rock mas também com a vida em geral, alguém vai inevitavelmente chegar-se à frente e ajudar. É fixe podermos revezar-nos nesses momentos, muito fixe mesmo. E, mais que tudo o resto, o facto de termos tocado tanto ao longo dos anos também ajudou muito à coesão que sinto agora. Durante os últimos anos, fizemos uma média de 200 concertos por ano e isso, claro, nota-se. A prática faz a perfeição, sendo que todos melhorámos imenso, não só como músicos mas também como pessoas.

Devemos olhar para o «American Spring» e o «American Fall» como complementares?
Sim, são discos irmãos. O «American Spring» foi como uma espécie de revelação para nós. Com esse disco, percebemos que tudo o que fazemos não funciona só no imediato, mas também em termos de futuro. Se pensarmos na banda da mesma forma que olhamos para as nossas vidas, no sentido em que queremos deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos... Isso pesou muito nestes dois discos, é algo que os une. De certa forma, nos últimos anos alterámos a forma como operamos com os Anti-Flag, seja na forma como queremos fazer passar a mensagem, nos concertos que damos ou nos discos que criamos. Gosto de pensar que, mesmo depois de morrer, vai haver quem encontre o «American Spring» e o «American Fall» e perceba o que estávamos a tentar fazer. Do Barack Obama ao Donald Trump, passando pelo abuso de poder das forças da autoridade, pela violência policial ou pelas mudanças climatéricas que, nos últimos tempos, têm fustigado os Estados Unidos e o resto do planeta, os Anti-Flag estiveram sempre muito presentes e tiveram uma palavra a dizer. Basicamente, o que estamos a tentar fazer é educar as pessoas. Sabemos que somos só uma "bandinha" de punk rock [risos], mas temos feito tudo o que está ao nosso alcance para deixarmos uma marca e o «American Fall» é mais um passo decisivo nesse caminho.

Isso é algo que vai muito para além do entretenimento, não é?
Sem dúvida. É fixe que alguém nos recorde porque viu um concerto do caraças ou acha que este ou aquele tema são geniais, mas estou muito mais interessado em que nos recordem como uma banda com algo válido a dizer e que nunca se calou, nem nos momentos mais complicados. A sociedade, em geral, vive cada vez mais alienada do que se passa à sua volta, mas eu ainda gosto de ver os Anti-Flag como uma banda com força suficiente para fazer as pessoas pensarem por si próprias. Isso, para mim, vai ser sempre mais valioso do que vender um disco ou uma *t-shirt*.

E sempre foi assim?
[pausa] Eu juntei-me a eles entre o primeiro e o segundo álbum e, nessa altura, tinha dezassete anos. Na altura pensava que escrevíamos uma canção e no dia seguinte o mundo ia estar diferente... Sim, era assim tão romântico. [risos] No entanto, percebi rapidamente que, na vida real, as coisas não são assim. A música pode, efectivamente, mudar o mundo – sei que não seria a mesma pessoa se nunca tivesse descoberto o punk rock, por exemplo. No entanto, é lógico que o impacto não é instantâneo e as coisas demoram o seu tempo a acontecer. Acho que ninguém nasce com o nível de empatia necessário para mudar o mundo, é algo que se vai desenvolvendo à medida que vamos vivendo.

No início do ano disseste que não querias que o novo álbum se focasse demasiado no Donald Trump. Conseguiram manter-se fiéis a esse plano?
Penso que sim. É lógico que tudo aquilo de que falamos, da transfobia ao racismo, tem muito a ver com o facto de, actualmente, essas minorias estarem a ser usadas como bode expiatório por uma grande casa branca, mas abordamos esses assuntos de forma mais generalista, porque são algo que toca muita gente e que vai muito além do Donald Trump. Por esta altura, as pessoas que nos ouvem já perceberam que o tipo é um traste, por isso não queremos sequer estar a dar-lhe mais tempo de antena que aquele que os meios de comunicação já lhe dão. De qualquer forma, não queremos deixar-nos consumir pelo que há de negativo no mundo. Nos tempos que correm, o activismo não é trabalhar numa mina de carvão... Pelo contrário, pode até ser algo muito divertido e isso é o que queremos passar nas nossas canções. O «American Fall» é, provavelmente, um dos nossos registos mais declaradamente pop e é tudo resultado disso. Sim, os assuntos são sérios, mas a música é *uplifting*. As pessoas têm de perceber que o activismo, o punk e o facto de nos preocuparmos uns com os outros são muitos mais divertidos do que possam pensar à partida.

"A sociedade, em geral, vive cada vez mais alienada do que se passa à sua volta, mas eu ainda gosto de ver os Anti-Flag como uma banda com força suficiente para fazer as pessoas pensarem por si próprias."

35 ANOS DE THRASH METAL

Só uma banda com uma sólida e influente história se pode dar ao luxo e à legitimidade de regravar duas compilações do seu próprio repertório. E apenas material antigo. «Thrash Anthems II» é a continuação da mesma ideia de há dez anos, com nova dúzia de referenciais DESTRUCTION, tentando manter, ao máximo, a rudeza dos originais contidos em álbuns clássicos como «Infernal Overkill» ou «Eternal Devastation». A produção está actualizada, mas o espírito de Schmier e Mike mantém-se incólume. Falámos destas empolgantes remexidas no baú com o baixista e vocalista alemão, um senhor do thrash e um porreiraço da velha guarda que, no final, nos surpreendeu com uma memória com quase 30 anos.

NELSON SANTOS

Esta nova dose de «Thrash Anthems» foi, sobretudo, um pedido dos vossos fãs – uma vez que eles também participam na concepção do álbum através da PledgeMusic – ou os Destruction já tinham a ideia de fazer um segundo volume de regravações?
Foi mais uma demanda dos fãs, até porque foi assim que o primeiro «Thrash Anthems» apareceu. Desde a nossa reunião em 1999 ganhámos o hábito de regravar um tema antigo; penso que o primeiro foi «Bestial Invasion» na *demo* antes do álbum «All Hell Breaks Loose» e depois fizemos a «Total Desaster 2000». A certa altura começámos a receber pedidos para fazermos um *best of* de cenas antigas de Destruction, o «Thrash Anthems» sai em 2007 e, depois de termos gravado uma nova «Thrash Attack» para o álbum «Under Attack» (2016), começou a ganhar força a ideia de um «Thrash Anthems II». Falámos com a Nuclear Blast, mas eles não estavam interessados. *What the fuck?!* Ficámos um bocado lixados e foi aí que decidimos – temos mesmo de o fazer; se a editora não quer, mas os fãs querem, avançamos! Foi aí que descobri este conceito da PledgeMusic, os fãs teriam uma parte activa e, quando o álbum estivesse pronto, seria muito mais fácil vendê-lo a uma editora. Enviámos as gravações à NB para ver se eles tinham a certeza que não queriam e é quando respondem – esperem lá, afinal estamos interessados. [risos] Quanto a mim o disco está bem fixe, é uma boa ponte entre o antigo e o novo, não soa demasiado moderno e a nega inicial da editora acabou por nos dar ainda mais motivação para fazer uma coisa a sério.

É curioso porque, há pouco, estive a ouvir a vossa primeira maqueta, a «Bestial Invasion Of Hell» e, depois da inclusão de «Front Beast» neste novo álbum, concluo que já regravaram todos os seis temas dessa *demo* original. Material em que, na versão de 1984, tinhas uma voz meio punk…
Yeah! [risos] Mesmo antes da gravação dessa *demo*, despedimos o vocalista da altura. De repente, eu tinha de cantar! É por isso que as minhas vozes estão bastante *punky* nessa *demo*; eu tinha acabado de começar a cantar. Com o tempo, a voz foi progredindo, mas essa experiência de estúdio foi um bocado dura para mim, porque eu só tinha experimentado o micro há duas ou três semanas. Posso dizer-te que a «Front Beast» foi a música mais votada para inclusão neste disco. Era de facto uma peça no *puzzle* que faltava completar e ficámos radiantes com o resultado final.

Deve ter sido uma experiência desafiante voltar a pegar em material que não tocavam há muito tempo, fossem riffs ou letras… Ainda te lembravas da maioria?
Foi engraçado, ainda deu para nos rirmos. Este álbum trouxe-nos muito boas memórias. Embora o Mike [Sifringer, guitarrista] às vezes se passasse comigo por ter um trabalhão a reestruturar ideias e recuperar riffs e, quando chegava às letras, eu não fazia a mínima ideia de algumas partes! Nós não incluímos as letras em alguns dos discos antigos e então fomos à procura delas na *net*, convictos de que alguém as tinha passado. De facto, andam por aí, em vários *sites*, mas estão erradas! 80% das letras que encontrámos não são as reais… Portanto, agora com este «Thrash Anthems» podemos fechar o ciclo e dar aos fãs as letras originais outra vez. Tive de andar à procura dos textos na minha cave. O Tommy, o nosso primeiro baterista, ainda me arranjou algumas folhas que tinha, tive de ouvir algumas músicas umas 30 vezes para tentar perceber o que cantava; foi uma cena marada, mas desafiante porque há temas que não se sacam à primeira, nem à segunda. O Mike também teve de se sentar com muita atenção para reaprender certas passagens.

"Tive de andar à procura das letras originais na minha cave e tive de ouvir algumas músicas umas 30 vezes para tentar perceber o que cantava..."

Embora este *recap* esteja mais uma vez concentrado quase por absoluto nos vossos anos 80, há aqui um regresso ao álbum «Cracked Brain» de 1990, naquela fase em que tu nem estavas na banda. A regravação de «Rippin' You Off Blind» também demonstra uma certa humildade da tua parte…
Esse foi outro forte pedido dos fãs. Há temas nesta compilação que provêm de preferências coincidentes da banda e dos ouvintes e, nesse caso, claro que eu disse que ia ver o que podia fazer. Nós queríamos ter uma boa abrangência do material antigo, também já a pensarmos na renovação do nosso *setlist* para podermos tocar algumas músicas que não tocávamos há anos. Claro que os temas mais antigos que compusemos como trio são mais fáceis de tocar hoje a três, enquanto um tema escrito numa fase posterior como «Rippin' You Off Blind» é mais complicado de tocar com apenas uma guitarra. Mas fizemo-lo e acho que saiu bem. Como aconteceu no primeiro «Thrash Anthems», mostro que o que mais importa é o legado dos Destruction, pese embora não ter participado nesse disco. Assim como acho que resultaram muito bem estas versões menos confusas de «Curse The Gods» e «Dissatisfied Existence», temas que aprecio particularmente e cujas mensagens se mantêm perfeitamente actuais.

35 anos de Destruction. Quais são os momentos, as coisas, que te trazem mais orgulho, olhando para toda uma intensa jornada de thrash metal até aqui?
É difícil, porque tivemos altos e baixos, momentos loucos, e não é fácil nomear um ou outro acontecimento. A separação da banda nos anos 90, por exemplo, foi trágica, mas sem esse fim, não estaríamos aqui hoje. Ou seja, a reunião foi um momento muito especial, pois pensei que nunca voltaria a acontecer. Ainda assim, quando voltámos e refundámos a banda não foi fácil, porque também ouvi muita gente a perguntar – "*quem é que quer ouvir agora thrash metal?*" Em 1999 toda a gente estava numa de death metal melódico, não havia bandas de thrash. Até os Kreator tinham o álbum «Endorama», os Exodus já não existiam,

os Overkill lançaram uns discos fraquitos na altura… não era um tempo bom para o thrash. Fiquei muito feliz pela reunião e pela forma como os fãs nos motivaram e claro que esse foi um dos pontos altos para mim, como foram os primeiros dias dos Destruction. As primeiras *tours* com os Slayer, com os Motörhead e quando saiu o primeiro álbum. A primeira vez em que chegas a uma loja de discos e compras o teu primeiro álbum! Foi um momento mágico ver o «Infernal Overkill» lá exposto, ainda me lembro. Muitos desses momentos especiais foram vividos quando ainda era bem novo – a primeira vez que vais à televisão, a primeira vez em que tocas num grande festival em frente de 20.000 ou 50.000 pessoas…

Referiste essas primeiras digressões e muitos se recordam aqui da vossa primeira passagem por Portugal, em 1988, com os Motörhead em Cascais. Também te lembras?
Se lembro! Para mim, é um legado especial que recordo de cada vez que vou ao vosso país. Andávamos em *tour* com os Motörhead e com as Girlschool, vínhamos de Espanha onde fizemos bons concertos e, na tarde em que fazíamos o *soundcheck* em Portugal, cá fora já estavam alguns milhares de pessoas a cantarem, a gritarem por Motörhead e por Destruction; era a nossa primeira vez e ficámos… *what the fuck is going on?!* O pessoal estava tão contente e tão louco para ver as bandas, e este concerto ficará sempre na minha memória como um dos melhores que já fizemos, por termos tido uma tão boa reacção e num sítio bem grande. Da última vez que estivemos em Lisboa conduzimos até lá para encontrar o pavilhão… mas já lá não estava.

THE HAUNTED

SANGUE NOVO

«Strength In Numbers», o nono longa-duração dos *thrashers* THE HAUNTED, recupera a faceta melódica e orelhuda da banda, sem perder a agressividade patenteada no anterior «Exit Wounds». Composto em grande parte pelo guitarrista Ola Englund, o "novato" do colectivo sueco, acaba, apesar de tudo, por representar mais um esforço colectivo do que o antecessor. O vocalista Marco Aro ligou-nos de casa, na Suécia, e contou-nos como vão as coisas no reino dos assombrados, revelando o bom ambiente no seio da banda e um pouco do que podemos esperar no concerto agendado para Fevereiro de 2018, em Lisboa.

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

O processo de escrita desta feita foi mais colectivo ou cada um para seu lado como da última vez?
Uma mistura de ambas, para dizer a verdade. Começámos separadamente, mas depois tivemos uma espécie de pré-produção e aí, todos juntos, definimos muita coisa. Foi totalmente diferente do «Exit Wounds». Acho que para escrevermos esse disco não nos encontrámos uma única vez. Estávamos todos em cidades diferentes e foi escrito à distância. Acho que o resultado final acaba por mostrar essa diferença no processo de composição.

Este é um disco que parece ter mais harmonia, mais equilíbrio entre os vários elementos do vosso som...
O «Strength In Numbers» é o que o «Exit Wounds» deveria ter sido. Para esse disco não sabíamos bem o que queríamos, só sabíamos que o objectivo era escrever algo poderoso, bem *in your face*. Tínhamos grandes ideias mas não tivemos tempo para as executar, porque era fundamental para nós não esperarmos mais.

Comparando com outros discos dos The Haunted em que participaste, qual dirias que foi a maior diferença no processo de criação deste álbum?
A maior diferença foi o Ola Eglund, o nosso novo guitarrista, que desta vez escreveu 80% da música. Habituei-me a que fosse o Jonas [Björler, baixista] ou o Patrick Jensen [guitarrista] a escrever e sabia com o que podia contar vindo deles, mas agora é uma surpresa perceber as ideias e a forma de construir os temas que o Ola tem. Acho que é refrescante. Ele é fã da banda há muito tempo e escreve nessa perspectiva, o que é muito curioso.

O Ola passou pelos Six Feet Under e a verdade é que o estilo dele tem mais de americano do que de sueco, concordas? Nota-se um aumento do *groove*, e se ele escreveu 80% do álbum, é fácil perceber porquê.
Sem dúvida. O estilo que desenvolveu tem muito a ver com a forma como começou a tocar guitarra, que foi a "sacar" temas dos Pantera. Esta mistura traz um novo estilo para os The Haunted e acho que funciona muito bem. Os nossos elementos melódicos e atmosféricos continuam presentes, apesar de este ser um disco mais a meio-tempo, e acho que alcança um equilíbrio interessante entre novas e velhas facetas da banda. O Anders [Björler, ex-guitarrista] tem aquela escola do death metal sueco da velha guarda, com muita melodia à mistura, e tendia mais a escrever cenas dentro dessa onda.

Quando o Ola te mostrou o que tinha composto para este álbum, qual foi a tua reacção, recordas-te?
Por acaso lembro-me de ele me ter mostrado um tema que ainda estava longe de acabado e de eu lhe ter dito: *"Oh man, I don't know!"* [risos] Era a «Brute Force», que foi a primeira a ser escrita depois do «Exit Wounds». Na realidade acho que surgiu ainda antes de uma reunião de banda que tivemos quando estávamos nos Estados Unidos em digressão com os At The Gates, e em que nos sentámos para definir o que realmente pretendíamos para o disco seguinte. Se algo mais rápido e violento, ou algo mais lento e com maior *groove*. Ficou decidido que já

tínhamos provado que conseguíamos ser rápidos e agressivos no «Exit Wounds» e que, por isso, estava na altura de mostrarmos um lado mais melódico e com maior profundidade. Queríamos que os temas tivessem qualquer coisa de desconcertante, que não fossem só um pontapé no rabo de quem os ouve.

«Ghost In The Machine», o último tema do «Exit Wounds», já parecia indicar o caminho...
Sim, esse foi o tema mais experimental desse disco e um dos últimos a ser composto, porque sentimos necessidade de variar. Por isso, sim, diria que essa e a «Kill The Light», também do «Exit Wounds», mostraram-nos um caminho que podíamos explorar mais.

Quando saíste da banda após o «One Kill Wonder» estavas a enfrentar alguns problemas de adição a drogas, que felizmente conseguiste resolver. Quando te propuseram regressar à banda não temeste que esses demónios voltassem também?
Temi. Tive esse medo, mas preferi enfrentá-lo e rapidamente percebi que não voltaria a ser um problema. Talvez cá dentro eu já soubesse que tudo isso tinha ficado no passado e bem resolvido e, por isso, aceitei sem pensar muito.

E como músico, foi mais fácil ou mais difícil do que esperavas? Afinal pelo meio houve quatro álbuns com um vocalista diferente.
Foi como regressar a casa. Foi tão fácil como eu recordava ser quando estive na banda pela primeira vez. Sempre os adorei, sempre adorei a música que criaram e que criámos juntos, por isso foi um processo totalmente natural para mim. Além disso, gosto de quase tudo o que fizeram enquanto estive fora da banda.

Há uns cinco ou seis anos, quando não estavas na banda, o Jensen disse numa entrevista que ele e o Jonas eram os únicos membros da banda que continuavam a ouvir metal e a acompanhar o que ia surgindo de novo dentro deste mundo. Tu pertences a que lado da barricada?
Acho que o único que não ouvia metal, de todo, era o Peter [Dolving, ex-vocalista]. Há um disco dos Accept de que ele gosta muito, mas acho que a cena dele é o hardcore e outros tipos de música menos pesados. Eu também sou um grande fã de hardcore, como deves saber, mas cresci a ouvir ambos os estilos. Sei que o Per [Moller-Jensen, ex-baterista] também se cansou do metal e andava mais interessado em jazz.

"É uma surpresa perceber as ideias e a forma de construir os temas que o Ola tem. Ele é fã da banda há muito tempo e escreve nessa perspectiva."

Mas ele gravou o disco dos Evocation que saiu este ano...
Sim, são fases. Além disso, tem uma banda chamada Road To Jerusalem, que é uma cena mais hard rock e meio progressiva. É muito bom.

Vocês mantêm o contacto com os antigos membros?
Sim, somos bons amigos. Esta sempre foi uma banda de amigos e agora que quase todos temos empregos e não vivemos exclusivamente da música, o ambiente não podia ser melhor. Existe muito menos pressão, é só pura paixão pela música e isso é libertador. A única pessoa com quem não temos contacto hoje em dia é com o Peter, porque ele está a viver no Brasil.

A vossa *setlist* actual revisita todos os discos excepto o «Versus» e o «Unseen». Não vão tocar temas desses discos nunca ou é uma situação pontual?
Tentamos tocar temas de todos os álbuns, mas sabemos que há uns mais populares do que outros e há temas que os fãs querem ouvir mais do que outros. São nove discos já e por isso temos muito por onde escolher. Agora não estamos a tocar nada do «Unseen», mas já falámos entre todos e estamos a pensar fazê-lo. O nosso alinhamento agora tem 1h20/1h25. É um *set* que não é curto, mas quando acabamos temos sempre a sensação de que passou tudo demasiado rápido. Acho que isso é bom sinal. Não temos momentos mortos. Provavelmente quando formos aí tocar, no início do próximo ano, o alinhamento já será diferente. Há temas obrigatórios, que nunca saem, mas há outros que vão rodar.

Sim, está a faltar a «In Vein»! [risos]
Esse foi o tema que me fez apaixonar pelos The Haunted. Acho que posso fazer qualquer coisa por ti! [risos]

SOBREVIVENTES

Sobreviventes. É mesmo isso que podemos chamar aos FOR THE GLORY, que no início do século faziam parte de um leque de nomes novos e promissores, do qual hoje apenas restam eles. «Now And Forever» é o disco que sucede a «Lisbon Blues», de 2012. O vocalista Ricardo Dias (aka Congas) falou com a LOUD! sobre o novo disco e também sobre a atitude que o grupo tem face à música, que os tem ajudado a sobreviver no meio.

EMANUEL FERREIRA

Quatro anos entre discos, o que se passou?
Na realidade, não se passou muita coisa. Normalmente demoramos entre cada disco, não somos uma banda que acaba de gravar e já tem não sei quantos riffs prontos para o próximo. Não acontece, nunca gravamos músicas a mais porque não as temos. Criamos o objectivo de no dia tantos do mês tantos termos de ter um disco, então fazemos as músicas uns meses antes. Para além disso estamos sempre a tocar, em catorze anos nunca parámos de dar concertos, cá ou lá fora. Tem sido assim em todos os discos. Temos trabalho, famílias, e de repente alguém diz que é para fazer o álbum e começamos tipo comboio, locomotiva desgovernada. Depois é aplicar o que cada um faz em casa e traz para a sala de ensaio, onde todos juntos aproveitamos alguma coisa.

«Lisbon Blues» era um disco político, este «Now And Forever» é sobre o quê?
O «Lisbon…» tinha essa componente social porque foi feito numa altura em que a minha vida estava num turbilhão e não sabia bem para onde ir, então comecei a escrever letras de cariz mais pessoal, também de intervenção e política. Com o «Now And Forever» já passaram quatro anos e comecei a pensar no que já fomos, no presente, no que podemos fazer no futuro. Neste disco, penso que há pessoas que se podem relacionar com as letras, que no anterior talvez não se identificassem por não estarem a passar por aquilo. Aqui trata-se mais de falar de escolhas e perseverança, o que acaba por ser mais positivo. É aquele *statement* de "estamos aqui, temos força", "não desistam" e levem as coisas levemente, porque o tempo irá mudar tudo.

Falas da perseverança e olhando para trás, do grupo de nomes em que surgiram, vocês são praticamente os únicos que sobreviveram enquanto banda.
Da nossa era, das bandas que começaram connosco, quase já não existe ninguém. More Than A Thousand, Devil In Me, Men Eater, por aí fora. Todas elas terminaram. Nós sempre quisemos fazer as coisas ao nosso passo, nunca pretendemos atingir aqueles voos gigantes. Tentar fazer tudo rapidamente e depois chegar a um ponto em que está esgotado. Nós fomos fazendo aquilo que a vida nos dava para fazer e se calhar a longevidade acaba por ser um reflexo disso. Vamos fazendo o que podemos, e as oportunidades que não agarramos ficam para a próxima. Se quiséssemos viver disto, se calhar não nos íamos divertir, não ia ser o mesmo para nós e acabaríamos por desistir como essas bandas. Os Hills Have Eyes, uma banda posterior a nós, ainda se mantêm, mas dessa geração a seguir, também já há poucas que restem. Vais pela Europa e essas bandas chave já não existem, e se calhar até beneficiámos um bocadinho com isso, se bem que a nossa expressão lá fora já não é o que era. Fazemos *fly-ins* para ir tocar, e não vamos em digressão. Até em Espanha já não tocamos como antigamente. Vamos fazendo o que podemos fazer e que nos deixam fazer.

No fundo, a banda é uma diversão e não um trabalho.
Não existe o compromisso, nem a pressão externa de que temos de fazer isto. Quando isso não existe, fazemos porque queremos e isso faz toda a diferença. A música é diferente, a forma como se encaram os concertos, viajar, tudo é diferente. Encaramos aquilo como uma *road trip* entre amigos, vamos

passar um bom bocado e vamos tocar e dar concertos com pessoal amigo que está por todo o lado. Se calhar é essa pressão que não colocamos em nós próprios que faz com que a coisa ande para a frente.

Falas das actuações no exterior, sentes que existe esse reconhecimento por cá?
Não é um assunto que me preocupe muito, não fazemos isto para ter reconhecimento, fazemos aquilo que sentimos ter de fazer. Se vou tocar lá fora, é porque preciso que as pessoas de lá me venham conhecer e ouvir, não preciso de dizer às pessoas de cá que fui tocar ao estrangeiro. Quero é que lá gostem de mim, não preciso que cá venham dizer que "são os maiores, levam a bandeira portuguesa para todo o lado", ou algo do género. Nós estamo-nos borrifando para isso, gostamos de ir lá fora porque é uma cena nova, pessoas novas, material novo, é tudo novo, tudo diferente. Compreendo que haja pessoas que digam "gostava de ter um bocadinho de reconhecimento na minha cidade", mas eu se for tocar na minha cidade, acabo por ter 30 pessoas a ver-me. Acho que as pessoas que vão tocar a pensar no reconhecimento que irão ter dos seus pares, não o estão a fazer com o propósito correcto, pois não são os teus pares que te devem dar reconhecimento. São as pessoas para quem vais tocar. Se essas pessoas disserem "é fixe esta banda", isso é bom porque não te conhecem de lado nenhum. Se estás à espera de reconhecimento daqueles que já te conhecem, é errado, porque elas já reconhecem o teu valor e se calhar é por isso que não tocam nesse assunto. Claro que era fixe que a imprensa portuguesa desse a notícia que vais ao Brasil dar um concerto, sem ser sempre a falar dos mesmos, mas queres ir para o *mainstream* nacional, e ter alguém a fazer uma reportagem sobre um concerto teu nas Canárias? Precisamos mesmo desse meio para conseguir vingar? É isso que queremos atingir? Não. Não fico chateado se o meio A ou B não me der o reconhecimento. Não é o público em geral que consome este tipo de música, isto não lhes diz nada.

Porque é que a zona de Lisboa e Margem Sul são tão ricas em hardcore, por oposição ao norte, onde escasseiam os grupos?
Isso da Margem Sul já terminou, não há salas nem bandas. A única banda daí que toca com regularidade são os Steal Your Crown, que nem são todos de lá. Em Almada já houve uma cena forte que acabou por morrer um bocado por falta de salas. Mesmo em Lisboa, estás a falar de um meio em que metes 70, 80 ou 100 pessoas, que nem é nada por aí além. O concerto que fizemos no Porto teve mais gente que o de Lisboa e isso quer dizer alguma coisa. Se calhar a cena hardcore/punk não é a mais fixe do mundo, o *hype* não está aí. Agora, que a cena do hardcore está centrada nas grandes cidades é um facto. Lisboa e Porto são as cidades onde está mais concentrada a cena, se calhar por serem meios mais urbanos.

"Se quiséssemos viver disto, se calhar não nos íamos divertir, não ia ser o mesmo para nós e acabaríamos por desistir."

Mas quem grava por cá, são praticamente bandas do Sul.
Sim, mas já há bandas do Porto como os Aimless que tocaram connosco. Em Lisboa tens várias bandas que têm elementos a tocar umas nas outras. No Porto não vejo isso. Quando falo do Porto, refiro-me à zona, porque na cidade em si não conheço nada. Nós gostamos de ter bandas novas a tocar, para elas não perderem a pica, porque se não tiverem grupos experientes a puxar por eles, desistem. Fizemos isso com os Aimless que tocaram no Porto e vão tocar a Viana connosco. Acho que a zona do Porto acaba por ter mais gente ligada à música extrema e que vai a outras cenas, enquanto em Lisboa está tudo mais segmentado quem é do hardcore, só vai ao hardcore, os do thrash, vão ao thrash, enquanto no Porto é mais um caldo e podes ser do hardcore e ver um concerto de grind. Gostava que em Lisboa fosse mais assim, com misturas de *crowds* de cenas diferentes.

MOONSPELL

UMA NOVA ERA

De EP a longa-duração, de eventual bónus a projecto de corpo e alma, «1755» acabou por se tornar uma (boa) surpresa até para quem o idealizou. Um disco marcante na carreira dos MOONSPELL, por ser o primeiro – e já lá vão doze no total – inteiramente escrito em português, mas também pela conceptualidade. Numa conversa plena de entusiamo, Fernando Ribeiro, vocalista e carismático porta-voz desta alcateia, revela, sem papas na língua, as influências, inspirações, temores, desafios e expectativas geradas por este ambicioso novo capítulo, retrato de um dos mais marcantes e decisivos episódios da História do nosso país, o sismo de Lisboa de 1755. Porque deixaram o romantismo de lado, que portas se podem abrir e o que seria diferente caso fossem os Black Sabbath, são alguns dos muitos tópicos desta conversa com a LOUD!.

JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO PAULO F. MENDES

"Este recurso ao português (...) já estava no início da banda, e tem a ver também com o nosso gosto musical, principalmente por duas bandas: Mão Morta e os Bizarra Locomotiva."

A ideia inicial era o «1755» ser um EP, e chegaste a afirmar que seria algo mais *low-budget*, que vos obrigaria a usarem a imaginação. O que vos fez mudar os planos?

A primeira ideia até vem da escola secundária. Tinha uma professora de História muito criativa e numa avaliação tive a missão de fazer de Marquês de Pombal: estudei as pastas todas e tinha os "ministros do reino", que eram os meus colegas, a perguntarem coisas, que eu ia esclarecendo e defendendo. Enfim, foi uma aula muito gira, que nunca me saiu da cabeça. Passado uns anos, já estava em filosofia na faculdade, e demos o terramoto de Lisboa de uma perspectiva filosófica, de como Portugal tinha reagido a este desastre e mudado sociologicamente. Como nasceu o Portugal moderno, mais iluminado. Claro que na altura não pensava nisto para fazer um álbum, mas foi algo que retive. A ideia do EP foi um daqueles pedidos, neste caso da Napalm Records, a que eu tenho sempre vontade de dizer que não. Enfim, neste jogo temos de fazer cedências e eles queriam material para acrescentar ao DVD que gravámos no ano passado e que era para ser lançado este ano, mas só será em 2018. Queriam um bónus, apesar de eu achar que o DVD já tem bastante conteúdo. O engraçado é que o «1755» ter passado a LP veio revolucionar muita coisa e resolver uma série de problemas: queríamos mais tempo para trabalhar no DVD, e assim conseguimos, e, por outro lado, pediram-nos coisas que tivessem sobrado e eu não gosto muito de ir ao baú, prefiro sempre fazer algo novo. Além disso, tínhamos feito «Em Nome Do Medo», no «Alpha Noir», um tema que seguia outro estilo musical que achámos que se adaptava a este conceito. A certa altura tínhamos quatro músicas – a «1755», «In Tremor Dei», «Ruínas» e a versão da «Lanterna Dos Afogados», d'Os Paralamas do Sucesso, que foi das primeiras que trabalhámos para este disco. Estávamos a ouvir o EP, olhámos uns para os outros e dissemos: "*Nunca na vida isto pode ser um EP.*" Era um desperdício, uma frustração para nós enquanto músicos. Era um conceito que estava contado de forma demasiado sumária e nunca poderia ser um bónus. Para nós não é um sucessor do «Extinct», nem a nível musical, nem lírico. É outro tipo de álbum. E acabou por ser *low-budget* na mesma.

Tendo tanto tempo para amadureceres o conceito, foi difícil para ti resumi-lo?

Seria pior se fosse um EP, lá está. Se me perguntares se havia mais pano para mangas, claro que sim. Todos os dias lemos sobre o terramoto, todos os dias descobrimos algo em toda a pesquisa que fizemos, quer científica, quer literária, quer musical... podíamos ter feito um álbum duplo. De todas as referências, houve uma que falou mais forte: o «Poema sobre o desastre de Lisboa», de Voltaire, uma observação poética traduzida pelo Vasco Graça Moura, na Alêtheia Editores, para quem estiver interessado. Eu segurei-me um pouco a essa estrutura e a esses temas. Mesmo assim, conseguimos abranger não só a morte, mas também a ressurreição e reconstrução de Lisboa.

Falaste do «Em Nome Do Medo», um tema que já se destacava por ser em português e pela qualidade que tem. Ajudou-vos a perceber que se calhar estava ali um filão para explorar?

Este recurso ao português tem várias géneses. Já estava no início da banda, em músicas que se tornaram emblemáticas. Tem a ver também com o nosso gosto musical, principalmente por duas bandas, que são os Mão Morta e os Bizarra Locomotiva, cada uma com a sua expressão muito própria. Sempre fomos fãs, sempre gostámos do facto de cantarem em português e sempre ficámos curiosos em experimentar fazê-lo num disco inteiro. Logo depois do «Wolfheart», tivemos a ideia de fazer um álbum em português, recheado de «Trebaruna», uma coisa mais folk. Mas acabámos por recuar. Agora, já experimentámos tanta coisa, já fizemos e ouvimos tanta música diferente, que estamos naquele estado em que nos viramos para o que temos, de forma a alavancarmos o futuro. O nosso passado tem essa importância para nós. O «Em Nome Do Medo» – e por isso é que falei nos Bizarra – nasce de um projecto que fiz com o Pedro Paixão, com o Rui Sidónio e com o Rui Alexandre, baterista dos The Temple, dedicado ao Miguel Torga, que foi o Orfeu Rebelde, uma coisa assim meio extemporânea e rebelde, mas com qualidade. A vociferação e os poemas eram em português e tudo isso juntou peças que, mais tarde, nos permitiram chegar ao «Em Nome Do Medo». Foi um tema que se destacou no «Alpha Noir» por ser em português e tem algumas marcas longínquas do «1755», portanto, achámos que seria perfeito para fazer a ligação a este novo disco, numa versão diferente, mais orquestral e dramática. Para concluir, este era um estilo que ainda não tínhamos explorado muito, ou quase nada, e

"Sou a pessoa mais céptica quanto a orquestrações no metal (...). Muitas vezes arrepiam-se-me os pêlos da nuca e não é pelas melhores razões."

a qualidade desse tema fez-nos ter vontade de enveredar por um metal mais agressivo e cantado em português.

O comunicado que lançaram fala num cruzamento entre o «Under The Moonspell» e o «Alpha Noir», mas neste disco ouvem-se riffs de guitarra que, sem entrar em rótulos, soam muito "modernos", num estilo que nunca antes se ouviu aos Moonspell.
No que toca à parte das guitarras, e mesmo sem ter muito conhecimento de causa, acabo por concordar contigo. Há aqui uma construção de guitarras e de baixo que é fresca nos Moonspell. Por exemplo, não é parecido àquele estilo mais *thrash-oriented* do «Alpha Noir», é uma coisa bastante diferente, feita com alguma melodia e algum *groove*. Mas lá está, o Pedro [Paixão, guitarrista/teclista], o Ricardo [Amorim, guitarrista] e o Aires [pereira, baixista] é que fizeram essas malhas e gostei muito porque deram uma espécie de vida nova à banda. Acho que as canções estão mais desempoeiradas e desenvolvem-se melhor. A única coisa que discuti, e foi mesmo nestes termos, é que toda a parte musical – incluindo a orquestração – fosse o desastre natural, o *tsunami*, o fogo, o terramoto. Foram essas as indicações que dei, mais poéticas do que musicais. E acho que eles conseguiram representar muito bem esses fenómenos.

A parte orquestral tem estado cada vez mais vincada no vosso som, independentemente de ser um disco mais ou menos pesado. Sentes que é um elemento que cada vez mais fará parte dos Moonspell?
É um bocadinho como a mulher que casamos, temos de conhecer a pessoa certa. A nível de orquestrações, conhecemos a pessoa certa com o Jon Phipps, não desprezando o talento que o Pedro Paixão tinha para essa vertente. Mas o Pedro é um músico, não é especificamente um orquestrador, não se dedica a 100% a essa parte. Obviamente que foi ele que supervisionou e que teve um contacto mais próximo com o Jon. Eu sou a pessoa mais céptica quanto a orquestrações no metal, porque muitas vezes não são feitas com gosto. Às vezes são só uma rodela de *chantilly* por cima de um bolo. Claro que se o bolo estiver mal feito, a culpa pode não ser do *chantilly*, mas percebes a ideia. Quando ouço metal sinfónico muitas vezes arrepiam-se-me os pêlos da nuca e não é pelas melhores razões. Alguns fazem-me lembrar aqueles discos antigos com versões do «Parabéns a Você» feitos por orquestras. Por isso, temos rigor absoluto em relação às orquestrações e o Jon Phipps sofreu muito connosco, apesar de ter feito um trabalho brilhante. Ele é muito entusiasta, é de outra geração, da geração do *over the top* com orquestras a tocarem coisas que não são reais. Nós insistimos para que ele fizesse tudo o que uma orquestra realmente tocaria, algo que o Pedro consiga adaptar e reproduzir ao vivo com os seus dois ou três teclados. Não queremos ter a banda parada enquanto se ouvem *samples*, não gostamos nada disso. Na parte de encarnar a componente mais épica do terramoto, sem afogar o resto da música e com todas as limitações que lhe impusemos, ficou exatamente como queríamos. Se o vamos usar no próximo disco, não sei, uma parte de mim diz que é importante porque já faz parte do nosso som, outra parte quer ouvir-nos sem as orquestrações. Acho que não estamos tão agarrados a isso como outras bandas estão.

Cantar em português permitiu expandires-te como vocalista? Foi mais fácil ou mais difícil ser versátil a cantar um disco inteiro na tua língua nativa?
Acho que cheguei à expressão e à mensagem muito mais rápido, porque o português é a minha língua natural. Tenho muita prática de escrever em inglês e tento sempre melhorar de álbum para álbum, mas em português não tenho tantas preocupações com a dicção e com a gramática, é mais espontâneo e entusiasta. Estive muito tempo – eu e o Pedro – em busca das palavras certas, dos sinónimos certos. Senti-me livre que nem

um pássaro, foi uma gravação muito à flor da pele. Pensei muito a nível de personagem: se a banda era o terramoto, eu era o gajo que andava lá no meio, um anónimo, um narrador, que falava com os vivos, que falava com Deus. Pensei muito no tom, e o tom do vocalista neste disco é de dúvida e desespero. Além do horror, da esperança, do medo, a dúvida e o desespero imperam. As pessoas naquele dia não sabiam o que fazer. E daí a importância da intervenção do Marquês de Pombal, porque foi praticamente imediata e mostrou o caminho às vítimas.

A tua abordagem vocal num tema como o «1 De Novembro» é diferente de qualquer coisa que tenhas feito no passado.
É completamente diferente em relação aos restantes temas. As raízes da forma como abordo essa canção estão na «Tenebrarum Oratorium II», onde canto num registo parecido. Essa é uma de várias evocações ao «Under The Moonspell», um disco com vários temas de época, tal como o «1755». O meu grande mentor nesse tipo de registo vocal é o Quorthon que também muda de voz do «Blood Fire Death» para o «Hammerheart». Ou seja, eu já tinha experimentado fazer isto, só que há muito tempo que não o fazia. Tentei aproximar-me daquele registo e, vocalmente, é uma das minhas músicas favoritas.

Falaste em abrir janelas. Sabemos o que atingiram internacionalmente, mas esse reconhecimento continua a parecer ser maior lá fora do que cá dentro. Achas que terem um disco na vossa língua materna vos abre portas e desfaz o estigma criado por quem diz que música portuguesa é apenas a música cantada em português?
Percebi que essa luta é inglória. É uma luta em que os Moonspell se sentiram um bocado sozinhos. Quando meti a boca no trombone também não se pode dizer que toda a cena metal, num assunto que lhes interessava, tenha mostrado concordância. Por isso, sim, preferi viver a minha vida em vez de estar a teorizar sobre o estado das coisas. Criei uma editora – a Alma Matter Records & Books – e estou muito mais numa de tentar dar a volta ao sistema com acções do que com opiniões, apesar de ainda ter algumas colunas em jornais. Esse grupo que referiste, será que queremos mesmo o respeito deles? Não sei. Há várias coisas que já começaram a acontecer com o «1755». Por exemplo, fomos convidados para nos juntarmos à SPA, finalmente, e estamos a ser alvo de um tratamento bastante especial, porque segundo palavras do novo administrador, a SPA, sem uma banda como os Moonspell, não está a cumprir o seu trabalho. Eu concordo com ele. Foi uma das barreiras burocráticas que se quebraram, mas há outras que nem que nós cantemos [pausa]... em português, vão cair. Rádios que rejeitam a nossa música, mas depois aparecemos nas preferências dos ouvintes dessa mesma rádio, o que não se percebe porque não ouviram lá os nossos temas... Não faz sentido. O que temos de fazer é pelos Moonspell, pelo metal, pela aceitação, por se acabar de vez com este disparate do português *versus* inglês, que hoje em dia ainda é menos assunto, porque há muitas bandas a cantarem em português. E, desenganem-se, os Moonspell não estão a cantar em português por nenhuma pressão exterior, mas sim por uma motivação musical e artística. A cena que realmente nos interessa tem crescido muito: os festivais, a "concorrência", os fãs, gostem ou não de Moonspell. Há cada vez mais bandas de metal com uma legião boa de fãs aqui em Portugal. Acho que por parte dos *media*, com excepção dos Moonspell que já conseguiram furar em alguns sítios, a respeitabilidade do metal enquanto estilo ser tão grande quanto o hip-hop, o fado ou o jazz, ainda não existe. Temos lutado muito contra isso, mas acho que não vai mudar com o nosso álbum em português. Acredito é que, pelo conceito, este álbum chegará a sítios onde nunca tínhamos chegado antes. Exemplo disso é a experiência que teremos com fãs no Instituto Português do Mar e da Atmosfera, que pela primeira vez vai abrir as portas a uma banda.

LOBOS E LUCIFER JUNTOS EM «IN TREMOR DEI»

Fernando Ribeiro: *"A participação do Paulo Bragança foi das primeiras ideias que tivemos para o «1755». A música tinha aquela ponte que me recordava a voz dele, não me perguntes porquê. Ouvia a voz dele ali. Queríamos um pouco de fado, mas não aquele fado 'turístico', bossa nova ou jazz, que está tão em voga. Não queríamos fado actual e não estávamos a ver nenhum cantor que encarnasse o espírito do terramoto sem ser o Paulo Bragança, porque no fundo ele é um bocado o Lucifer, o anjo caído do fado. Aquela voz meio anjo, meio demónio, meio Lisboa, meio Coimbra, meio Trás-os-Montes, uma voz única, lunar, que muitas vezes está ausente da nossa cultura. O Paulo é muito genuíno nessa luta entre as luzes e as trevas, é algo que acontece na vida dele de uma forma quase diária. Tornámo-nos muito amigos. A sensação de estares a compor uma coisa, ouvires a voz de uma pessoa na tua cabeça e passado uns meses isso vir mesmo a acontecer, foi fantástica."*

Paulo Bragança: *"A minha ligação ao metal é antiga, desde os anos 80. Sou um enorme fã dos Bathory, em particular do «Blood Fire Death» – um dos álbuns que mais ouvi na vida – e nem fazia ideia de que era uma banda tão importante para o Fernando. Só descobrimos isso em conversa, há pouco tempo. Já gostava dos Moonspell desde o «Wolfheart» e cruzei-me com eles ao longo dos anos, mas não éramos amigos, nem sequer tínhamos uma relação, apesar de os cumprimentar sempre e de os respeitar imenso. Tenho muito poucos amigos na música. Sempre fiz o meu percurso sozinho e acho que os Moonspell também, fizeram o caminho deles. Temos isso em comum. Quando me convidaram fiquei muito feliz. Há seis anos que não cantava e queria voltar, mas tinha dúvidas. Abriram-me a porta e desbloquearam-me. Pode fazer-se uma analogia com Lisboa e com o conceito do «1755»: também eu vivi uma fase de glória, depois decadência (que também foi positiva, porque não seria o homem que sou hoje) e agora renovação. O Fernando chama-me 'Lucifer do fado' e nem sabia que eu já tinha esse alter-ego. Considero-o um irmão de alma. Acho que tanto eu como os Moonspell ficámos muito satisfeitos com o resultado final e acredito que voltaremos a fazer coisas juntos no futuro."*

Vocês nunca foram uma banda política, mas este disco faz uma crítica mais mordaz a esse nível, e socialmente também. Achas que pela dimensão que têm, podem ter um papel importante para dar um abanão ao vosso público e despertar consciências?
Mais do que isso, acho que hoje em dia não podemos ser meros *entertainers*. Um artista é visto muitas vezes pela sociedade no papel de bobo da corte, e hoje em dia há uma tendência muito grande para dizer que pessoas cuja área não seja a política ou o jornalismo, não devem falar de política, nem se meterem nisso. Acho isso completamente errado. Ser político não é uma opção, é um acto consciente que todos temos de ter. As pessoas diziam que o Diógenes, o filósofo, vivia dentro de um barril e tentou ser um eremita, e, no entanto, era um animal político. Portanto, acho natural que a mensagem dos Moonspell, embora seja poética, possa ser interpretada politicamente. Chegámos a 2017 e nós próprios, para nossa segurança, devemos ter convicções políticas.

Mas acabaste por deixar de lado a influência gótica e o romantismo que costumas ter nas tuas letras, e optaste por uma abordagem mais directa. Foi natural para ti fazer essa transição?
Foi natural porque a música e o conceito assim o pediam. Uma coisa poética mas sem tantos floreados, sem tantas metáforas. Os Moonspell estão sempre ao serviço do conceito. Já tinha pensado que as letras dentro da sua poesia tivessem frases um bocadinho mais interventivas, mais curtas, mais repetitivas, mais fáceis de decorar. Há uma certa obediência a um conceito que não é romântico, fala apenas de morte e renascimento. Podemos ver uma Lisboa romântica nesse dia? Não. No dia seguinte, podemos ver? Não. Mais esperançosa? Talvez, porque viu o governo vir à rua para saber o que os lisboetas precisavam. A escrita tinha de seguir estas regras, que ninguém impôs mas que achei devidas.

À medida que vão ficando mais velhos, parece que vão dando concertos mais longos, o que também terá a ver com terem mais material para tocar. A questão é: passada a barreira dos 40, imaginas-te a fazer isto para sempre?
Não, não me imagino a fazer isto para sempre. Não quero, com todo o respeito, ser o Ozzy, nem nós somos os Black Sabbath. Se fôssemos, talvez considerasse fazer isto para sempre. [risos] Nesta altura, pensamos muitas vezes nisso e a maior preocupação que temos é perceber se a música que fazemos continua a ser relevante para nós. Principalmente para nós, saber se continua a fazer sentido estarmos juntos para isso. Nunca seríamos uma banda do *Best Of* ou dos 25 anos. Somos uma banda a pensar no presente e num futuro imediato, com as digressões, o novo álbum, isso tudo. Mas eu penso que este desdobramento que tenho tido em fazer mais coisas, expandir horizontes, fazer a editora, trabalhar mais com livros, que é uma coisa que também gosto muito, o pouco tempo que me sobra dedico-me a construir esses pequenos alicerces para o futuro. Tudo graças aos Moonspell, tudo graças ao que faço com os Moonspell, porque nunca consegui estar noutro projecto qualquer sem ser como o vocalista dos Moonspell. É uma pergunta difícil de responder, porque não faço futurologia, mas aos 60 anos, ou seja,

"Não me imagino a fazer isto para sempre. Não quero, com todo o respeito, ser o Ozzy, nem nós somos os Black Sabbath. Se fôssemos talvez considerasse fazer isto para sempre."

daqui a dezassete, não me vejo a fazer os Moonspell desta maneira.

O «Sin/Pecado» faz vinte anos para o ano. Vêem-se a fazer um concerto especial para esse álbum como fizeram para o «Irreligious», ou esse disco não reúne o consenso necessário para uma celebração dessas?
Gostávamos muito de o fazer e já falámos sobre isso. Porém, vamos ter um grande inimigo, que vai ser o tempo, porque a *tour* com os Cradle Of Filth vai ser longa e depois disso seguimos para a América Latina e ainda vamos aos Estados Unidos em 2018. Uma digressão não diria, mas se arranjássemos um sítio em Lisboa ou no Porto, acho que o «Sin/Pecado» merecia, para os muitos fãs desse disco, uma noite dedicada a ele. Temos a intenção de o fazer, mas não podemos mentir às pessoas, a nossa realidade vai ser muito mais tocar o «1755» e depois tratar do DVD que tem sido o nosso preterido. [risos] Foi adiado para 2018, deve sair lá para Maio/Junho. É um DVD bastante grande, porque tem três concertos e além dos *making of*, também tem algo a que chamamos provisoriamente de "*rockumentary*", com 2h30 sobre a vida dos Moonspell. Andámos duas semanas com uma *Go Pro*, com as nossas famílias, na sala de ensaios, na nossa vida quotidiana e fizemos um filme com essas imagens. É um documentário sobre os 25 anos dos Moonspell, sobre a preparação para os concertos do Campo Pequeno, e acho que será uma forma de compensar os fãs pela espera.

ALL PIGS MUST DIE

BESTA DE DUAS CABEÇAS

Quatro anos depois do aclamado «Nothing Violates This Nature», os ALL PIGS MUST DIE estão de volta com novo disco e nova formação. A novidade chama-se «Hostage Animal» e curiosamente sai uma semana antes de «The Dusk In Us» dos Converge, banda com a qual partilham baterista. Mais importante ainda, «Hostage Animal» marca o primeiro disco dos All Pigs Must Die a ser gravado com dois guitarristas, ainda por cima com o reforço a ser nada mais nada menos do que Brian Izzi dos Trap Them (ex-December Wolves). Falámos com o guitarrista original Adam Wentworth, que recentemente revelou que o «Nattens Madrigal» dos Ulver e o «Black Thrash Attack» dos Aura Noir foram influências importantes na escrita do novo disco.

LUÍS PIRES

Em que ponto da escrita do «Hostage Animal» é que o Brian entrou na banda?
Bastante tarde. Muitas das ideias por trás destas músicas já existem desde que acabámos o «Nothing Violates This Nature». Quando ele entrou, há dois anos atrás, grande parte da fundação do disco já estava feita. Claro que reescrevemos coisas e ele teve bastante *input*, até como alguém até então externo à banda. Por vezes foi como um filtro para não fazermos coisas que não soariam a nós.

Apesar de manter a sonoridade All Pigs Must Die intacta, o novo álbum parece pender mais para a vossa costela metal. Como é que isso ocorreu?
Nós tentamos deixar as coisas acontecer e claro que tudo acaba por seguir o que nos está a influenciar. Nos últimos anos tenho andado a ouvir imenso black metal, a reapaixonar-me por um género que adorava quando era mais novo. Muitos de nós ouvem muito death metal e julgo que estamos um pouco a gravitar nessa direcção. Em termos de abordagem, o que mudou neste álbum foi termos chegado ao ponto em que queríamos forçar a música numa direcção mais complexa nas guitarras. Já o tínhamos tentado em discos anteriores mas vimo-nos sempre limitados por aquilo que conseguimos reproduzir em palco: um pedal de *loop* só te chega até certo ponto. No fundo, não queríamos repetir o mesmo disco vezes sem conta e a entrada do Brian abriu-nos imensas possibilidades. Podemos explorar formas de fazer música pesada e agressiva a que não tínhamos acesso antes; mais, podemos fazê-lo com a confiança de que podemos reproduzir tudo em palco e não vai ser só um truque de estúdio.

É refrescante poder escrever material com isso em mente?
Sem dúvida. Quando o Brian se juntou à banda estávamos meio inactivos e foi refrescante, toda a gente se entusiasmou e tudo pareceu novo outra vez. Pessoalmente, tira-me pressão de cima não ser o único guitarrista. [risos]

Isso também se aplica à preparação dos próximos concertos?
Sim, tem sido divertido aprimorar os tons e escolher os pedais com o Brian. Mesmo o material antigo ganhou nova vida porque estamos a dividir partes e a ver como fazer as coisas funcionar. Até a minha abordagem a concertos em si está diferente. Antes só queria fazer tudo soar denso e pesado, como um *bulldozer*. Agora podemos os dois prestar mais atenção a nuances, subtilezas e jogar com as dinâmicas. É como passar de conduzir um *bulldozer* para voar um avião – de repente prestas imensa atenção aos níveis e a específicas mudanças incrementais.

Esse tipo de som mais subtil nota-se bastante em malhas como a «Slave Morality» e «Heathen Reign».
Sim, e já era algo que queríamos fazer antes mas que, como disse, sentimo-nos impedidos por não o podermos replicar. Há uma música no «Nothing Violates This Nature» que adoramos, tentámos tocar ao vivo mas nunca atingiu o nível do disco e por isso desistimos. Agora temos mais liberdade para nos concentrar nos aspectos mais granulares da escrita e dos arranjos, ao passo que antes era mesmo "*como é que faço isto soar grande e feroz?*"

No *press release* vem referido que o material antigo de bandas como Ulver e Aura Noir influenciou o vosso som. No entanto, a gravação que fizeram com o Kurt Ballou continua bastante clara. Alguma vez consideraram obter um som mais cru?
Temos tentado encontrar o equilíbrio entre tudo soar, não diria *lo-fi*, mas grosseiro e algo abrasivo, e não perder de forma alguma a articulação. Eu e o Brian perdemos meio dia a experimentar com pedais de distorção e finalmente encontrámos uma configuração que funciona sem usar nada estilo HM-2. Tendo em conta a deriva para o metal, ter essa articulação e clareza ajuda. Nunca foi nossa intenção seguir pelo *lo-fi*, seria insincero, não é o que fazemos nem é o que o Kurt faz – e ele melhorou imenso nos quatro anos em que não gravámos. No fundo, este som foi natural, quando estávamos a captar no estúdio, esta foi a sonoridade que saltou à vista.

Em que sentido notaste essas melhorias no Kurt?
O som de bateria neste disco está perfeito. O som de guitarra dele já é fantástico há muito tempo, mas comparando este disco com o último, o Ben [Koller, baterista] está muito mais satisfeito com o resultado neste. Acho que melhorou sobretudo em pormenores técnicos de que não consigo falar muito, está simplesmente mais confortável a conseguir sacar um som enorme e sujo sem perder definição, o que contribuiu imenso para o impacto do «Hostage Animal».

O que é que nos podes dizer sobre os temas explorados pelo Kevin nas letras do novo disco?
No que toca ao título, é um estado de espírito representativo de uma esmagadora sensação de medo, paranoia e ódio, de não te conseguires reconciliar contigo mesmo e sentires-te puxado em direcções diferentes. No passado, as nossas letras lidavam com a condição humana num sentido mais externo, enquanto que aqui explorámos o que se passa dentro do indivíduo. A maior diferença é que acabou por influenciar um pouco a música. A «End Without End» é uma canção que é suposto reproduzir um ataque de pânico e nós tentámos aumentar constantemente a tensão na música de forma a criar esta ansiedade antes da libertação final.

Achas que os vossos fãs de longa data vão gostar da nova direcção?
Não faço ideia. [risos] Claro que apreciamos que qualquer pessoa tenha interesse no que fazemos, mas no fundo somos uma banda egoísta, em parte porque nenhum de nós precisa disto para manter as luzes acesas e ter comida na mesa. Se calhar algumas pessoas vão ficar aborrecidas por ser mais metal, mas sinceramente eu não espero que as pessoas lancem o mesmo álbum vezes sem conta.

"É como passar de conduzir um bulldozer para voar um avião – de repente prestas imensa atenção aos níveis e a específicas mudanças incrementais."

Era um bocado chato, sim.
Sem dúvida! Enquanto executante, não me quero repetir desnecessariamente. Ter estas novas possibilidades agora, é muito excitante e quero continuar a explorá-las. Não que ache que vamos deixar de ser o que somos, até porque continuamos uma banda pesada e agressiva. Houve algumas músicas neste álbum em que sentimos que estávamos a puxar um pouco a corda mas estamos muito satisfeitos com o resultado e queremos definitivamente continuar a explorar o que pode ser feito com a música pesada, qualquer que seja a definição que lhe queiram dar.

Em que sentido é que sentiste que estavas a puxar a corda?
Voltando à «End Without End», agora faz-me sentido, mas quando começámos a trabalhar nela era algo diferente pelo facto de a música seguir um caminho emocional específico. Há um *lead* que são essencialmente duas notas e que é propositadamente irritante, de forma a causar ansiedade no ouvinte. Depois há uma malha como a «Heathen Reign» que é a nossa ode a Bathory. [risos]

Sobretudo a segunda metade!
Sim, e isso levou-nos a equacionar se tínhamos ido longe demais. Não te queres limitar mas por outro lado não queres ir tão longe daquilo que te define que já não soes ao que és.

No fundo não te queres descaracterizar.
Exacto! Há discos em que a tua reacção é "de onde raio é que isto veio?" É uma viragem enorme que não se percebe. Não queremos fazer isso, queremos continuar a desafiar-nos mas nunca quero ter um disco para o qual olhe mais tarde e pense "que raio estávamos a fazer?"

MAYHEM & DRAGGED INTO SUNLIGHT

Descendentes da riquíssima tradição britânica na música extrema, os DRAGGED INTO SUNLIGHT, um misto de black, death, doom sludge e noise, foram escolhidos para ser a banda de suporte dos lendários progenitores do black metal norueguês, os MAYHEM, nas suas duas últimas *tours* europeias. Como se recordam (e conforme revisitamos na secção *Live & LOUD!* desta edição), a segunda delas também passou por Portugal. Para trás tinha ficado então, em Abril deste ano, uma primeira digressão marcante, que viu a banda nórdica de quase 35 anos de idade comemorar devidamente o seu clássico «De Mysteriis Dom Sathanas» ao largo da Europa, tocando-o na íntegra todas as noites. Foram dias cheios de peripécias, e recordamos agora as melhores, na primeira pessoa, pelo olhar privilegiado de um dos membros da sua *crew*, uma oportunidade única de reviver os eventos pela perspectiva das bandas e de quem as acompanha.

JAY H. GORANIA MANU VOLPINA FB: FACEBOOK.COM/VOLPINAPHOTOS

O insano passado dos Mayhem vai sempre precedê-los, e deixando qualquer tipo de julgamento de valores à parte da questão artística, a verdade é que a "mitologia" formada à sua volta está inextricavelmente ligada à essência da banda. «De Mysteriis Dom Sathanas» foi a última parte do legado musical do guitarrista Euronymous, e ainda hoje pedra basilar do black metal. Em 2017, prestando-lhe homenagem, estão o vocalista que o gravou, o já mítico Attila Csihar, o baixista e baterista originais, Necrobutcher e Hellhammer (ainda que o primeiro não tenha participado na gravação do álbum, pois estava afastado da banda na altura), e dois guitarristas mais novos, no entanto de uma valia impressionante, Teloch (ex-Orcustus, Nidingr) e o britânico Charles "Ghul" Hedger (Imperial Vengeance, ex-Cradle of Filth).

01/04/17: (Lords Of The Land Festival @ Barrowland), Glasgow, Escócia

O Lords Of The Land foi um festival impressionante. Os Autopsy estiveram seguros e absolutamente ferozes em palco. Ao fim destes anos todos, também os Marduk provam ser uma máquina muito bem afinada e oleada. A certa altura, por entre conversa geral envolvendo membros de bandas e amigos no *backstage* partilhado, alguém ouviu o vocalista dos Marduk, Mortuus, a dizer que as culturas europeias e africanas não se devem misturar, o que levantou algumas sobrancelhas no nosso "campo"... Pouco depois, um dos membros dos Dragged Into Sunlight confrontou o vocalista directamente, perguntando-lhe o significado daquela opinião, e afirmando que, por exemplo, um dos elementos dos Dragged Into Sunlight é negro. O Mortuus respondeu: *"Eu não sou racista. Sou contra o multiculturalismo."* Claro como lama, portanto?

03/04/17 (L'Empreinte) Savigny-le-Temple, França

A banda de suporte local, Khaos-Dei, foi cordial

o suficiente durante o dia. Absteram-se de desfraldar a bandeira de *douchebags* até estarem em palco… de onde não queriam mesmo sair. Alguém deveria ter intervido, cortando-lhes o concerto na altura em que era suposto ter terminado, mas isso não aconteceu e eles tocaram durante muito mais tempo que o previsto. Isso significou que o *set* dos Dragged Into Sunlight teve que ser substancialmente encurtado para que os Mayhem pudessem tocar o seu *set* completo e terminar a tempo da hora limite. Em vez de se portarem como profissionais, elevaram o seu mau feitio ao nível seguinte quando alguém lhes falou da situação. Como uma criança, um dos seus membros passou o resto do evento a aparecer e a desaparecer enquanto mostrava o dedo do meio a pessoas da equipa dos Mayhem, e consta que depois andou a contar aos amigos que tinha batido nos músicos da banda. Como é previsível na maior parte destes casos, claro que nada disso aconteceu na realidade.

06/04/17 (Live Club) Milão, Itália
Chegámos bem-dispostos à sala de Milão, e reparámos logo num exército de gente a vender material contrafeito, carregando produtos relativos a uma série de bandas, com maior destaque para os Mayhem, claro. Percebemos depois que, ao contrário do que acontece na maior parte dos países europeus, não há leis em Itália que proíbam a duplicação e venda de *merch*. Seja como for, roubar é errado, independentemente da legislação, por isso decidi reagir com classe à situação, cuspindo em várias dessas *t-shirts* no final da noite, o que levou a um confronto directo entre um desses vendedores e eu. Assumo que ele tinha um vocabulário inglês limitado, porque repetia várias vezes "*thank you very much*". A minha escolha de palavras em resposta foi um bocado diferente…

Assim que a enorme porta da sala abriu, centenas de pessoas correram literalmente para dentro num esforço para garantir lugar na primeira fila. Foi um concerto lotado com milhares de maníacos. Minutos antes do início, o «Around The Fur» dos Deftones tocava na sala. Excelente álbum, mas dificilmente a melhor escolha para estabelecer o ambiente de um concerto de black metal. Estava a ouvi-lo sentado num sofá no *backstage*, ao lado da banda de abertura, já toda "montada" com *corpsepaint* e máscaras, os checos Inferno. Seria a primeira de várias *performances* sólidas que tiveram enquanto nos acompanharam na *tour*. Momentos antes de subirem ao palco, o vocalista começou a vomitar para dentro do caixote do lixo. Depois, olhou para mim e disse-me: "*Não te preocupes. É normal,*" com um sotaque e tom de voz muito similar ao do Drácula. Deftones? Não é black metal. Drácula a vomitar? Muito black metal.

07/04/17: (Mostovna Nova Gorica) Solkan, Eslovénia
Conversei com o Attila acerca de alguns assuntos importantes durante o jantar na Eslovénia. Talvez surpreendentemente para alguns fãs dos Mayhem, uma vez que eles famosamente já incluíram cabeças de porco decapitadas como parte do seu aparato de palco, o vocalista é muito sensível no que diz respeito aos animais. Disse-me muito claramente que não tem dúvidas que os animais têm alma, e que têm o direito de ser tratados de forma humana, mesmo que isso signifique o fim da indústria pecuária como a conhecemos.

O Attila é sempre o último membro da banda a subir ao palco. Este concerto em particular tinha uma área de *backstage* muito congestionada próxima da casa de banho que esteve ocupada durante bastante tempo poucos minutos antes do início da actuação. A certa altura, tinha mesmo que ir ao W.C., por isso andava ali de um lado para o outro e acabei por ficar sozinho na sala com ele. Não sou propriamente um tipo passivo ou tímido, mas admito que tive dificuldades em manter contacto visual nessa ocasião, porque ele já estava envolvido na sua espécie de ritual. Já tinha o manto vestido, já estava com a maquilhagem aplicada, e não estava propriamente para grandes conversas. Gemia ocasionalmente, e abanava a cabeça de um lado para o outro, como um *shaman* tresloucado. Não me pareceu uma "actuação". É um tipo que leva estas coisas a sério e respeito-o imenso. A certa altura, ficou muito quieto, e disse-me… "*dude, I'm fucking drunk.*" Abruptamente levantou-se e correu para o palco para se juntar à banda.

"O insano passado dos Mayhem vai sempre precedê-los, e (…) a verdade é que a 'mitologia' formada à sua volta está inextricavelmente ligada à essência da banda."

10/04/17: (Klapperfeld Ex-Gefängnis) Frankfurt, Alemanha
A *venue* de Frankfurt era gerida por um colectivo de esquerda, e ocupava o espaço de uma prisão que esteve activa entre 1886 e 2002. O regime nazi, como é óbvio, esteve no poder durante parte dessa janela de tempo, ou seja, o sítio também é uma antiga prisão nazi. Muita gente foi presa e torturada dentro destas paredes, muitos dos quais enviados depois para campos de concentração e extermínio. É uma parte horripilante da História que se torna tangível ao visitar um local assim. Havia sem dúvida uma certa energia distinta dentro destas paredes, uma energia sinistra, para ser sincero, que todos sentimos. O concerto dos Dragged Into Sunlight teve lugar às escuras, numa cave sem janelas. Foi uma noite totalmente distinta das restantes da *tour*, que foram de maior escala, mas a atmosfera lúgubre e o local íntimo e invulgar não poderia ter sido mais apropriado para a música da banda. Mais tarde, nessa noite, andámos de transporte público, de autocarro, e um local, ao ouvir a conversa cheia de insultos bem-humorados entre um dos membros dos Dragged Into Sunlight e eu, perguntou-nos: "*Como é que um inglês se dá tão bem com um americano?*" O guitarrista disparou uma resposta que foi recebida com um silêncio desconfortável e longo desta pessoa, e também dos outros viajantes do autocarro: "*Bom, fomos aliados na guerra, não fomos?*"

BELL WITCH

MENOS É MAIS

O terceiro álbum do duo norte-americano BELL WITCH, «Mirror Reaper» promete deixar mossa. Um só tema de quase hora e meia, dividido por dois discos, encerra nos seus muitos picos e vales sonoros algum do melhor doom que ouvimos nos últimos tempos – para além de uma sentida homenagem a um amigo e ex-companheiro perdido entretanto. Falámos com o vocalista/baixista Dylan Desmond a respeito desta obra maior.

JOSÉ CARLOS SANTOS

O formato do novo álbum, com um tema ininterrupto, é naturalmente a primeira coisa que as pessoas vão notar e comentar. Era essa a ideia original logo quando começaste a pensar no novo trabalho?
Originalmente íamos escrever dois temas – «As Above» e «So Below», com vários movimentos que ficariam divididos em várias faixas. Mas à medida que fomos construindo os temas, começámos a questionar se teríamos mesmo alguma vantagem em separar as coisas. Já perto do fim da composição, não tínhamos dúvidas – isto é uma canção. O conceito mudou ligeiramente para acomodar aquilo em que o tema se transformou, uma espécie de imagem espelhada de si próprio. As duas "metades" não são obviamente perfeitos reflexos uma da outra, mas sim uma espécie de perspectiva angular de um espelho.

Como é óbvio, o desaparecimento do vosso antigo baterista, o Adrian Guerra, foi um golpe significativo sentido durante a composição, e o facto de terem incluído uma pista vocal dele como homenagem no álbum novo foi um belo gesto. Achas que essa secção acaba por ter um impacto grande na música, apesar de ser um trecho relativamente curto?
É curioso, porque essa secção em particular tinha sido originalmente descartada do tema porque estava um bocado preocupado que soasse demasiado parecida com um riff de outro tema da banda. Depois modificámos a estrutura um bocado, e eventualmente decidimos que resultava bem, e foi mais ou menos nessa altura que recebemos a notícia. Quando começámos a discutir onde colocar a faixa com a voz do Adrian, essa parte pareceu perfeita, porque para além de ser mesmo no meio do tema, no ponto do "reflexo", ainda era apesar de tudo uma parte parecida com um tema onde ele tinha cantado num álbum anterior. Para mim, tornou-se no ponto alto de toda a peça.

Foi difícil terminar o álbum depois disso? Consegues ainda reter boas memórias do processo criativo, apesar de tudo?
Abrandou-nos consideravelmente durante um bocado, é verdade. Mas acho que, depois de passado o choque inicial, ao fim de algum tempo acabou por nos tornar mais focados. Ambos sentíamos que tínhamos que tornar o álbum em algo que reflectisse o impacto que a morte do Adrian teve nas nossas vidas. No final de contas, acho que ele estaria orgulhoso do que fizemos.

Fala-nos um pouco mais do conceito lírico do disco, tem a ver com a ideia global que referiste do espelho e do reflexo?
Toda a música foi escrita a partir da perspectiva de um fantasma preso numa espécie de cenário de morte perpétua. Foi a forma que encontrei de tentar ilustrar o espaço entre a vida e a morte, a longo prazo. O título do álbum é uma referência directa a essa ideia, o pon-

"Quando o único barulho que se ouve está a vir de apenas duas pessoas, que ainda por cima estão a tocar instrumentos muito diferentes um do outro, há um peso extra sobre a actuação e os erros têm um efeito muito mais directo."

to de reflexão que adiciona ambiguidade em relação ao que está de cada lado do espelho.

Como é que foi trabalhar com o Jesse [Shreibman, baterista] numa gravação pela primeira vez? Num duo, imagino que a relação entre os dois membros seja um bocadinho mais importante do que em bandas com mais elementos.
Trabalhar com o Jesse é estupendo. Já somos amigos há muito tempo, e já tínhamos até falado da possibilidade de fazermos uma banda juntos várias vezes. Acho que se o novo baterista fosse um estranho, teria sido muito diferente continuar a evolução do projecto. Assim, como já estamos confortáveis com a personalidade um do outro, pudemos mergulhar logo na escrita depois de termos terminado uma sequência de *tours*. Ele passou muito tempo a ouvir os álbuns anteriores, para conseguir obter o *feeling* certo, e acabou por desenvolver o seu próprio estilo dentro da banda. Aprender os temas antigos com a profundidade com que ele o fez deu-lhe espaço para introduzir a sua própria visão criativa na nova música. Para além disso, ter adicionado o orgão foi algo que trouxe uma textura totalmente nova e *layers* que não estavam presentes anteriormente.

A progressão entre os vossos discos, especialmente num género que é muitas vezes visto como limitado, é de facto notável. Até que ponto é que planeias especificamente cada mudança e cada passo em frente antes de começar a escrever a música?
Antes de mais, obrigado! [risos] Porque é mesmo esse o objectivo – com cada disco, tento expandir aquilo que faço com o baixo, de várias formas. Adicionando mais dedos às partes de *tap* da minha mão direita, expandindo os riffs noutras direcções… Acho que nunca vamos ter dois discos que sejam muito parecidos um com o outro. Não é algo que esteja fora de questão, mas simplesmente não vejo isso a acontecer, pela forma como aproximamos os temas. Mesmo assim, não estou imune a ouvir várias críticas de pessoas que não apreciam – ou se calhar não percebem – a lentidão e o minimalismo na música. Acontece, e percebo porquê, sei que não faço música para toda a gente.

Vocês são uma banda que toca imenso ao vivo. Nos últimos anos, vimo-vos em contextos totalmente diferentes, seja no ilustre Roadburn ou seja no pequenino Sabotage em Lisboa. Até que ponto é que achas que esta experiência acumulada influencia a tua escrita?
Há uma atmosfera nos concertos que é totalmente diferente de uma gravação. Como é óbvio, uma gravação pode ser editada, mas uma *performance* ao vivo é inerentemente imperfeita. Ser um duo pode dificultar muito as coisas, qualquer erro que um dos elementos faça é muito mais difícil de mascarar… por exemplo, numa banda com duas guitarras, baixo e bateria, se o baixista dá um "prego", é normal que o público nem dê por isso, porque as guitarras estão muito altas e tapam o que aconteceu. Quando o único barulho que se ouve está a vir de apenas duas pessoas, que ainda por cima estão a tocar instrumentos muito diferentes um do outro, há um peso extra sobre a actuação e os erros têm um efeito muito mais directo. Por causa disto, na minha opinião, esta banda tem aprendido a controlar melhor as emoções, especialmente em cenários onde há muito pouca actividade física. Aprendemos a fazer mais com menos, o que é muito entusiasmante para mim.

Como é que achas que vai ser quando tocares o disco na sua íntegra no próximo Roadburn?
Não tínhamos sequer pensado na forma como iríamos lidar com este disco ao vivo, ou sequer se o íamos fazer, e por isso quando nos convidaram para fazer isso fomos apanhados de surpresa. Mas foi apenas uma questão de falar um bocadinho disso para percebermos que seremos capazes de o fazer. Vamos ter o Erik Moggridge connosco em palco para ajudar nas vozes, e assim sendo, vai correr tudo bem.

E depois… siga a carreira dos Bell Witch, que se prevê longa?
Sim, sem dúvida que vejo muito potencial de longevidade para esta banda. Já tivemos algumas conversas sobre o próximo álbum, e tanto o Jesse como eu achamos que é altura de explorar mais os aspectos death metal dos Bell Witch. Claro que tudo pode mudar quando começarmos a escrever a música! Logo se vê.

LAÇOS DE SANGUE

São vários os adjectivos que nos vêm à cabeça quando ouvimos o nome CANNIBAL CORPSE, mas há apenas um que define realmente estes veteranos prestes a celebrar 30 anos de percurso no universo do death metal... Desde o início, corria o ano de 1988, a banda de Buffalo, Nova Iorque, sempre se revelou imparável. Depois de ter dado cerca de 200 concertos pelo mundo a promover o muito aplaudido «A Skeletal Domain», o quinteto regressa às edições com o seu 14º registo de longa-duração. O monstruoso «Red Before Black» serve não só para reiterar a ideia de que nada pode parar esta gente, mas também para elevar novamente a fasquia, deixando claro quem define o padrão quando se trata de música extrema eficaz, brutal e complexa. Sobre a enorme vontade de evolução e aquilo que os mantem vivos tanto tempo depois de terem dado os primeiros passos, conversámos com o baterista e elemento fundador Paul Mazurkiewicz.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

São já três décadas de Cannibal Corpse. É o amor pela música que vos mantém aqui?
Continuamos a adorar o que fazemos, sim, mas isso agora é só uma parte do "bolo". Podia estar aqui a tentar atirar areia para os olhos das pessoas e dizer que sim, que foi o amor pelo death metal que nos manteve aqui durante estes anos todos. E, de certa forma, também foi, por isso não estaria a mentir, mas há algo para além disso. Por muito que seja pouco romântico dizer isto, a verdade é que, eventualmente, a banda acabou por transformar-se no nosso emprego, no nosso ganha-pão. E, claro, isso é o combustível para continuarmos aqui. É feio pensar que a música se pode transformar nisso, mas eventualmente é o que acontece a todos os músicos profissionais – e não há volta a dar. Os Cannibal Corpse são a nossa profissão, é a banda que paga as contas ao final do mês. Temos, no entanto, de encontrar um balanço... Enquanto estivermos a fazer aquilo que queremos a 100%, porque não continuarmos? Eu, sinceramente, não consigo imaginar uma razão válida para não o fazer. A vida é demasiado curta para estarmos com merdas e nós estamos a viver o nosso sonho, por isso – seja por mais dez ou quinze anos –, vamos continuar a fazê-lo.

Tem sido fácil encontrar esse equilíbrio de que falas?

Bem, eu não sei fazer mais nada. [risos] Nem sempre é fácil porque, lá está, é complicado digerir a ideia de que o grupo é um "emprego", mas... É normal que, no início, as pessoas só queiram mesmo fazer música, mas a partir do momento em que uma banda consegue atingir algum nível de sucesso, que começa a gerar dinheiro, as coisas comecem a tomar contornos diferentes. Isso implica, necessariamente, um processo de adaptação e foi algo por que nós tivemos de passar. Quando consegues, por fim, interiorizar essa ideia, torna-se tudo mais fácil e, hoje em dia, já é uma segunda natureza para todos nós. Além disso, também nunca nos tornámos uma banda enorme... Nunca atingimos aquele estatuto insano dos Metallica ou assim.

Podem nunca ter chegado ao *mainstream*, mas são hoje uma das mais bem sucedidas bandas de death metal de todos os tempos. Vêem-se como "os padrinhos da cena"?
Nem por isso. E é muito, mesmo muito, estranho pensar nas coisas nesses termos. [risos] Afinal, quem raios sou eu?! Sou só um tipo totalmente normal, que toca death metal e faz a sua vida disso. Sim, andamos nisto há cerca de 30 anos e influenciámos muita gente pelo caminho, mas continua a ser bizarro tentar racionalizar as coisas dessa forma. Não me vejo como um ícone, nada desse género. [pausa] Não, a sério... Isso é muito, mesmo muito, estranho.

Como te sentes neste momento, com um novo álbum prestes a ser lançado?
Sinto-me muito, muito positivo, na verdade. Tenho passado os últimos dias a falar com a imprensa e as reacções têm sido espectaculares, por isso não me posso queixar. A opinião generalizada é de que fizemos mais um grande disco e, pelo que me dá a parecer, há até quem tenha sido apanhado de surpresa. Já falei, inclusivamente, com pessoal que acha que este é o nosso melhor álbum de sempre, o que – sobretudo tendo em conta que temos um fundo de catálogo tão extenso – só por si já é uma enorme vitória para nós. Os Cannibal Corpse do «Red Before Black» não soam como um grupo de tipos de 50 anos a tentar fazer música brutal, soam como uma banda com sangue na guelra e, apesar de já não termos nada a provar a ninguém, isso é óptimo.

"Enquanto estivermos a fazer aquilo que queremos a 100%, porque não continuarmos? Eu, sinceramente, não consigo imaginar uma razão válida para não o fazer."

Não deixa de ser fantástico que consigam superar-se álbum após álbum após álbum... Há um segredo para a vossa vitalidade?
Não, acho que não. Limitamo-nos apenas a fazer a nossa cena e continuamos muito apaixonados por este tipo de música. Esse tem, de resto, sido o denominador comum mais forte ao longo da carreira dos Cannibal Corpse... Desde o início que fazemos "a nossa cena" e pronto, isso nunca mudou com o passar dos anos. Felizmente continuamos a sentir-nos muitíssimos motivados e não nos falta inspiração quando chega o momento de criar, por isso, nesse aspecto, temos tido muita sorte. Há algo que tem sido decisivo também, que é esta vontade que temos de fazer sempre mais e melhor, a cada ano que passa. Basicamente, é isso que temos tentado fazer ao longo de toda a nossa carreira. Queremos melhorar sempre, em todos os aspectos. Não sei bem se conseguimos fazê-lo a cada novo passo, e nem sequer me compete fazê-lo, mas conforta-me saber que, pelo menos, tentámos. Agora, um segredo? Não há, sinceramente. O que temos é a sorte de ter bons compositores no grupo, que continuam a escrever bons temas, ano após ano. É isso que nos tem permitido manter uma carreira durante três décadas.

Essa ideia de "fazer sempre mais e melhor" está presente quando estão a compor?
Por esta altura, acho que já é algo tão natural que nem sequer pensamos nisso. Há medida que vamos acumulando mais experiência, as coisas têm inevitavelmente de mudar... Para melhor, de preferência. Se não for assim, algo está muito errado. [risos] É como tudo na vida, uma pessoa vai vivendo e aprenden-

do, acumulando conhecimento e preferencialmente aplicando-o em tudo o que faz. Não é, no entanto, algo com que tenhamos de nos preocupar activamente. Por esta altura não é, pelo menos. Quando chega a altura de escrever música nova, limitamo-nos a fazê-lo e vemos o que acontece. Pelos vistos, tem funcionado bem – aqui estamos nós, 30 anos depois, a lançar alguma da nossa melhor música de sempre.

"A prática faz a perfeição", parece que é mesmo verdade.
Basicamente é isso, sim. Quando estávamos a começar, estávamos incrivelmente entusiasmados e, desde aí, as coisas mudaram muito. Continuamos a estar entusiasmados, caso contrário teríamos posto um ponto final nisto tudo há muito tempo, mas a visão é totalmente diferente. As mudanças até podem ter sido subtis, mas aconteceram. Continuamos a fazer mais ou menos o que fazíamos no início, mas de uma forma diferente. Se olharmos, por exemplo, para o nosso primeiro álbum; para mim, continua a ser um bom disco, não tenho sequer grandes defeitos a apontar-lhe, mas não há como negar que os tempos mudaram e nós também, por isso agora faríamos tudo de uma forma bem diferente. Falando por mim... Sei que é relativo ou o que quer que seja, mas acho que, hoje em dia, sou um baterista muito melhor. O Alex [Webster, baixista] está a tocar ainda melhor e o resto do pessoal está todo em topo de forma também, por isso somos como os bons vinhos. E estamos a envelhecer muito bem. [risos]

No início achavas que esta aventura podia durar tanto tempo?
Não, de forma alguma. Ninguém poderia ter previsto isto naquela altura. Até porque vivíamos numa época diferente... As bandas, mesmo as mais estabelecidas, não duravam mais de dez ou vinte anos. Não havia propriamente precedentes em relação a quando tempo poderia durar uma banda de rock ou de heavy metal, percebes? Eu sei que isto agora pode parecer muito estranho, mas era mesmo assim. Naquela altura, um adolescente a formar uma banda nem sequer pensava nas coisas nesses termos. Pensávamos só mesmo no momento. Caramba, ter 50 anos era algo tão distante que nem sequer nos passava pela cabeça.

O «Red Before Black» já é o vosso 14º álbum, o que me faz sentir um bocado velho.
Deixa lá, eu sinto o mesmo. [risos]

Sim, mas tu tocas bateria numa banda de death metal. Até quando te vês a fazer isto?
Até ser fisicamente possível... [risos] Não sei, se calhar vai ser ridículo tocar death metal quando tiver 60 anos. Não é algo em que pense com frequência, mas gosto de pensar que, mesmo depois dos Cannibal Corpse, vou continuar a dar uns toques, nem que seja só na minha garagem. É até estranho falar nisto, pensar nisto, porque não sinto o peso da idade. É óbvio que já não tenho a mesma energia que tinha quando era um miúdo e, claro, as coisas não se têm tornado mais fáceis, pelo contrário, mas faço o que está ao meu alcance para manter a forma e a resistência. Hoje em dia já não posso estar a contar apenas com a adrenalina, não posso tocar como tocava quando tinha vinte anos, as coisas não são como eram, por isso vou trabalhando mais afincadamente a cada ano que passa. Aliás, acho que isso se nota neste novo disco, porque se queremos ser bem sucedidos temos de continuar a trabalhar para isso. Eu sempre o fiz no duro, em todos os álbuns que gravámos, mas parece que a passagem dos anos me tem inspirado a esforçar-me ainda mais e estou a colher frutos disso.

"Os Cannibal Corpse do «Red Before Black» não soam como um grupo de tipos de 50 anos a tentar fazer música brutal, soam como uma banda com sangue na guelra."

Talvez esteja aí parte do segredo do vosso sucesso.
É possível. Sempre fomos uma banda de "colarinho azul" e já não o sabemos fazer de outra forma. Basta olhar para a nossa carreira, estamos sempre a trabalhar. Nunca parámos, nunca deixámos de tocar ou de gravar. Andamos nisto, de forma ininterrupta, há já três décadas. Se não estamos em *tour*, estamos a escrever ou a gravar... Tem sido sempre assim, é a nossa ética de trabalho.

Depois destes anos todos, quão importante é manterem-se relevantes?
Acaba por ser importante, mas como não estamos a competir com ninguém, é outra das coisas em que nem pensamos. Limitamo-nos a escrever as melhores canções que podemos, e pronto. Isso, aparentemente, tem bastado para nos mantermos relevantes ao longo dos anos. E é óbvio que queremos continuar a fazer coisas que mantenham as pessoas interessadas, mas... Por um lado, não nos queremos tornar complacentes, mas por outro também não vamos mudar radicalmente de sonoridade só para nos tornarmos mais "modernos". Quem ouvir o nosso catálogo do início ao fim vai perceber que sempre nos mantivemos fiéis às regras básicas do death metal e ao que é suposto serem os Cannibal Corpse, mas nunca gravámos dois discos exactamente iguais. Sempre fizemos questão de manter a identidade da banda intacta, sim, mas vamos introduzindo novos elementos no som e isso mantém-nos, a nós e aos fãs, interessados. No novo álbum, por exemplo, dei por mim a explorar alguns padrões rítmicos um pouco diferentes e acho que isso acabou por trazer um pouco de frescura ao material. Basta uma pequena mudança, uma pequena novidade, para que se abram novos caminhos e nos sintamos inspirados a seguir em frente com mais vigor ainda. Nunca é nada de radical, certo, mas acho, muito sinceramente, que um dos segredos para a nossa longevidade reside também nesses pequenos pormenores, nessas subtilezas. No final, se calhar é mais importante ser consistente que propriamente relevante.

CANNIBAL CORPSE

«Red Before Black»

[Metal Blade]

Há qualquer coisa neste «Red Before Black» que remete para a fase Chris Barnes. Pode ser a produção do Erik Rutan, poderosa como no «Kill», mas muito mais suja. Pode ser o *groove* latente ao longo de todo o álbum, como acontece na «Scavenger Consuming Death» que podia perfeitamente estar no «Tomb Of The Mutilated». Também podem ser as guitarras que deram um passo atrás na complexidade – embora temas como o tresloucado «Firestorm Veangence» ou o impressionante «Destroyed Without A Trace» estejam pejados de insanidade rítmica – e dez à frente na dinâmica, na variedade e no desbravar de novos territórios. Não é que haja uma tentativa deliberada de soar como antigamente, porém o acréscimo de balanço («Heads Shoveled Off») e melodia («In The Midst of Ruin»), a maior acessibilidade de alguns dos riffs («Code Of The Slashers») e até a depravação lírica de alguns temas («Remaimed»), fazem deste disco um ponto de encontro entre duas eras, ao mesmo tempo que os vê demarcarem-se do que têm feito ultimamente. De uma forma geral, todos os instrumentos têm mais espaço para respirar e isso acaba por se reflectir sobretudo na prestação de Paul Mazurkiewicz, que assina o seu registo mais inspirado e imprevisível de sempre. Não raras vezes as guitarras, que muito experimentam também nos solos, tendem mais para o thrash metal ou, como acontece em «Shedding My Human Skin» e «Corpus Delicti», para o tipo de brutalidade que esperaríamos de uns Suffocation. «Red Before Black» não é só mais um disco. É um marco: ousado, pejado de boas surpresas e de olhos postos no futuro, embora em contacto permanente com as raízes. Os Cannibal Corpse revisitaram uma zona de conforto para saírem de outra e assinaram o que pode muito bem ser o melhor disco da era Corpsegrinder. **[9] J.A.R.**

PEDRO SILVA

AKERCOCKE

«Renaissance In Extremis»
[Peaceville]
Por mais que já estejamos todos fartos até à ponta dos cabelos de reuniões e regressos, nostalgias e *retros*, Incs e A.D.s, há bandas que ainda merecem, mais que o benefício da dúvida, verdadeiro entusiasmo quando decidem dar mais uma voltinha no carrossel. Poucas, mas há, e os Akercocke são sem dúvida uma delas. Pela qualidade superlativa que sempre demonstraram, pela conduta exemplar que sempre tiveram, e até pelo facto de nunca ter havido circo nenhum à volta deles, nem quando terminaram, nem quando foi anunciado o seu regresso há coisa de um ano. Sem merdas, sem *fanfares*, e logo com a intenção declarada de apresentarem material novo. A *performance* estrondosa que nos proporcionaram em Barroselas no SWR deste ano já deixou água na boca suficiente e já foi ampla demonstração de que este regresso é para levar a sério, mas «Renaissance In Extremis» é mesmo a prova definitiva desse facto. Principalmente porque não é, de todo, um "requentar" de coisa nenhuma. Fica aliás a sensação de que, mesmo se a banda nunca tivesse acabado, este seria o disco que os Akercocke versão 2017 fariam de qualquer maneira. Que o tenham feito uma década inteira passada desde «Antichrist» é motivo de realce substancial. Mantendo o núcleo duro de Jason Mendonça, Paul Scanlan (que tinha saído em 2003 depois do «Choronzon») e David Gray, garantem o carácter e a personalidade da banda intactos, com a ferocidade e os *twists* inesperados que tão bem lhes conhecemos, mas apesar disso, há imensos momentos de surpresa e de adição de novos elementos. Só em «Familiar Ghost», temos electrónica bem colocada e executada, violinos e todo um ambiente futurista que faz pensar nos Voivod. «Insentiance» e «Unbound By Sin» são outros momentos de verdadeira expansão sonora, com melodia e selvajaria a conviverem tranquilamente e dando origem a dois malhões que tão depressa não devem sair do *setlist* dos concertos dos britânicos. São também os dois temas que melhor ilustram o balanço perfeito entre imediatismo e complexidade para mais tarde digerir – ou seja, serão capazes de ter um impacto semelhante seja à primeira ou seja à vigésima audição, mesmo chegando lá de formas diferentes. A presidir a isto tudo, a voz de Jason Mendonça, mais elástica e dinâmica que nunca, cantando, sussurrando, urrando e guinchando como se estivesse possuído por vários tipos de demónios, anjos e demais figuras mitológicas ao mesmo tempo. Outras bandas, fica a nota: "regressos", é assim que se fazem. **[9]** J.C.S.

ALL PIGS MUST DIE

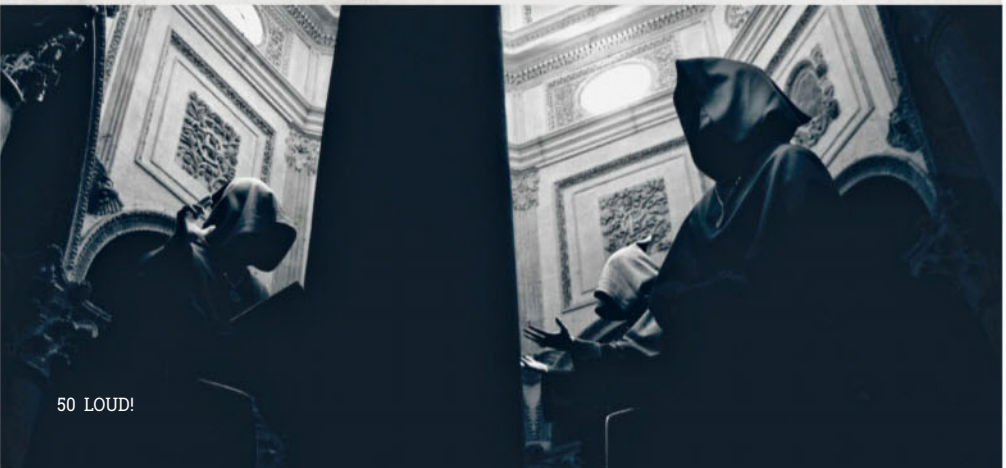
«Hostage Animal»
[Southern Lord]
Atenção redobrada para este regresso dos All Pigs Must Die aos discos, sendo que «Hostage Animal» é o primeiro que gravam com Brian Izzi, dos Trap Them. Sendo que os autores de discos como «Seizures In Barren Praise» ou «Darker Handcraft» anunciaram recentemente a separação, já era de crer que o guitarrista tivesse canalizado para aqui a sua criatividade mais recente, tornando este projecto de elementos dos Converge, The Hope Conspiracy e Bloodhorse ainda mais "super". O tema-título dá início ao álbum com uma explosão de blackened hardcore de escola HM-2, batidas rápidas a cheirar a d-beat, riffs curtos, a dose certa de *tremolo picking* e Kevin Baker a cuspir bílis com intenção. É sobretudo essa garra que faz de uma banda como os All Pigs Must Die essencial: «A Caustic Vision», «Meditation Of Violence», «Blood Wet Teeth» ou «Moral Purge» são verdadeiras bombas refractárias de peso contundente, mas «Hostage Animal» é uma besta mais complexa que isso. Em «Slave Morality», «End Without End» e «Cruelty Incarnate», os cinco músicos também não se coíbem de levantar o pé do acelerador, com Izzi a trazer para a banda aquela aura meio sinistra que caracteriza a sua música desde os tempos dos December Wolves. Alternando ritmos mais paquidérmicos, outros compassados e um meio-tempo verdadeiramente demolidor, os APMD conseguem invocar ao mesmo tempo o peso sufocante do doom/sludge e as atmosferas bem negras do black metal. Fãs das bandas mencionadas em cima, e dos Entombed em particular, não podem continuar a passar ao lado de discos como este. **[8.5]** J.M.R.

BLUT AUS NORD

«Deus Salutis Meæ»

[Debemur Morti]

O já longo percurso dos Blut Aus Nord é absolutamente ímpar. Tem-no sido tanto quando assumem uma sonoridade mais convencional com os bombásticos «Memoria Vetusta» como quando experimentam com o industrial, faceta que pese ter o seu expoente máximo na série 777 já era patente no «The Work Which Transforms God». O novo longa-duração, «Deus Salutis Meæ», tem elementos claros das várias fases da carreira sem no entanto se enquadrar solidamente em nenhuma. O que não constitui grande surpresa. Não é de todo surpreendente que Vindsval, proponente público da filosofia da terra queimada no que toca à composição, lance um disco em que não procura apenas focar-se em temas já explorados. Também não é surpreendente que o mesmo esteja repleto de intrincadas dissonâncias, domínio em que se tem revelado excepcional, particularmente na última década de profícua actividade. No mesmo sentido, não surpreende que «Deus Salutis Meæ» seja asfixiante do princípio ao fim, necessitando e exigindo uma atenta devoção dos seus ouvintes. Em paralelo com o que von Meilenwald tem feito nos últimos anos, Vindsval imbui um black metal de cadência frequentemente lenta com grandiosas e litúrgicas atmosferas, cheio de melodias memoráveis e candidato óbvio a disco do ano. A diferença é que Vindsval o faz recorrendo a um turbilhão incessante de dissonância, death metal do mais perturbador, e toques de classe industrial. Surpresa era «Deus Salutis Meæ» não estar no patamar de genialidade a que nos tem habituado. **[9]** L.P.



ANCIENT VVISDOM

«33»
[Argonauta]
Precisaram de uma pequena pausa para recarregar baterias, os irmãos Jochum, que formam o núcleo criativo dos Ancient VVisdom. Mike e Nate, este último o *frontman* também conhecido por Nathan Opposition, que já tocaram nos Integrity, acertaram em cheio numa fórmula que tornou a banda razoavelmente conhecida depois de dois discos excelentes, «A Godlike Inferno» de 2011 e «Deathlike» de 2013. Formato semi-acústico, malhinhas simples, de melodias viciantes e altamente cantáveis, apresentadas sob a forma de odes a Satanás, contavam ainda com uma presença ao vivo enebriante que lhes valeu uma passagem pelo prestigiado Roadburn e várias digressões importantes. Pareceu, no entanto, no período que se seguiu (que incluíu o menos inspirado «Sacrificial»), que a fórmula estava algo gasta, ou pelo menos cansada, mas a verdade é que agora, três anos volvidos, sem mudanças por aí além, «33» apresenta-se logo com uma cara lavada e, mais uma vez, cheio de grandes malhões daqueles que nos vão ficar na cabeça durante muito tempo. Objectivamente, não há nada de novo, para além de uma produção mais cheia e que surpreendentemente até serve melhor os temas, ligeiramente menos acústicos que antes – quem não gostava dos AVV, não vai passar a gostar magicamente, mas todos os outros têm em «Light Of Lucifer», «The Infernal One» ou «The Great Beast», entre outras, maravilhosamente interpretadas por um Nathan em melhores condições vocais que nunca, excelentes adições ao catálogo da banda. **[7]** J.C.S.

ANTI-FLAG

«American Fall»

[Spinefarm]

Os Anti-Flag têm vindo a adocicar o seu punk rock ao longo dos anos e se chegaram a soar como uma versão mais crua, embora nunca tão talentosa, dos Green Day por alturas do «Dookie», hoje em dia parecem ter perdido de vez a chama, a garra e a pungência. Se não há como negar o potencial *radio-friendly* de temas como «American Attraction», «The Criminals» ou «Casualty», mesmo soando a qualquer coisa que já ouvimos milhares de vezes de outra banda qualquer cujo nome nunca mais nos vamos lembrar, experiências como o punk/ska/reggae de «When The Wall Falls» ou o piscar de olho ao público *teenager* de festas embriagadas estilo «American Pie» em «Trouble Follows Me» ou «I Came, I Saw, I Believe», aniquilam os momentos positivos. Para quem gostar de punk pop limpinho, com défice de peso e energia, carregado de melodias dignas de um genérico dos «Morangos Com Açucar», este pode ser um óptimo disco, afinal os Anti-Flag sabem escrever temas orelhudos. E é só por isso que levam a seguinte nota: **[5.5]** J.A.R.

ARCKANUM

«Den Förstfödde»

[Folter]

Depois de um período muito produtivo, entre 2008 e 2013, com o lançamento de três EPs, um *split* e cinco LPs, no qual se destacou o excelente «ÞÞÞÞÞÞÞÞÞÞ», o multi-instrumentista Shamaatae esteve quatro anos votado ao silêncio e regressa agora com o nono longa-duração, «Den Förstfödde» (o primogénito, em português), paradoxalmente anunciado como capítulo final na história desta *sui generis* entidade sueca. E não começa nada bem. O primeiro quarto de hora, dividido em dois temas, funciona como uma espécie de introdução interminável, marcada por riffs (demasiado) genéricos e espaçados, que tentam criar uma atmosfera pesarosa, mas acabam simplesmente por soar aborrecidos. Surge então, numa altura em que o desânimo já começa a instalar-se, «Likt Utgårds Himmel», black metal rápido e melódico, que deixa ouvir pela primeira vez um dos vários solos carregados de sentimento de Set Teitan (ex-Dissection), presença habitual nos discos dos Arckanum. A partir deste ponto a coisa entra nos eixos, com excepção de um sensaborão instrumental/interlúdio colocado entre os dois melhores temas do disco: «Ofjättrad» e «Låt Fjalarr Gala». O primeiro tem uma vibração mais rock até meio e termina em bestial devastação, com um daqueles riffs que rasgam pele; já «Låt Fjalarr Gala», de longe a canção mais profunda e orelhuda do disco, sobressai pelas harmonias arrepiantes e pelo refrão bem vincado, mais uma vez com ajuda do sr. Teitan. No final, pesam mais o prós do que os contras, mas como um todo «Den Förstfödde» fica longe de momentos áureos de outrora. **[6.5]** J.A.R.

BATTLE DAGORATH

«II – Frozen Light Of Eternal Darkness»

[Avantgarde]

Nome de respeito no espectro mais misterioso e niilista do black metal actual, dos Battle Dagorath habituámo-nos a não esperar facilitismos ou condescendências na forma como nos sugam, a cada novo disco, para um avassalador monumento de escuridão. Um ano após o tenebroso «I – Dark Dragons Of The Cosmos», o segundo tomo desta viagem afunda-nos ainda mais nas profundezas da eterna escuridão que o título sugere e na qual nos sentimos mergulhar se imbuídos no espírito certo da estéril e gélida atmosfera que esta dupla tão eximiamente recria. Desta feita elevam o desafio a um patamar ainda mais impenetrável e de alguma forma elitista, ao alcançar os quase 80 minutos de duração de um disco que fará os ouvidos mais incautos e menos treinados para este tipo de monstro sucumbir logo aos primeiros três. Mais impressionante se torna verificar que, não só assumem uma duração pouco habitual em discos do género, como conseguem manter as coisas interessantes ao longo de toda a esmagadora experiência que «II – Frozen Light Of Eternal Darkness» representa, oscilando entre a frieza do black metal mais primitivo e a envolvência de um subtil e sorumbático uso de sintetizadores. Os quase vinte minutos de «Cast Their Ashes To The North Wind» alcançam a plenitude do desafio que é colocado ao ouvinte e da mestria de uma banda que se mantém intocável. **[8]** R.A.

BEAST IN BLACK

«Berserker»

[Nuclear Blast]

Pouco tempo após deixar os Battle Beast, com acusações por parte do resto da banda que queria controlar todo o processo criativo do grupo, o guitarrista finlandês Anton Kabanen não perdeu tempo para criar estes Beast In Black. Com uma formação internacional que inclui um vocalista grego, um baixista húngaro e mais dois conterrâneos, surge a estreia «Berserker», em parte esteticamente influenciada pela *manga* japonesa. O disco surpreende pela vitalidade e qualidade do seu power metal melódico, com arranjos monumentais a engrandecer uma sonoridade tipicamente finlandesa. Mas a grande surpresa neste trabalho é Yannis Papadopoulos, cuja amplitude vocal é realmente surpreendente. Se ouvirem «Blind And Frozen», ficarão com certeza de queixo caído quando souberem que a voz à Tarja Turunen é do próprio cantor grego. Sem dúvida uma excelente estreia e, comparando-o com o último dos Battle Beast, é óbvio que estes últimos ficaram muito a perder com a saída de Kabanen. **[8.5]** C.G.

BIGFOOT

«Bigfoot»

[Frontiers]

Com dois EPs editados e alguns concertos que ajudaram a firmar o seu nome na cena britânica, os Bigfoot são a nova aposta da Frontiers e, como é habitual neste selo discográfico, temos aqui uma banda de hard rock. Mas este quinteto consegue misturar de forma eficaz a crueza do hard rock dos anos 70 e a festividade e melodia dos 80 com uma sonoridade mais moderna. O trabalho das guitarras de Sam Millar e Mick McCullagh é omnipresente em malhas como a inicialmente estranha «Karma», uma «Tell Me A Lie» que nos faz recordar uns Extreme ou na estonteante «Freak Show», enriquecendo de sobremaneira os temas com floreados e solos que nos prendem às colunas de som. Resta agora esperar pela evolução destes ingleses. **[7]** C.G.

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
MOONSPELL - 1755 (ED. DIGIPACK / DELUXE BOX / LP)
NE OBLIVISCARIS - URN (ED. LDA)
ENSLAVED - E (ED. LDA DELUXE / VINIL)
VUUR (ANNEKE VAN GIERSBERGEN) - IN THIS MOMENT WE ARE FREE
GODFLESH - POST SELF
CANNIBAL CORPSE - RED BEFORE BLACK
WITCHERY - I AM LEGION
ANNIHILATOR - FOR THE DEMENTED
CONVERGE - THE DUSK IN US
LUSTRE - STILL INNOCENCE
ELECTRIC WIZARD - WIZARD BLOODY WIZARD
PINK CREAM 69 - HEADSTRONG
THE DARK ELEMENT - THE DARK ELEMENT
ELVENKING - SECRETS OF THE MAGICK GRIMOIRE
AMBERIAN DAWN - DARKNESS OF ETERNITY
SWEET & LYNCH - UNIFIED
DESTRUCTION - THRASH ANTHEMS II [COMPILATION]
THE UNGUIDED - AND THE BATTLE ROYALE
AOSOTH - V: THE INSIDE SCRIPTURES
CONAN - MAN IS MYTH - EARLY DEMOS
SORCERER - THE CROWNING OF THE FIRE KING
IRON MAIDEN - THE BOOK OF SOULS: LIVE CHAPTER [LIVE]
CAVALERA CONSPIRACY - PSYCHOSIS
SHINING - FIENDE [EP]
TAAKE - KONG VINTER
FORGOTTEN TOMB - WE OWE YOU NOTHING (CD/BOX)
BLUT AUS NORD - DEUS SALUTIS MEÆ
SEPTIC FLESH - CODEX OMEGA (ED. LDA 2CD)
SATYRICON - DEEP CALLETH UPON DEEP (ED. DELUXE)
KAUAN - KAIHO (ED. LDA DELUXE)
SAMAEL - HEGEMONY
HALLATAR - NO STARS UPON THE BRIDGE
KATLA. - MÓÐURÁSTIN
www.piranhacd.com
AMENRA - MASS VI
LUNATIC SOUL - FRACTURED
BELPHEGOR - TOTENRITUAL (ED. LDA)
CRADLE OF FILTH - CRYPTORIANA: THE SEDUCTIVENESS
ARCHSPIRE - RELENTLESS MUTATION
THE BLACK DAHLIA MURDER - NIGHTBRINGERS
ARCH ENEMY - WILL TO POWER (ED. LDA / BOX)
EXHUMED - DEATH REVENGE
PROCESS OF GUILT - BLACK EARTH (ED. LDA)
WOLVES IN THE THRONE ROOM - THRICE WOVEN
THEN COMES SILENCE - BLOOD
AKERCOCKE - RENAISSANCE IN EXTREMIS (CD/EARBOOK)
PÄNZER - FATAL COMMAND (ED. LDA)
CHELSEA WOLFE - HISS SPUN
GRAVE PLEASURES - MOTHERBLOOD (ED. LDA MEDIABOOK)
MYRKUR - MAREridt
THROANE - PLUS UNE MAIN A MORDRE (ED. LDA DIGI)
PARADISE LOST - MEDUSA (ED. LDA DELUXE CD/VINIL)
LEPROUS - MALINA (ED. LDA MEDIABOOK)
SERENITY - LIONHEART (ED. LDA)
DELAIN-A DECADE OF DELAIN-LIVE AT PARADISO 2CD/BLURAY/DVD
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

BIOLENCE

«Violent Non Conformity»

[Firecum]

Escutar um trabalho nacional que soa tão bem quanto o último dos Destruction, por exemplo, faz perceber, para lá de considerações sobre o estado dos teutónicos, como a produção nacional evoluiu e ombreia com o bom que se faz lá fora. É este o grau de satisfação com a qualidade final do longa-duração que marca o regresso dos Biolence, sete anos após o EP de estreia. Feitos os elogios, há que avisar que o thrash/death deste quarteto de Gaia tem hoje a mesma actualidade de uma década atrás, pois revisita-se Slayer em «Nuclear Response», Cannibal Corpse em «Deceived, Enslaved», e por aí fora, num conjunto de referências a nomes grandes no estilo. Tudo bem executado e *by the book*, até ao tema de (quase) fecho, «Melodies Of Doom». No balanço final, um álbum sólido onde não há a tentativa de inovar, mas antes agradar a fãs de thrash, e nesse campo, o trabalho é excelente, com boas malhas e temas bem construídos, aqui e ali talvez com mais *layers* de guitarra do que poderão executar ao vivo, como aos dois minutos de «I Refuse To Fall», mas também isso faz parte do género. Um bom disco, que irá satisfazer muitos. **[7]** E.F.

THE BLACK WIZARDS

«What The Fuzz!»

[Ragingplanet]

Bastava olhar para um qualquer cartaz de festival stoner na Península Ibérica, dos últimos doze meses, para perceber que os The Black Wizards estiveram em todos e, até, em alguns casos, repetiram a presença. Tudo fruto do primeiro disco e de muita vontade de estrada. Com «What The Fuzz!», há uma depuração sonora, com um som mais blues que stoner e uma diluição de influências, hoje mais vastas e por isso menos óbvias. A isto chama-se crescer. O quarteto apresenta aqui um disco com temas quase sempre longos, contando histórias, com muito *shredding* e muito blues rock directamente dos 60s e 70s. Assumidamente ***retro***, mas desta vez o quarteto vai para lá do stoner e psych, restando saber se o público do blues estará atento à edição, pois pérolas como «Everything Is Good Until Trouble Comes» bem o merecem. Sem reinventarem a roda, sabem, no entanto, fugir das aproximações standardizadas, e em cada tema inovam, num disco claramente planeado quanto ao alinhamento, que será interessante perceber como soa quando dividido pelas várias faces do duplo vinil. Apesar de tudo não é um álbum imediato – não pela dificuldade de assimilação, mas simplesmente pela quantidade de música que cada tema contém, algo raro nos dias que correm. **[8.5]** E.F.

ELECTRIC WIZARD

«Wizard Bloody Wizard»

[Spinefarm]

Hoje certos como um relógio suíço, os Electric Wizard estão de regresso com disco novo três anos após o conturbado «Time To Die». E, quando é assim, quando estamos perante uma banda já com duas décadas de carreira ou, pelo menos, com um fundo de catálogo bastante considerável, não há como evitar traçar comparações com aquele álbum que, por esta ou aquela razão, mais nos identificamos. No caso do grupo britânico, esse disco é, para a maioria dos seus seguidores, o «Dopethrone». Foi o álbum que, nos idos de 2000, fez com que a banda se transformasse num *staple* da cena doom e que, de certa forma, inspirou as gerações vindouras apostadas em fazer música opressiva e nebulosa, de veneração ao poder do riff. Desde então, o grupo sofreu diversas mudanças de formação, o bom do Jus Oborn é mesmo o único sobrevivente dessa altura, gravou uns discos melhores que outros e, ali por alturas do «Witchcult Today», de 2007, pareceu entrar em piloto-automático. Pois bem, apraz-nos dizer que este «Wizard Bloody Wizard» não é só "mais do mesmo". Por muito que o «Black Masses» e o «Time To Die» fossem "mais do mesmo" muito bem feito, não há como negar que os Electric Wizard começavam a marcar passo e, mais grave ainda, a plagiar-se a si próprios. Ultrapassada que está a nuvem de azar com que se debateram antes e depois da edição do último álbum, Jus (e a eterna companheira Liz Buckingham) quiseram fazer um registo alimentado a algo que não fossem só más vibrações. Isso traduz-se num disco mais sucinto (são 40 e poucos minutos de duração total) e num som geral mais limpo, com os instrumentos a soarem mais resplandecentes que sufocantes. Descansem, no entanto, os acérrimos do peso. Há, em temas como «See You In Hell» ou «Necromania», os dois de abertura, melodias e ganchos mais vincados, mas o *fuzz* das guitarras continua em proeminência ao longo de todo o álbum e, nem por um momento, o ADN muito próprio dos Electric Wizard sai beliscado desta experiência. Do *creepy crawl* de «The Reaper» e «Mourning Of The Magicians» ao puro doom, em «Wicked Caresses», a imagética lírica continua tão obscura como sempre, mas desta vez adopta um teor mais *sexploitation* que *Hammer Horror*, o que acaba por dar às canções um toque *sleazy* que não lhes conhecíamos ainda. Ponto assente, «Wizard Bloody Wizard» é um registo um pouco diferente no contexto da banda, mas isso não lhe retira qualquer valor. **[9]** J.M.R.

BLUES PILLS

«Lady In Gold Live In Paris»

[Nuclear Blast]

Já se percebeu, lançamento sim, lançamento não, temos um disco ao vivo dos Blues Pills. Acontece que este é duplo e inclui interpretações de quase todos (menos um) os temas do segundo e último álbum de estúdio, «Lady In Gold». Poderá parecer um exagero, mas é uma opção como outra qualquer, até porque se trata de uma *live band* de facto, e as músicas ganham outra dinâmica em palco; com mais peso, psicadelismo e assomos *jam*. A esta capitalização dos registos ao vivo não é estranha também a circunstância do quarteto ser, definitivamente, uma aposta ganha da Nuclear Blast, cujo hard rock/blues já chegou ao #1 na tabela de vendas na Alemanha, por exemplo. Falamos de um quarteto multinacional que já provou o seu talento e que pode chegar a massas que não têm por hábito aceitar este tipo de musicalidade. Elin Larsson é uma versátil vocalista, Dorian Sorriaux é um jovem prodígio na guitarra e o que ouvimos nestes 75 minutos é o concerto dado há precisamente um ano no Le Trianon de Paris, sem cortes. Não há muita conversa com o público, apesar da atmosfera vibrante e positiva – o que importa aqui é mesmo celebrar a música. Ainda que já existam outros títulos, do mesmo autor, com as mesmas peças *live*... **[7]** N.S.

THE BRONX

«V»

[Cooking Vinyl / ATO]

Ao contrário do que é habitual – sim, porque a idade faz efectivamente com que uma pessoa se torne mais *mellowed out* –, ao quinto registo de longa-duração, quinze anos depois de se terem reunido pela primeira vez para fazer música juntos, os The Bronx não perderam nenhuma da garra que os caracteriza desde aquele primeiro disco produzido pelo, *of all people*, ex-Guns N' Roses Gilby Clarke. Aparentemente, a carreira paralela com os Mariachi El Bronx, onde os elementos do grupo exploram toda a sua paixão pela música mexicana, tem os seus aspectos positivos. Por um lado, é certo

que tem adiado a "explosão" que há muito lhes foi vaticinada por alguns quadrantes da imprensa – por esta altura o último disco já dista quatro anos – mas, por outro, tem-lhes mantido o sangue na guelra. «Night Drop At The Glue Factory» dá início a este quinto homónimo com um riff bem gingão, secção rítmica bem marcada e Matt Caughthran a berrar ao microfone como se a sua vida dependesse disso. «Stranger Danger», «Fill The Tanks», «Sore Throat», «Past Away» e «Broken Arrow» seguem o mesmo caminho, feito de puro punk hardcore alimentado a rock'n'roll, e tocado com a urgência que se quer. Estes músicos não se ficam, no entanto, por aí e, desde cedo, aprenderam que os bons discos raramente se querem uni-dimensionais. Em «Side Effects», «Channel Islands», «Two Birds», «Cordless Kids» ou «Kingsize» (que tem uns sopros muito bem metidos a contrastar com o peso do riff de guitarra), o quinteto não se furta a explorar tempos mais contidos, melodias a roçar a pop e até um registo vocal mais adocicado. Para quem já os conhece, não há aqui nada de revolucionário, mas a banda continua a atingir um bom equilíbrio, na ténue linha que separa o destilar de inconformismo com o porreirismo, que remete para a L.A. local dos músicos – na altura em que ainda não era apenas laca no cabelo e *spandex* nas pernas. **[8]** J.M.R.

CLOAK

«To Venomous Depths»

[Season Of Mist]

Quando se pega num disco, escutam-se os temas, e se volta ao nome do grupo e se lê a bio para perceber se não são outra banda qualquer que mudou de nome, isso diz muito sobre a originalidade do trabalho. No final de contas, estes Cloak são norte-americanos e estão aqui a estrear-se com um disco inspirado no black/death rock nórdico, com um pouco de Satyricon e muito de Tribulation, e, para nós portugueses, até mesmo de Moonspell. Mas esqueçam-se as referências ou colagens a este ou aquele grupo, e o que aqui se tem é um excelente disco de rock, com grandes malhas e melodias, numa estreia auspiciosa para este quarteto de Atlanta que explora temas de duração média, com melodia q.b. e pequenos pormenores que prendem mais a cada audição. «Forever Burned» é um bom exemplo de como a orquestração de cada tema está bem conseguida, mas para lá chegar é necessário atravessar as excelentes «To Venomous Depths / Where No Light Shines» e «Within The Timeless Black» onde é difícil de dissociar o grupo dos Tribulation, embora ao vivo não possuam o visual andrógino. No balanço final, um disco muito interessante e orelhudo. **[7.5]** E.F.

DANIEL CAVANAGH

«Monochrome»

[Kscope]

Não é um *Beatle*, mas é um *magnífico de Liverpool*. Daniel Cavanagh é um dos grandes compositores britânicos do nosso tempo. É um *statement* arriscado (e altamente discutível), sim, mas a naturalidade e mestria que espelha nas diferentes fases dos Anathema e em projectos como Leafblade e coisas a solo, faz do músico de 45 anos uma mente criativa extremamente inspirada (e respeitada), mesmo que muitos não afinem por parte do seu repertório. Neste final de ano, o irmão mais velho dos três Cavanagh dá-nos um trabalho em nome próprio, em que algum material poderia muito bem fazer parte de um futuro ou anterior recente disco dos Anathema. Aliás, consta que «The Exorcist», o tema de apresentação, foi altamente regateado pelos restantes membros da banda para servir de força motriz ao próximo álbum, mas Danny considera-o demasiado pessoal. E trouxe-o para «Monochrome», uma colecção de belas e suaves – ainda que intensas – canções "sobre amor e perda". Muito piano, algum violino, Anneke van Giersbergen e guitarras suplicantes, num *monocroma* pleno de sentimentos… às cores. **[7.5]** N.S.

MERCHANDISE OFICIAL
unkind
WWW.UNKIND.PT
VESTE A TUA MUSICA
WEDNESDAY
CLIFF 'EM ALL
FINALIZA UMA ENCOMENDA NO SITE E INSERE O CODIGO YPM75
DESCONTO VALIDO ATÉ DIA 30 NOV PARA TODOS OS ARTIGOS DO SITE*
*EXCEPTO BILHETES E ARTIGOS QUE ESTEJAM EM PROMOÇÃO
10%

DESTRUCTION

«Thrash Anthems II»

[Nuclear Blast]

Os Destruction quiseram regravar temas dos anos 80, como tinham feito em 2007, no primeiro «Thrash Anthems», mas perante a recusa da Nuclear Blast em pagar o álbum acabaram por recorrer ao PledgeMusic para uma campanha de financiamento que permitiu aos fãs terem uma palavra a dizer sobre o lote de temas escolhidos, no fundo, a segunda divisão de clássicos da banda. A verdade é que a produção moderna dá outro peso e definição a muitos destes temas – os Destruction também evoluíram tecnicamente e portanto está tudo muito mais bem tocado – e isso fica evidente logo a abrir, com a poderosa «Confused Mind». Independentemente de poder ferir o orgulho dos mais puristas, não deixa de ser surpreendente a pujança que um tema como «Black Mass», originalmente editado em 1984, no EP «Sentence Of Death», ganha com esta nova roupagem. São várias as canções que ficaram ligeiramente mais curtas ou longas, devido a ligeiras alterações de tempo ou nos arranjos, mas nada que lhes mude a essência. Porque apesar de soarem bastante diferentes, temas como «United By Hatred» ou «Black Death» mantêm a mesma toada agreste e selvagem de sempre. Ouvido sem preconceitos, «Thrash Anthems II» não deixa de ser um belíssimo disco de thrash metal teutónico, mas também ajuda a provar a falta de inspiração dos Destruction no presente século: afinal, com excepção do «The Antichrist», nenhum disco "recente" fica sequer próximo da qualidade destes temas. **[7]** J.A.R.

EVIL INVADERS

«Feed Me Violence»

[Napalm]

Estes belgas são dignos descendentes da fantástica geração que surgiu em meados dos anos 80 na baía de São Francisco, nos Estados Unidos. Aos primeiros segundos do tema de abertura «Metal Penitentiary» surgem-nos automaticamente os nomes Exodus ou Forbidden na cabeça. No segundo tema «A Life Slowly Fades» pensamos nos primórdios dos Metallica, algo que se repetirá por exemplo em «Oblivion». A voz de Jöe Anus (nome artístico de Johannes Van Audenhove), tal como a sonoridade dos Evil Invaders, transfigura-se momentaneamente em «Broken Dreams In Isolation» enquanto o resto do álbum nos mostra que este quarteto também foi influenciado pelo thrash metal dos vizinhos alemães e pelas raízes do metal de nomes como Razor e Raven. Um disco imperdível para os fãs de speed/thrash metal. **[7.5]** C.G.

FLESHKILLER

«Awaken»

[Indie]

Se, confrontados com a categorização do som de uma banda como deathcore progressivo, sentirem um arrepio de medo a percorrer-vos o corpo, descansem. Pese a tenebrosa descrição, o pior que há no deathcore é praticamente inofensivo em «Awaken», fazendo mais sentido ver a banda como uma continuação lógica dos Extol, mas com toques algo frequentes de death metal e deathcore (o Ole Børud é aliás guitarrista e vocalista nas duas). Francamente bem executado, o disco aproxima-se do tal epíteto de progressivo sobretudo em passagens de tom *sci-fi* que não estariam muito deslocadas num disco do bom do Arjen Lucassen, até mais de Star One do que de Ayreon. Infelizmente, as letras ficam-se por um lamentável pregar de chavões cristãos, com frases tão inteligentes como "*faith is evidence of things unseen*". Que tal seja feito com uso de uma estética associada a um ramo que se desenvolveu sob perseguição religiosa resvala perigosamente para um lamentável mau gosto. **[5]** L.P.

FLEURETY

«The White Death»

[Peaceville]

Superficialmente, os Fleurety ficarão para sempre no imaginário da música extrema como aquela banda cujo vocalista rebentou com as cordas vocais permanentemente durante a insanidade dos primeiros lançamentos – um Alexander Nordgaren, metade do duo de sempre dos Fleurety, que

De volta à vida, os míticos **DR. FRANKENSTEIN** trazem do mundo dos mortos o novo álbum, no formato 10" em vinil: «Santo André E Os Maus Rapazes». A banda liderada por André Joaquim termina assim um interregno de cinco anos, para gáudio dos fãs da maior referência nacional do surf/punk. Para trás ficou um EP e cinco álbuns, para além de outros registos e muita estrada desde 1994. Este novo disco traz uma viragem à linha mais punk da banda, em detrimento do surf mais clássico, com mais peso e maior densidade no som da banda. Seis temas de cortar a respiração. Uma das maiores e melhores surpresas de 2017 sem dúvida alguma!

Lançado originalmente em versão CD, corria o ano de 1998, pela Fury Records, foi agora reeditado em vinil o longa-duração «Little Bits Of Insanity», o clássico primeiro álbum dos brasileiros **OS CATALÉPTICOS**. Editado pela Neves Records e Orleone Records, num bonito *gatefold* limitado a 300 cópias, o disco faz as delícias de qualquer fã de psychobilly. Com influências dos ícones do género, como Demented Are Go ou Mad Sin, contrabaixo pulsante, guitarra esquizofrénica e bateria hipnótica, encontramos na música destes rapazes a banda sonora ideal para qualquer filme de terror.

Recentemente, os lendários **PESTE & SIDA** viram os seus três primeiros álbuns finalmente reeditados em CD e vinil. «Veneno» (1987), «Portem-se Bem» (1989) e «Peste & Sida É Que É!» (1990), a trilogia clássica dos Peste, merecia pompa e circunstância e por isso foram marcados uma série de concertos de lançamento em forma de celebração, com o seu apogeu no dia 6 de Novembro de 2015 no RCA em Lisboa. Nessa noite reuniu-se grande parte da família (que não esteve em *stress)*, para contar a verdadeira história... Estiveram presentes uma série de convidados, na sua grande maioria ex-membros de todas as formações dos Peste & Sida, sendo aproveitada a oportunidade para se registar a ocasião e dessa forma se lançar «Ao Vivo No RCA». Editado pela AVM, o CD vem num pequeno livro onde encontramos fotos dessa noite, relatos e depoimentos dos ilustres intervenientes.

«Brothas 4 Life!» é o nome do *split* entre os **BAD!** e os **SARNA**, bandas da zona Oeste que praticam um hardcore *in your face* com uma sonoridade bastante *old school*. Numa edição bem limitada e *do it yourself*, da Pé De Ladrão Booking, encontramos temas retirados de outros lançamentos, misturados com alguns inéditos, de ambas as bandas. Das Caldas Da Rainha, os BAD! encarnam um espírito mais punk com guitarras rápidas e uma energia que parece patrocinada por uma qualquer bebida energética que dê asas. De Leiria os Sarna descarregam um hardcore a piscar o olho a NY, compactos e sólidos como nunca.

até tem outros *claims to fame* como ter tocado ao vivo com os Mayhem. Tal deve-se essencialmente à falta de produtividade da banda ao longo dos anos, eles que tendo em «Min Tid Skal Komme» um marco verdadeiramente decisivo do black metal norueguês "esquisito", refugiaram-se essencialmente em EPs exploratórios, ao contrário dos Solefald, Dødheimsgard ou Virus, almas gémeas que, apesar de instáveis, lá foram mantendo uma presença de outro peso. «The White Death», o primeiro longa-duração em mais de dezassete anos, cabe perfeitamente nessa companhia ilustre (tendo até Carl-Michael Eide como baixista/vocalista convidado), o que é o melhor elogio que se lhe pode fazer. Exibindo uma estranheza labiríntica, com a flauta como inesperado ponto recorrente de transmissão de melodia, só a espaços se aproxima da intensidade mais propriamente black metal de outrora, mas o impacto é atingido de qualquer forma, mesmo sem a brutalidade "óbvia". Apesar de ficar longe do brilhantismo eterno de um «Written In Waters», toma nos melhores momentos a forma que esperaríamos de uns Ved Buens Ende versão 2017, se isso existisse. É só não "desaparecerem" mais vinte anos, que a continuação deste disco pode perfeitamente pô-los na mesma plataforma que os nomes icónicos que aqui referimos. **[8]** J.C.S.

FOR THE GLORY

«Now And Forever»
[Rastilho]

Pegando no *slogan* da cerveja dinamarquesa e, sem ferir susceptilidades – porque isto do hardcore é um bem comum – os For The Glory são, provavelmente, a melhor banda portuguesa do género. Leva-se o tempo que é necessário para pôr cá fora um novo disco, espalha-se caos controlado pelos palcos de norte a sul do país (e além-fronteiras), ganha-se calo e constrói-se um nome à altura do empenho e talento que estes moços empregam. Hardcore da escola NY, mas também europeu, num composto sonoro que já é mais FTG que outra sigla qualquer. E com uma produção de nível internacional, obtida nos estúdios UltraSound da Moita e consequente mistura nos Demigod. «Now And Forever», já o quinto álbum, é tudo isso e um pouco mais, por via de inteligentes intromissões dissonantes que funcionam como preparativos para a *moshada* que se antecipa a cada um dos novos gritos de inconformismo, onde não falta o bom do *breakdown* para partir o esqueleto, no final de «With No Regrets». Com tantas dinâmicas, «Now And Forever» acaba por ser um álbum grande, sem o ser; no final, parece que estivemos mais do que apenas 24 minutos nisto. **[8]** N.S.

GODSPEED YOU! BLACK EMPEROR

«Luciferian Towers»
[Constellation]

Um olhar mais fugaz ou descontextualizado para o alinhamento do sexto álbum de originais dos canadianos Godspeed You! Black Emperor pode induzir-nos em erro e levar-nos a acusar a banda de estar a aligeirar a abordagem complexa e envolvente que sempre imprimiu ao seu tão característico e magistral post rock. Feita a devida imersão naquilo que «Luciferian Towers» sugere, percebemos que os oito temas do alinhamento são, na prática, quatro, com as sequências tripartidas de «Bosses Hang» e «Anthem For No State» a assumirem um corpo e uma alma única e avassaladora quando ouvidas no seu todo. E, a exemplo de toda a restante discografia da banda, «Luciferian Towers» não é um disco para ouvir por canções ou para fazer rodar num qualquer DJ *set*. É sim um momento solene, uma experiência sensorial que ultrapassa a mera audição, a mera canção e que se transforma num todo repleto de emotividade, intensidade e delicadeza. E nem mesmo o facto de este ser o disco mais luminoso e directo que os GY!BE já gravaram lhe retira o sentimento de plenitude e de completo envolvimento que suscita a quem não se inibe em sujeitar-se a uma experiência verdadeiramente ritualista como o é toda e qualquer aparição desta banda. «Luciferian Towers» não é excepção! **[8.5]** R.A.

IMPLORE

«Subjugate»
[Century Media]

É "fácil" montar uma banda à Trap Them. Entombed, punk cru, ouvir os discos todos dos próprios Trap Them de rajada, mexe, remexe, já está. E agora, que nos preparamos para viver num triste mundo pós-Trap Them (com a pequena benesse de contarmos com Brian Izzi nos All Pigs Must Die, eles que se mostram como os mais dignos sucessores do trono), é que nos vamos aperceber da diferença abissal que ainda os separava de todas as outras que queriam muito ser como eles. Mesmo das boas. Os Implore nem sequer são das melhores, conforme testemunhámos aquando da sua passagem por cá na única edição do saudoso festival Burning Light – tem piada ao vivo, a coisa "parte" razoavelmente, mas olha, assobia aí um riff ou lembra-te de um malhão que te tenha ficado na cabeça? Pois é, nada. «Subjugate» é mais do mesmo, é bruto quanto baste, com um som instantaneamente gratificante apesar da produção demasiado polida. Mesmo só tendo 33 minutos tem para aí o dobro dos temas que devia, e quando chega ao fim fica-nos zero cá dentro e vamos mas é ouvir os discos dos Trap Them. Ou dos Black Breath, ou dos The Secret, para não bater mais no ceguinho. Ou o novo dos All Pigs Must Die, vá. **[5]** J.C.S.

JEFF SCOTT SOTO

«Retribution»
[Frontiers]

Jeff Scott Soto é reconhecido por ter sido o vocalista dos dois marcantes primeiros álbuns de Yngwie Malmsteen em meados dos anos 80 e pelo seu percurso com Axel Rudi Pell durante grande parte dos 90s. Isto sem falar nas suas participações em discos dos Talisman, Takara, W.E.T. ou Trans-Siberian Orchestra, como vocalista ao vivo dos Journey, ou com a loucura do projecto Bakteria. Paralelamente a isto, o norte-americano manteve estável uma carreira em nome próprio, sob várias designações. «Retribution» é mais um disco de hard'n'heavy onde a maturidade da voz de Jeff Scott Soto consegue dar interesse a um disco com vários contrastes que vão do heavy mais clássico dos primeiros três temas, por exemplo, à lamechice de malhas como «Reign Again» ou «Song For Joey». Um disco que pouco acrescenta a uma carreira de mais de 30 anos. **[6]** C.G.

JUPITERIAN
«Terraforming»
[Transcending Obscurity]

Imaginemos um disco de doom em que riffs e vocalizações tanto têm de inspiração no death metal como no funeral doom e deixemos o Maurice De Jong dos Gnaw Their Tongues tratar da mistura. Como raio é que uma coisa com tanto potencial só resulta neste «Terraforming»? Não é que não tenha os seus momentos, «Sol» por exemplo deixa belas indicações. Dito isto, houve alguém que achou boa ideia isto soar polido e cristalino o que só veio exacerbar as limitações na escrita de riffs e banalidade das transições. Mais, se as vozes e o tom do disco em geral sugerem uma toada ameaçadora e negra, tal surge apenas e só por associação a execuções parecidas. Apenas no tema-título se atingem níveis de atmosfera dignos de registo; sem grandes surpresas, constatamos que é a única canção em que o Maurice também participou, acrescentando-lhe os únicos berros realmente extremos que se escutam no disco e uma série de pormenores verdadeiramente desconcertantes. **[5.5]** L.P.

KADAVAR
«Rough Times»
[Nuclear Blast]

É verdade que, por esta altura, dizer que o novo álbum de uma banda, seja ela qual for, é "um pouco mais de tudo aquilo que fizeram no passado" já não passa de uma muleta estilística. No entanto, é precisamente isso que se passa com este «Rough Times». O quarto longa-duração do trio hoje formado por Christoph Lindemann, Christoph Bartelt e Simon Boutelop pega em tudo o que o grupo fez nos álbuns anteriores – «Kadavar» de 2012, «Abra Kadavar» de 2013 e «Berlin» de 2015 – e amplifica a novos níveis de intensidade e dinamismo a fórmula que os caracteriza. A herança Black Sabbath surge aqui mais evidente que nunca, patente em riffs muito bem marcados e carregados de *fuzz* orgânico, mas por outro lado os temas estão também recheados de ganchos e melodias que os tornam ainda mais orelhudos e, claro está, memoráveis. Resultado, «Rough Times» apresenta-nos uns Kadavar ainda mais pesados nos momentos realmente pesados e mais melódicos nos momentos melódicos, numa colecção de dez temas com capacidade para fazer o gáudio de quem os tem acompanhado com devoção até aqui. E sim, esta modinha das bandas de *retro* rock enraizado nas décadas de 60 e 70 já começa a revelar inúmeros sinais de cansaço, mas quando um álbum tem canções tão eficazes como a pesadona «Into The Wormhole», uma «Tribulation Nation» com tiques *motorik* ou as mais etéreas «The Lost Child» e «You Found The Best In Me», não há como negar o apelo de uma sonoridade que, feitas as contas, acaba por ser intemporal. Porque o rock, quando é assim, bem feito, não tem idade. **[8]** J.M.R.

KING PARROT
«Ugly Produce»
[Agonia]

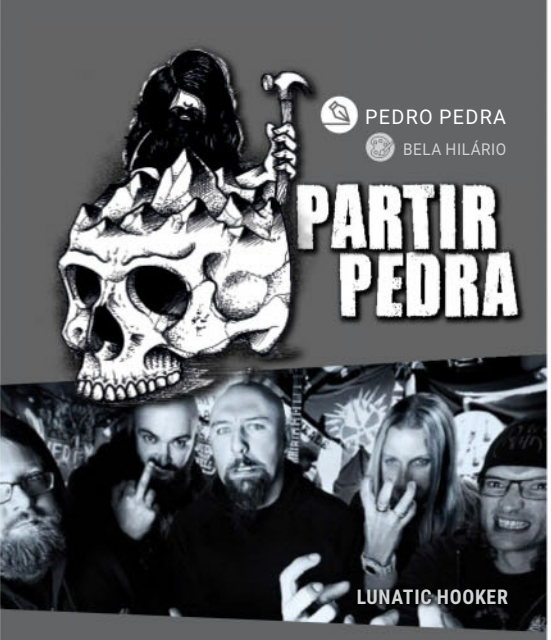
Jarda! Assim mesmo, cinco letras e exclamação. Terceiro longa-duração para os australianos e duas mãos cheias de riffalhada, num grind audível, com temas que duram o suficiente para uma corrida até ao *circle pit* e voltar a tempo de apanhar de volta o copo de cerveja. Musicalmente, dez temas variados, recheados de energia e sem gorduras, dignos de figurar em qualquer disco da última fase dos Entombed, com humor suficiente, como se percebe pelo título do disco, e a corrosão necessária ao estilo. A distância e as mudanças editoriais, três títulos em outras tantas *labels*, podem estar a dificultar a projecção deste quinteto para algo maior, mas já votados pela Metal Hammer como *best new band* em 2015 e tendo ingressado em inúmeras digressões, mostram como existem vontade e razões para este nome se tornar clássico. Quanto ao disco, é difícil ficar parado face a cada malha que é descarregada, num trabalho que é bem produzido e revela ser pensado ao milímetro, com a faixa de abertura, «Entrapment», certamente destinada a funcionar como uma boa abertura para concertos futuros. **[8]** E.F.

MARILYN MANSON

«Heaven Upside Down»

[Loma Vista]

Goste-se ou não do personagem e da projecção mediática que assumiu desde os anos 90, é no entanto inegável que a primeira metade da carreira de Marilyn Manson foi do melhor que o metal mais *mainstream* (em particular o norte-americano) teve para oferecer ali naquele período de 1994-2004, para muitos "maldito" pela infusão de tendências "modernas" e subgéneros mais… fúteis, digamos assim. Apesar do circo, que levou também à associação por defeito da banda Marilyn Manson a movimentos com os quais nada tinha a ver, no entanto, os discos eram brutais. Desde a doentia e ultra-*catchy* estreia com «Portrait Of An American Family», passando pela violência industrial *creepy* de «Antichrist Superstar», até à viragem mais rock de «Mechanical Animals», ao sinistro «Holy Wood» e ao grotescamente festivo «The Golden Age Of Grotesque», todos os álbuns desse período tiveram a sua própria personalidade, e cada um deles uma sequência de malhões que ainda hoje fazem mossa. Depois… começou a travessia do deserto. Atormentado por variados problemas pessoais e sem conseguir, durante muitos anos, montar uma banda à altura daquela formação "clássica", chamemos-lhe assim, foram discos atrás de discos (quatro longa-duração) sem ponta por onde se lhes pegue, com um temazito ou outro que ainda nos arrebitava a atenção, mas só isso. É por isso uma enorme surpresa que «Heaven Upside Down» seja o proverbial regresso à forma com o qual, provavelmente, a maior parte de nós já não contava, mesmo os mais optimistas. Percebeu-se logo com a energia electro-infernal debitada pelo tenebroso meio-tempo de «We Know Where You Fucking Live», primeiro *single* que nem sequer seria o óbvio (a deliciosa «Say10» era de caras a que estava a pedir para reconquistar os fãs perdidos), que este disco tem um *mojo* que há quinze anos que o Manson andava à procura. «Tattooed I n Reverse» ou «Kill4me» têm aquela ginga anafada do «Mechanical Animals», «Jesus Crisis» serpenteia que nem a larva do anticristo há 21 anos atrás, e a sensualidade rude de «Blood Honey» ou «Threats Of Romance» traz à memória as segundas metades, menos óbvias, do «Holy Wood» e do «…Grotesque». São só pontos de referência, apesar de tudo – «Heaven Upside Down» não requenta nada do passado do "*God of Fuck*". Não sendo perfeito, o seu grande mérito, para além de oferecer grandes canções (convém), é mesmo o de recuperar a "pica" e o espírito que aquela banda transbordava e da qual já tínhamos, confessamos, imensas saudades. Esperemos que seja uma retoma definitiva e que venha aí mais uma sequência de grandes discos. **[8.5]** J.C.S.



Fracturantes são algumas das peças deste universo, assim como certas sonoridades que deambulam pela nossa dimensão disforme. Os **CELESTIAL BODIES**, com «Spit Forth From Chaos», partilham a sua visão numa espiral decadente, insana e bestial. Será esta a entrada desfragmentada para o portal do apocalipse? Se responderam a esta última questão é sinal que o juízo não vos acompanha e na dúvida prossigo com a arte de **JUTE GYTE**, o mestre das desafinações, das sinfonias desarmónicas e da desconstrução da normalidade. «Oviri» representa mais uma passada na longa caminhada imprevisível desta irreverente individualidade, responsável pela fusão da flexibilidade natural das composições e o génio da psicopatia musical.

Um pesadelo é também sinal de uma alma moribunda, neste caso, os **REVERORUM IB MALACHT** vestem esta indumentária ocupada por um corpo feio e putrefacto que vagueia pelo abismo desconcertante de infernalidades monstruosas. Visitar o «Ter Agios Numini» é abraçar o diabólico e mergulhar nas profundezas sombrias para todo o sempre. Numa perspectiva mais romântica, sugiro-vos o fascinante trabalho dos **WRECHE** (somente) intitulado «Wreche». Apenas com piano, bateria e voz, destas músicas nasce uma vida imensa. Apaixonado, clássico, pungente, orquestral, este é um dos meus discos favoritos deste ano. A componente sofrida que emana desta obra consegue ser igualmente épica, arrebatadora e digna de levantar uma plateia sedenta de explosões emocionais.

Os **CLOAK OF ALTERING** lançam-nos «I Reached For The Light That Drowned In Your Mouth» um registo complexo, onde o avant-garde domina e convence a partir das suas enigmáticas e variadas combinações entre as texturas industrializadas/espaciais de um rock experimentalista aliado ao black metal. Entrando em sonoridades mais estruturadas, temos a estreia dos **LUNATIC HOOKER** com «Embracing The Filth». Não se deixem iludir pelo nome da banda pois é mesmo de sujidade que este trabalho trata, conjuntamente com músicas implacáveis e tocadas a um ritmo bastante agressivo. Os arrastamentos também se unem com os *blastbeats* nesta avalanche quebra ossos cujo empurrão leva-nos às cordas graças à projecção destas poderosas rifalhadas.

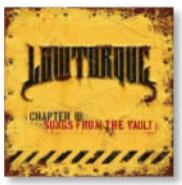
Dizem que os maiores prazeres da vida vêm em pequenas doses. Aqui, viajamos no tempo, os **BÜTCHER** apresentam em «Bestial Fükkin' Warmachine» um disco aprimorado por oito porções letais de excelência speed, thrash e black metal tradicional que honram o passado, o presente e o futuro do underground. *Horns up for metal*!

ERRATA: A foto publicada nesta coluna na edição #198 foi tirada por Luis Sousa, as nossas desculpas pela não creditação da mesma.

LENTO

«Fourth»
[Counsouling Sounds]
Não é de todo invulgar que uma editora com um catálogo imaculado num género falhe quando escolhe bandas fora do mesmo. Durante anos, o contraste entre a subtileza de artistas da Denovali como Bersarin Quartett e a falta de génio dos colegas "pesados" era peculiar, e o post metal dos Lento sempre pareceu deslocado. Foi assim natural que «Fourth» tenha marcado uma mudança de editora. Curiosamente, é na nova casa que o agora trio finalmente demonstra o que a editora havia visto neles em primeiro lugar. Logo nos primeiros três temas dão-nos uma sova de post metal bruto, atiram-nos com noise rock e rematam a questão com uma bela composição de ambient. O destaque não é tanto a diversidade, que continua aliás pelo disco fora, mas a coesão com que os diferentes modos se enquadram, sem que nenhuma das partes se apresente a destoar do todo. Com este acréscimo de nuances na escrita conseguiram elevar as composições para um patamar de qualidade e consistência que não haviam demonstrado até hoje. **[7]** L.P.

LOW TORQUE



«Chapter III: Songs From The Vault»
[Ragingplanet]
Como o próprio título indica, aqui está o terceiro capítulo dos lisboetas Low Torque, banda que tem vindo a trilhar um caminho baseado na consistência e na afirmação de uma vincada e assumida personalidade rock'n'roll. Comparativamente aos seus antecessores, «Chapter III: Songs From The Vault» põe em evidência a influência do rock sulista e do universo de uns Kyuss que sempre por aqui andou, mas que assume renovada preponderância – ouça-se «A Guslinger Named Hush», por exemplo –, assim como deixa no ar uma abordagem mais sombria e dura («Got Chems?» tresanda a Alice In Chains) a um rock que continua musculado, recheado de grandes melodias, de riffs arrebatadores e de um conjunto de músicos de inquestionável talento que têm em David Pais o vocalista perfeito. Sem ser um disco arrebatador, «Chapter III: Songs From The Vault» é um disco acima da média, rock assumido e na ponta da língua que não compromete quem gosta das coisas fiéis aos seus princípios. **[7]** R.A.

METZ

«Strange Peace»
[Sub Pop]
Oi? Então, mas... Este disco não se chama «III»? Nem «METZ III»? Não, este chama-se «Strange Peace», o que – tendo em conta o nível de caos e barulho que caracterizou os predecessores – ao primeiro impacto faz logo antecipar uma mudança de paradigma para o trio canadiano formado em 2008. Será que, prestes a atingir a marca da primeira década de carreira, Alex Edkins, Chris Storach e Hayden Menzies se fartaram de detonar tímpanos? Ou, em alternativa, perceberam que, depois do incremento de ferocidade do primeiro para o segundo álbum, já não havia hipótese de tornar o basqueiro ainda mais intenso? Pois bem, todas estas dúvidas acabam por desvanecer-se rapidamente. Ou, pelo menos, até olharmos para a lista de temas, que inclui títulos como «Mr. Plague» e «Dig A Hole». A prova dos nove vem ao carregar no *play*. «Mess Of Wires» começa lentamente e explode naquela já famosa mistura de riffs a tresandar a «Bleach» e estruturas angulares à noise rock escola AmRep. A confirmação surge na voz de Edkins, que afiança um par de vezes durante o tema que "*there's no peace, only violence!*" «Drained Lake» mantém intocada a fórmula que faz dos Metz uma experiência de tensão quando estão no palco e, à excepção da «Catterpillar» e da «Sink» (que nunca chegam efectivamente a "rebentar") e da «Lost In The Black City» (que tem uns arranjos mais elaborados), os temas não fogem muito ao que deles conhecemos. O segredo aqui é a consistência, num misto de economia de truques fúteis, uma muito aguerrida entrega de rock bastardo e a esperteza para pensar ritmos e riffs que ficam na cabeça. E os três desvios à norma citados acima são mais que bem-vindos, adicionando ao disco as necessárias pausas para recuperar o fôlego enquanto não nos estão a espetar mais umas estaladas na nuca. **[8.5]** J.M.R.

NOCTURNAL RITES

«Phoenix»
[AFM]
Dez anos após «8th Sin», os Nocturnal Rites regressam com o seu nono álbum de estúdio. Um dos principais motivos que contribuíram para o renascimento desta fénix foi a entrada de Per Nilsson, conhecido dos Scar Symmetry e por ser guitarrista ao vivo dos Meshuggah. Neste disco nota-se bem a sua presença, sendo «Phoenix» um retorno da banda sueca aos seus melhores tempos, com Jonny Lindqvist a marcar a sua posição com a sua voz camaleónica. O certificado de qualidade do heavy metal melódico dos Nocturnal Rites está presente em malhas como «Repent My Sins», «What's Killing Me», «Used To Be Good», «Before We Waste Away» ou «A Heart As Black As Coal». Esperemos agora não ter que esperar mais dez anos pelo próximo... **[8]** C.G.

RAM

«Rod»
[Metal Blade]
Está de volta uma das bandas que melhor tem feito puro e verdadeiro heavy metal nos últimos anos. Porque não, descrevê-los assim, se esse é um facto inerente aos RAM... «Rod» é já o quinto álbum do quinteto de Gotemburgo, mas também podia ser algo datado (sim, estamos a medir a palavra) de há 30 anos, tal é a produção bem 80s, bem velha guarda, deste material. Acontece que a prensagem de hoje é muito superior à desses tempos, por tal, todos os apaixonados por uma boa sessão de guitarras duais, vozes (não demasiado) agudas, picos, cabedal, atmosferas vis e substracto lírico, encontrarão aqui o que procuram. Desta vez, os suecos fizeram uma coisa semi-conceptual, em que todo o lado B é composto pelas seis partes de «Ramrod The Destroyer», antecedidas de «Gulag», que é uma faixa completamente anti-comunista, ou das musculadas melodias de «A Throne At Midnight», que nos

relembram (como se fosse preciso) da paixão destes *metalheads* pelos Judas Priest. Mas RAM é muito mais do que isso. É uma banda com uma fortíssima identidade e orgulhosa de um pulso bem erguido, como muitos apenas podem almejar. **[8]** N.S.

ROSETTA

«Utopioid»

[Edição de Autor]

Quem se lembra de «The Galilean Satellites», óptimo registo de estreia dos Rosetta, ao ouvir este «Utopioid» vai perceber que pouco resta desse post metal esmagador. Este sexto longa-duração da banda de Filadéfia segue o caminho que começaram a desbravar no anterior «Quintessential Ephemera». O recurso a vozes limpas e calmas passagens intensificou-se e deixou menos espaço àquela exploração exaustiva de um só riff a que nos habituaram. A música dos Rosetta não é feita de mil ideias coladas com cuspo, mas sim de duas/três, enriquecidas com subtilezas quase subliminares. O disco arranca sereno e só explode ao terceiro tema, «Neophyte Visionary», quando surgem as primeiras vocalizações berradas e peso digno desse nome. Esse é também o primeiro grande momento do álbum, porque na verdade os Rosetta são mais comoventes e impactantes quanto mais densos se apresentam. A etérea «54543», por exemplo, é belíssima, só que não concretiza. Comparada com o que alcançam na intensa «Détente» ou com a maior diversidade de «Qohelet», torna-se quase impossível não desejar que houvesse mais palco para as guitarras distorcidas e menos para a divagação contemplativa. Um pormenor que não mancha o que fazem de bom. Porque «Utopioid» demora um pouco a agarrar, mas quando a mistura de post metal, shoegaze e rock alternativo bate, torna-se uma droga gulosa. **[8]** J.A.R.

THREAT SIGNAL

«Disconnect»

[Agonia]

Várias coisas estranhas, aqui. *a)* Quando julgávamos estes *groovers* técnicos da década passada desaparecidos, eis que nos apresentam um novo disco; *b)* esse quarto trabalho tem a chancela da Agonia Records, especializada noutro tipo de brutalidades, fazendo de «Disconnect» um lançamento completamente atípico – ainda que legítimo, obviamente – se comparado com o catálogo da editora polaca; *c)* o que dantes era, sobretudo, Fear Factory no som dos Threat Signal, é hoje mais *djenty*; *d)* escutado todo o álbum, o que mais nos vem à cabeça é… Linkin Park. Esta última alínea deve-se, em muito, ao registo limpo do vocalista Jon Howard que, quando agressivo, leva a banda para o seu *habitat* mais natural de "metalcore técnico". Tudo somado, é um regresso sem grande piada, ainda que, como é apanágio destes canadianos, o som e a produção sejam de bom nível e os solos de Travis Montgomery revelem bem porque faz este guitarrista parte da banda de apoio a Jeff Loomis. De resto, uma choradeira semi-complexa, que se torna chata. **[4.5]** N.S.

UNFOLD

«Banshee O Beast»

[Division]

Passassem os Unfold os seus anos de hibernação discográfica a repetir o mesmo concerto indefinidamente, a comunicar de forma pretensiosa com os fãs (sem descurar o uso de pontos finais aleatórios) e a brincar às igrejas com os amigos, e o lançamento deste «Banshee O Beast» tinha sido um evento nas redes sociais. Em vez disso, os recatados músicos suíços mudaram de guitarrista e voltaram-se para o passado para inspiração. Sem abandonar totalmente o post metal monolítico de «Cosmogon», este aparece agora cheio do post hardcore que tão declaradamente ostentavam na viragem do século quando lançaram «Pure» (um ano antes de um tal de «Jane Doe»). Nesse unir de correntes surge «Banshee O Beast» sem merdas de qualquer espécie, ora explosão de riffs angulares, ora cacetada metódica a meio tempo. "*It's not an effort, it's passion*", declara o vocalista temporário Louis Jucker na excelente «Night Ride, Death Touch»: nós não teríamos resumido melhor a imagem deixada nestas nove malhas. **[8]** L.P.

VASSAFOR

«Malediction»

[Debemur Morti]

Quem gosta de selvajaria sónica sem contemplações, de black/death daquele mesmo rude, tem certamente um lugarzinho especial no coração para a cena da Nova Zelândia, de onde sai muita besta de respeito. Por

MOONSPELL

«1755»

[Napalm]

Para o Cândido de Voltaire era "o último dia do mundo", para os Tarântula no seu «Earthquake (Lisbon 1755)», de «Kingdom Of Lusitania», era «The Devil's Play». Duas referências que serão caras a Fernando Ribeiro, até porque hoje, os Moonspell são, o que os Tarântula foram para a sua geração: um nome a respeitar, que desbravou caminhos no metal nacional. Uma das características que os levou a ter tão importante posição na história da nossa música foi a sua capacidade de pensar *outside the box*. Foi assim quando guinaram no percurso em «Sin/Pecado», ou quando criaram uma obra com um ainda pouco conhecido José Luís Peixoto. É assim agora, quando embarcam num disco conceptual, cantado em português, sobre o terramoto de 1755. Impossível sair mais da zona de conforto. Tudo começa com um arranjo clássico, a cargo de Jon Phipps, «Em Nome Do Medo», que se prolonga para «1755», onde as Crystal Mountain Singers, tal como em outros temas, ganham protagonismo. Uma música em que, a dado momento, os sons orientais nos remetem para as origens do grupo. Sempre cantado em português, o disco conta ainda com Paulo Bragança como convidado, em «In Tremor Dei», dando uma toada diferente à canção. Segue-se um conjunto de temas que soam a Moonspell, como só eles nos habituaram, e mesmo «Todos Os Santos» soa melhor "só" em aúdio do que quando servido pelo vídeo. O final surpreende, com uma versão dos Paralamas do Sucesso, «Lanterna Dos Afogados», que até se revela um dos melhores temas de um álbum nem sempre regular. A guitarra de Ricardo Amorim continua a surpreender como sempre, apoiada por uma sólida secção rítmica, sentindo-se o dedo de Pedro Paixão aqui e ali. Fica no ar a expectativa sobre a recepção internacional a um registo com estas características, e a curiosidade em relação a como estes temas funcionarão ao vivo, englobados no restante catálogo da banda. **[7.5]** E.F.

exemplo, os Diocletian, os Ulcerate ou os Pseudogod, tudo bandas onde o "dono" dos Vassafor, o senhor VK, já tocou, para se ter noção do *pedigree* do cavalheiro – que ainda tem *bonus points* por ser o baixista ao vivo dos reis desta merda toda, os lendários Blasphemy. Isto tudo dá uma ideia do que se pode esperar dos Vassafor, onde VK faz tudo menos a bateria, apesar de que o multi-instrumentista consegue dar um cunho pessoal muito interessante a este seu veículo de porrada. Os Vassafor são mais "subtis" que se poderia esperar, todo este «Malediction» parece coberto por um cinzento véu de poeira cósmica que lhe confere uma atmosfera extremamente interessante. Mantendo o ataque cerrado do estilo que costuma praticar, VK imprime aqui também uma componente "cósmica", quase psicadélica até, quando os riffs submersos se repetem de determinada forma, de resto um *ensemble* bem ao estilo de outras bandas de renome companheiras de editora na Debemur Morti. A ideia que passa acaba por ser mais do que só caos e bestialidade, e faz de «Malediction» uma proposta surpreendente que casa duas facetas do black/death com resultados ainda melhores que no «Obsidian Codex», o álbum de estreia de 2012 e única obra de longa-duração que havia até agora, pelo meio de inúmeros *splits* e outros lançamentos menores. Bela "contratação" do selo francês, mais uma. **[8.5]** J.C.S.

SINISTRO

«Sangue Cássia»

[Season Of Mist]

Esboce-se um pequeno jogo: "*que tema melhor descreverá uma banda?*" Para os Sinistro, será «Where The Wild Roses Grow», dueto entre Nick Cave e Kylie Minogue. Estranho? Não será tanto assim quanto se escuta a voz frágil e doce de Patrícia Andrade, guardadora de abismos e caos, a pairar sobre o doom instrumental dos restantes quatro elementos dos Sinistro. Rapidamente ascendendo à elite de nomes promissores que nos últimos meses se vieram a afirmar, por cá, os Sinistro superam, em «Sangue Cássia», mais uma prova numa etapa da carreira, que ganhou uma nova dimensão a partir da união da vocalista aos já experimentados músicos. Se a voz singela se destaca, tal como em palco a sua figura é a única iluminada, uma escuta mais atenta permite perceber a complexidade das ondas sonoras em que o seu corpo mergulha, qual teia lentamente delineada, algo logo presente na abertura «Cosmos Controle». Há uma influência do fado, na voz melancólica, nas letras que falam de um "*céu que se esqueceu de morrer*", mas também na guitarra que tece malhas, por vezes com cumplicidade das teclas, como no início da fabulosa «Lotus», tudo assente numa secção rítmica subtilmente pesada, que cresce com «Pétalas» e «Vento Sul», porventura a faixa que inicia a vertente mais doom do disco. Bonito, e muito mais que isso também. **[9]** E.F.

VUUR

«In This Moment We Are Free»

[InsideOut]

Por mais voltas que o mundo dê, por mais discos a solo que grave, por mais colaborações que assine, o nome de Anneke van Giersbergen estará sempre e irremediavelmente associado aos The Gathering, quer pelo seu registo vocal característico e facilmente identificável, quer pelo mesmo ter marcado uma importante página do metal europeu dos anos 90. Passam agora dez anos desde que a vocalista e restante banda tomaram rumos distintos, mas quando nos cai nas mãos um disco como «In This Moment We Are Free», o primeiro sob a designação Vuur, a referência a The Gathering é das primeiras que nos assalta a mente. E não é só por Anneke ser o elo comum a tudo isto. O metal melódico e envolvente que explora nesta estreia remete precisamente para os últimos discos que assinou com a sua anterior banda, embora com um incremento de peso e de tecnicismo – olá Periphery! – que não é acompanhado por um incremento de qualidade. «In This Moment We Are Free» é aquilo a que podemos chamar de bom aluno, aquele que aprende rápido, que demonstra talento, mas que passa demasiado discreto para o seu próprio bem, não revelando a chama e o carisma que o faria passar de bom a excepcional. **[6.5]** R.A.

A LOUD! E A Glam-O-Rama
TÊM O PRAZER DE TE OFERECER
UM DESCONTO DE 5 EUR NUMA
COMPRA DE VALOR SUPERIOR
OU IGUAL A 25€.

BASTA VISITAR A LOJA COM A REVISTA
OU COMPRAR LÁ A MESMA.
A REVISTA SERÁ CARIMBADA NO ESPAÇO
INDICADO PARA O EFEITO.

OFERTA VÁLIDA ATÉ AO FINAL DO ANO DE 2017.
UMA OFERTA POR REVISTA. EXCLUÍ BILHETES PARA CONCERTOS.
NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS OFERTAS OU PROMOÇÕES.

CARIMBO

GLAM-O-RAMA ROCK SHOP - RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL • + 351 211 320 835

Tesourinho PERTINENTE

NELSON SANTOS STEBBA ÓSK

HITTMAN

«Hittman»

[1988 – Steamhammer]

Sempre que possível, nestes *Tesourinhos*, faço por ajustar a escolha a uma qualquer conjuntura temporal. E é então que registo, com agrado, a reedição deste álbum a 31 de Outubro e a reunião dos Hittman para novo disco e concertos em 2018. Falamos de um quinteto nova-iorquino que teve uma efémera existência, entre a segunda metade dos anos 80 e a primeira dos 90, e não seria de esperar um retorno com quatro dos cinco membros presentes nesta estreia de 1988, exceptuando o baixista Mike Buccel, que morreu há quatro anos, vítima de acidente de automóvel. De resto, terá sido esse infortúnio que levou os ex-companheiros a reunirem-se para lhe prestarem homenagem, retumbando a ideia num regresso efectivo do grupo. «Hittman» é uma preciosa colecção de US power metal, *catchy*, se quisermos, tal é a facilidade com que a banda gere melodias e músculo metálico. Uma espécie de Queensrÿche (da primeira fase) mais imediatos. Todas as músicas ficam no ouvido e a produção era algo que me fascinava na altura, naqueles tempos em que descobrir bandas equivalia, muitas vezes, a deparar-nos com novidade garantida. A verdade é que, passados quase 30 anos sobre a edição desta estreia, a pancada na tarola continua a soar singularmente sólida e o baixo penetra bem por entre as rangentes guitarras de Jim Bachi e John Kristen. São sons de marca num disco produzido e misturado pelos irmãos Jim e Tom Morris, que só mais tarde viriam a constituir peças importantes no death metal da Florida.

«Metal Sport» abre o álbum em regime *uptempo*, com Dirk Kennedy a impor-se desde logo pela vocalização segura e aguda, mas sem exageros. Lá está; temos aqui mais um Tate que, propriamente, um Halford. Kennedy entrou para os Hittman com quinze anos e, antes, já fora o vocalista do grupo de Nova Iorque que se tornaria nos Anthrax, portanto, dá para ter uma ideia do talento natural do rapaz. Segue-se «Dead On Arrival» e aquela harmonia melancólica aduzida ao heavy metal e, logo depois, «Will You Be There», uma canção a meio-tempo com um refrão irresistível. É esse equilíbrio entre rebeldia e uma certa sensibilidade com perfume a *eighties* que faz dos Hittman aquela banda especial, quase irrepetível e que ainda nos deixa com um rasgado sorriso nostálgico quando ouvimos verdadeiros momentos de inspiração como «Caught In The Crossfire» ou a força de «The Test Of Time» a fechar. Ou seja, se quisessem, os Hittman tanto podiam ser uns seguidores dos Iron Maiden, como dos Dokken, mas preferiram ficar ali a meio caminho, numa rua paralela à dos Crimson Glory, com inequívoca identidade própria.

Há até um quase conceito na forma como o álbum dispara tiros certeiros em direcção a uma ideia de assassino a soldo, seja na capa do disco, no próprio nome da banda ou na temerária versão para «Secret Agent Man», popularizado por Johnny Rivers em 1966 e aqui subtilmente acrescido da melodia para o tema de James Bond. Uma perigosidade latente ao longo destes quase 40 minutos, arriscando excelentes solos, uma *performance* vocal de impor respeito e estruturas que nos cativam ao ponto de deixarmos isto em modo *repeat* sem ameaça de tédio. Nota-se também alguma influência do "som europeu" na solução mágica destes norte-americanos, com o riff de «Backstreet Rebels», por exemplo, a remeter para Accept. Cinco anos após esta bela estreia, os Hittman voltariam à carga com «Vivas Machina», segundo álbum que deixou muito a desejar e descaracterizou completamente aquilo que tinha um *elan* especial quando surgiu. Resta esperar pelo que o grupo tem reservado para o futuro próximo, numa altura em que «Hittman» volta então a estar disponível, coisa que nunca mais aconteceu desde 1988. A ressurreição desta pérola tem a chancela da No Remorse Records, com os temas originais remisturados e remasterizados, acrescidos dos cinco títulos da *demo* «Metal Sport» de 1985. Soa a ítem imperdível, não só pelo valor histórico, como pelo (verdadeiro) power metal de superior classe incluso.

LOUD! #200

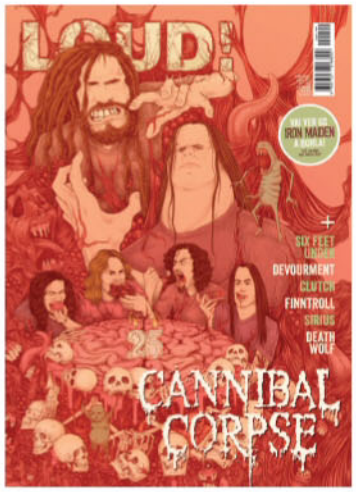
Depois de tantas caras já terem passado nestas páginas, o belo número atingido de 200 edições revelou-se uma boa oportunidade para colocar o José Miguel Rodrigues e o José Carlos Santos, respectivamente director e chefe de redacção da LOUD!, a olhar para "dentro", e a explicarem como levam todos os meses a que o leitor tenha na mão mais um exemplar da revista. Foi com esforço que lá se conseguiu convencer a dupla para um exercício de umbiguismo, nesta nova fase da revista e na celebração de uma data especial.

EMANUEL FERREIRA

200 números! Foi fácil?
José Miguel Rodrigues: Fácil… não, não foi propriamente fácil. Não digo que tenha sido uma batalha desde o início, mas tem sido uma luta, por vezes maior, outras menor. Lutamos por fazer aquilo que gostamos, o que torna essa tarefa menos dolorosa.

O percurso, até este novo ciclo anunciado, tem vários pontos que deves querer destacar, não?
JMR: A revista começa, sensivelmente, em 2000, com uma equipa que era a mesma que tinha feito a RIFF, e foi por lá que se começou. Todas as pessoas envolvidas no início, fosse eu, fosse o António Freitas, tu próprio, o Carlos Guimarães, o Nélson Santos, começaram por estar envolvidas no underground: umas faziam *fanzines*, outras tinham programas de rádio. O passo seguinte seria fazer uma revista, porque em Portugal, na altura, não havia nada do género. Tinham existido umas experiências anteriores, mas na altura que a RIFF surgiu, não havia nada ligado ao metal em Portugal e a informação não circulava, e não estava ao dispor como está hoje em dia. Abreviando a história, as coisas na RIFF a certa altura não corriam como nós esperávamos e houve uma saída em bloco de toda a redacção e todos os colaboradores. Aí uns dois ou três meses depois, o interregno não foi muito grande, saía a LOUD! basicamente com os mesmos objectivos com que tinha sido criada a RIFF, que é divulgar este som que nos apaixona e levar informação ao público nacional. Depois, houve uma mudança há cerca de cinco anos…
José Carlos Santos: O *reboot* foi feito em Fevereiro de 2012, cerca de cinco anos e meio já, portanto.
JMR: A dada altura a revista começou a ressentir-se um pouco em termos de vendas, quando a internet começou a florescer. Notou-se na LOUD! e em outras publicações do género, e de todos os géneros, como sabemos. A entidade que detinha a revista considerou que não havia condições de continuar, e eu, o José Carlos e um grupo de amigos decidimos pegar no título, transformá-lo e dar-lhe uma nova vida.

Uma revista que passa ao lado daquilo que podes ler todos os dias na *web* e aposta em artigos diferentes, para guardar, que não vais encontrar na internet.
JMR: Sim, a nossa ideia sempre passou por aí, oferecer aos leitores um título com conteúdo que não está disponível nas *webzines* ou na internet. Não estou com isto a definir o estilo como a equipa escreve, mas sim o tipo de abordagem, seja na forma como se fazem as entrevistas, ou como se tratam os concertos. Por exemplo, nós não reportamos um concerto 24 horas depois de acontecer, o que permite reflectir sobre o que se passou, analisar as coisas de outra forma, sem estarmos pressionados pelo tempo e pela necessidade de disponibilizar as coisas o mais breve possível.
JCS: Pegando nessa questão do imediatis-



mo, e da ideia do "*está tudo na* net", penso que há uma consequência interessante de a revista ter durado até agora, de ter chegado aos 200 números, que é estar a sobreviver, e a ultrapassar, aquele entusiasmo inicial da internet. A ideia de que publicar mais depressa é que importa, diminuindo o formato de papel e outros meios ditos "lentos", a favor do imediato. Passado esse entusiasmo inicial, acho que estamos a chegar a uma era em que as pessoas já percebem o valor complementar das duas coisas e, em particular, da imprensa escrita, que não estará tão morta como já foi vaticinado. Acho que fizemos bem em resistir este tempo todo, mesmo quando nos diziam que não valia a pena.

Um músico amigo, há uns tempos, referia que também é necessário que existam críticos com experiência para tal. Pode ser polémico, e todos nós fomos jovens colaboradores num dado momento, mas, arriscando essa polémica, a experiência permite uma certa depuração que nem sempre se encontra nas *webzines* e afins.

JMR: Isso é complicado de analisar sem parecer parcial ou acusar alguém, mas sim, quando tens uma equipa que convive há tanto tempo com esta música, e com a própria escrita, esta acaba por dar às pessoas uma visão mais madura do que são os discos, os concertos, as bandas. Lembro-me de quando comecei a escrever, tu e um nosso amigo, Carlos Pinto, me puxarem as orelhas por causa de uma *review* aos Thin Lizzy na Blitz, em que reconheço não ter tido a experiência que tenho hoje, nem o *background* de informação. E isso é uma mais-valia para os nossos leitores, que se identificam com as pessoas, já as conhecem, sabem o estilo de cada um, e quando vêem uma *review* já sabem o que esperar dali. Estabelece-se uma relação ao longo do tempo.

Zé Carlos, como chefe de redacção, és o "homem do chicote" que impõe datas limite e gere todos os *timings*. É muito complicado?

JCS: Não é fácil, nada é, mas faz-se bem. Só é preciso bom senso, organizar as coisas, ter sempre um plano de contingência preparado, saber sempre a quem é que se atribui o quê. E ter *people skills*. Vocês são recipientes do "chicote", mas gosto de pensar que nunca me sentiram propriamente a estalá-lo nas vossas costas. Não é esse o meu estilo, mesmo quando tenho de pressionar alguém, quando preciso mesmo daquele texto naquele dia para fechar a edição. Verdade seja dita, temos uma equipa excelente, que raramente dá problemas.

JMR: Há que ter a noção de que, durante muitos anos, a LOUD! não tinha um dia fixo de lançamento. Nesta fase recente, passámos a ter isso definido, e saímos todos os meses no dia 2, excepto quando este calha a um domingo, em que saímos no dia seguinte. Há portanto datas fixas a cumprir, por isso quando o Zé Carlos diz que não é fácil, isso tem tudo a ver com os *deadlines*.

As pessoas poderão desconhecer como funcionam os *deadlines*, mas um simples agendamento de entrevista, por exemplo, não pode ser feito dois dias antes de fechar a edição.

JMR: Não podes mesmo. Aliás, muitas vezes há várias tentativas para se fazer uma entrevista e as pessoas nem se apercebem disso.

JCS: E há vezes em que, seja por que razão for, nem se consegue mesmo e tem de se arranjar outra para substituir. Às vezes as consequências são drásticas – lembro-me que na altura em que os Machine Head editaram o último álbum, tínhamos uma entrevista agendada que até era uma forte hipótese para capa, e uns dias antes recebemos uma mensagem da editora a dizer que a banda tinha decidido que não ia dar mais entrevistas para esse lançamento. E lá tivemos que nos amanhar. Mesmo uma entrevista estar feita, é só o princípio do ciclo. O escriba ainda a tem que transcrever e transformar num artigo, depois tem de a enviar para mim que faço uma primeira revisão, depois envio para a paginação do nosso *designer*, depois eu e o Zé voltamos a ler tudo já com o aspecto gráfico que vai ter na revista, e volta à paginação para as correcções. Entrevistas dois dias antes do fecho… nessa altura já eu tenho de ter toda a revista à minha frente! [risos]

"Acho que fizemos bem em resistir este tempo todo, mesmo quando nos diziam que não valia a pena."
– José Carlos Santos

Que capas vos marcaram mais?

JCS: Gosto particularmente das capas com ilustrações, e já tivemos várias, felizmente. O Eddie exclusivo da LOUD!, a edição dos Guns N' Roses que celebrou o «Appetite For Destruction», a do aniversário dos Cannibal Corpse… Acho que têm um impacto diferente.

JMR: Também tenho algumas, uma é a dos Moonspell em que o Fernando Ribeiro está com uma *t-shirt* dos Hellhammer, foi uma oportunidade de ter essa banda a aparecer na capa. Outra foi a dos Darkthrone, onde fizemos uma entrevista com o Fenriz bastante engraçada.

Quais são os planos para este novo ciclo?

JMR: Quando lerem isto, as pessoas já vão ter a revista na mão e já vão ter percebido que tem um grafismo diferente. Vamos também fazer uma série de sessões públicas comemorativas da edição, algumas só reveladas quando a revista chegar às bancas. Basicamente será isso, mantendo a regularidade todos os meses.

JCS: Anunciámos esta fase como uma nova era, que não será propriamente uma revolução. Eu próprio não acredito muito em revoluções constantes. Acredito sim em pegar numa ideia e torná-la sólida, refiná-la. Vamos lentamente introduzir novas rubricas, algumas das quais já desde este #200, vamos trabalhar mais na face *online*, o que já começámos a fazer com a inauguração do nosso Instagram oficial, o aspecto da revista também irá mudar um pouco gradualmente, para além desta reformulação actual. Depois, temos outras actividades planeadas, por exemplo, regressar com as nossas noites de Rádio Pirata, que são uma boa maneira de aproximar as pessoas da revista, tendo os DJs LOUD! a pôr música para as pessoas, proporcionando-lhes uma grande noite de metal por mês. Vamos estar num sítio mais propício ao público do metal do que nas sessões que fizemos até agora, e isso será confirmado em breve. No fundo, será uma nova era com mais das mesmas coisas boas, e mais de outras coisas novas.

MAYHEM
+ DRAGGED INTO SUNLIGHT
+ THE OMINOUS CIRCLE
17.10.12 – Lisboa ao Vivo, Lisboa

MAYHEM
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

Não há fome que não dê em fartura, e depois do cancelamento terrível no SWR Barroselas de 2001, eis que, dezasseis anos depois, os Mayhem acabam por nos visitar duas vezes no mesmo ano, ambas por mão da SWR inc., e ambas para tocar na íntegra o seu emblemático «De Mysteriis Dom Sathanas». É necessariamente com o concerto de Abril em pleno palco principal de Barroselas que teremos que comparar esta prestação lisboeta, por ser a nossa referência mais próxima, e a verdade é que, como os restantes felizardos que tiveram oportunidade de testemunhar as duas actuações certamente concordarão, foram ambas muito parecidas. Até mesmo nas coisas menos boas, infelizmente – está ainda para vir o dia em que ouviremos uma «Funeral Fog» (principalmente) e uma «Freezing Moon» sem problemas, com a voz do Attila audível, e com tudo a "bombar" como deve ser. Dá a sensação que a banda e/ou os técnicos precisam de aquecer um bocado até começar a carburar, e quem se lixa são os dois clássicos que abrem o disco. Tal como em Barroselas, foi só em «Cursed In Eternity» que todo o impacto dos Mayhem e do «De Mysteriis…» nos atingiu em pleno, e mais uma vez o "lado B", de «Life Eternal» para a frente, foi de uma negritude estarrecedora que obliterou a primeira metade. E talvez seja melhor assim. Claro que aquelas duas primeiras são os *hits*, digamos assim, que toda a gente, fãs "causais" principalmente, quer ouvir, mas com estas entradas titubeantes e este subir de forma dramático, há temas menos celebrados que acabam por tomar lugar central. E que bom que é levar com uma «From The Dark Past» tocada de forma imparável, com o som quase perfeito, com o teatral Attila Csihar num momento performativo e vocal inultrapassável, conforme nos aconteceu no inferno em que estava transformado o interior da sala lisboeta. E atenção, que os diabos já andavam à solta bem antes do *main event* proporcionado pelos míticos noruegueses: os seus companheiros de estrada, os Dragged Into Sunlight, protagonizaram uma descida ao submundo arrepiante. Virados de costas para o público (porque têm «Hatred For Mankind», faz sentido), iluminados apenas por uma sinistra luz vermelha, munidos de um misto de temas tirados do tal misantropo disco de estreia (a «Volcanic Birth» é qualquer coisa) e também do «NV» de colaboração com Gnaw Their Tongues, cuspiram ódio e ruído infernal com fartura. O facto de não serem mais prolíficos discograficamente só causa mais raiva ainda. E raiva, também, foi o que não faltou aos The Ominous Circle, que não se intimidaram com o calibre das bandas que se lhes seguiriam, e mostraram que são uma máquina de death metal obscuro cada vez mais bem oleada ao vivo. Assim continuem a evoluir, que têm negras asas prontas a abrir para tomar voos mais altos. **[J.C.S.]**

BRANT BJORK
+ ANA PARIS
17.10.12 – Cave 45, Porto

O concerto ainda não tinha começado, e no andar de cima do Cave já se percebia o entusiasmo do vocalista dos Ana Paris, Miguel Vieira. Não é todos os dias que se partilha o palco com uma referência do stoner. «A Stoned-Psychedelic-Punk-Rock-Mood-Thing», EP de estreia do grupo, já data de 2015, e não foi de estranhar que aos quatro temas do disco juntassem ainda três inéditos, entre os quais a nova «Some Little Bird». Tão nova que o vocalista ironizou com o facto de ainda ter de ler a letra. Cada vez melhores a cada actuação no Cave 45, os portuenses têm sabido crescer, ficando-se a aguardar novo álbum. Brant Bjork fez-se acompanhar do guitarrista Bubba DuPree, do baterista Ryan Güt e do baixista Dave Dinsmore, na denominda Low Desert Punk Band. A meio do concerto e no final, subiu ao palco o vocalista Sean Wheeler, toda uma figura que trouxe colorido a uma actuação que se revelava polida q.b., e levantou curiosidade para o disco que o cantor se prepara para editar, «Sun Trash». Com um duplo ao vivo na bagagem, o norte-americano começou por tocar temas de «Europe 16», com o primeiro momento alto em «Humble Pie», a que se seguiram «Too Many Chiefs» e «Dirty Bird», dois temas não incluídos no "ao vivo", onde retornou com «The Greeheen». Depois da brilhante «Stoned», houve ainda espaço para mais três temas, «The Future Rock (We Got It)», «Low Desert Punk» e «Freak Of Nature» a encerrar em definitivo uma boa noite de stoner rock. Seria giro ter tocado «Porto», mas perdoa-se. **[E.F.]**

BRANT BJORK
FOTO: EMANUEL FERREIRA

FOR THE GLORY
FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

MATA-RATOS

FARO ALTERNATIVO

17.10.06-07 – Associação Recreativa e Cultural de Músicos, Faro

Mesmo já não sendo propriamente época de férias para a maior parte da população, foram duas noites veraneantes, em temperatura e em ambiente *chillax*, que receberam os muitos que viajaram para mais uma edição do Faro Alternativo, juntando-se aos também muitos "nativos" para formar uma apreciável moldura humana no acolhedor espaço da ARCM.

DIA 1

E foi precisamente com hardcore (o estilo de base do festival, apesar de alguns agradáveis desvios mais "metálicos") local que se abriram as hostilidades, com os farenses **Medo** a mostrar ferozmente e com ânimo, perante uma sala que foi enchendo lentamente, que o "*Faro style hardcore*" que praticam merece, de facto, um epíteto próprio. Seguiram-se os lisboetas **Artigo 21** que, mantendo alto o nível de energia, injectaram também melodia a rodos na cabeça dos presentes, que dificilmente conseguiram, no restante da noite, retirar da cabeça alguns daqueles refrães pegajosos – no melhor dos sentidos – cantados pelo vocalista Cardoso, como é um bom exemplo «Espera Por Mim», com animada participação do público. O primeiro coice metálico da noite foi dado pelos **Terror Empire**, cujo thrash caiu que nem ginjas perante uma audiência sedenta de *headbanging* que, diga-se, soube apreciar devidamente as bandas de todos os estilos ao longo dos dois dias. Foi «Times Of War» o ponto alto e o que gerou o mais movimentado *moshpit*, mas toda a prestação primou pela intensidade. Intensidade que o punk rock infeccioso dos **Albert Fish** tratou de aumentar ainda mais, com malhões propícios à cantoria, ao levantamento de punhos e à porrada em frente ao palco, normalmente tudo feito ao mesmo tempo. O vocalista Gustavo aproveitou ainda para mandar mordazes bitaites relativos a vários *current events*, não se coibindo de vincar a sua opinião, como um bom *frontman* de uma banda deste género deve fazer. Excelente concerto, que nem o problema com a cabeça do amplificador do guitarrista Paulão que perturbou os últimos dois temas conseguiu esmorecer. Vieram então os dois *headliners* do dia, primeiro os **W.A.K.O.**, que apesar de terem obtido uma boa reacção do público, principalmente no início da sua prestação, pareceram algo desligados, em relação ao que já os vimos fazer, e depois os **Switchtense**, que agora nesta fase com dois guitarristas mostram ser uma máquina ainda mais bem oleada do que já era costume, fechando a noite com um concerto extremamente sólido.

DIA 2

Belo começo da segunda noite com os **Somber Rites**, cujo hardcore melódico muito bem polido proporcionou o equilíbrio perfeito entre *singalong* e agressividade para começar a puxar pelos níveis de excitação do público. Das Caldas da Rainha vieram os **Challenge**, mas se imitassem bem uns sotaques de Brooklyn ninguém diria que não vieram directamente da *Big Apple*, pela óbvia influência do NYHC no seu som. Um concerto curto e raivoso, que abriu alas aos **Broken Distance**, cujo hardcore directo e pleno de vitalidade também granjeou forte apoio do público. A banda, que conta com alguns elementos da organização do evento na sua formação, foi também nitidamente a vencedora do imaginário prémio do *t-shirt game* – por entre Obituary, Stone Roses, Shelter, The Smiths e Bold, o bom gosto do vestuário envergado em palco igualou o da sua música. A única banda estrangeira de todo o alinhamento veio de perto, da região autónoma da Andaluzia. Tratou-se dos **Minority Of One**, e louve-se a boa onda com que se apresentaram, falando português e mostrando-se extremamente agradecidos pela presença no evento. Terem ido buscar o nome aos Dag Nasty já diz quase tudo sobre o tipo de hardcore que praticam, e apesar de soarem algo genéricos, souberam conquistar o público com a convicção apresentada. Os **For The Glory**, como é costume, apresentaram-se num nível acima dos restantes pares. A experiência acumulada da banda confere-lhe uma aura semelhante à que os Switchtense apresentaram no dia anterior – nota-se logo o patamar superior que já atingiram, e a facilidade com que dominam por completo uma sala cheia e "a ferver", tanto figurativamente como em termos de temperatura, conforme era o caso. E tudo com a simplicidade e o entusiasmo de quem está a dar os primeiros concertos. E se os For The Glory já são um clássico seguro, o que dizer dos **Mata-Ratos**? Muito pouco já resta que não tenha sido repetido vezes sem conta, nestas e noutras páginas. Para perceber a forma como a lendária banda já entrou no imaginário colectivo, basta ouvir os temas pedidos aos gritos pelos fãs, sejam adolescentes franzinos ou senhores respeitáveis de cabelo já esbranquiçado: desde clássicos do antigamente como «Napalm Na Rua Sésamo» até malhões recentes como «Tsunami De Cerveja», todos são requisitados, e a banda não se faz rogada, cuspindo-os energicamente como se não houvessem vinte anos de diferença entre as suas origens. Todo um clássico, a fechar dois belos dias da melhor forma. **[J.C.S.]**

MELT-BANANA

17.09.29 – ZDB, Lisboa

A nossa periferia geográfica às vezes tem coisas destas – há bandas de culto que demoram e demoram para cá chegar, e quando finalmente aterram para o seu primeiro concerto em solo nacional, já não são as mesmas. Foi um risco de amargo de boca que se correu com os Melt-Banana, nipónicos que andam a espalhar a sua bizarria e selvajaria sonora mais ou menos fofa há um quarto de século já, granjeando fãs como Mike Patton ou Buzz Osborne pelo caminho, e que chegaram agora a Portugal pela primeira vez já depois do (comparativamente) mais calmo «Fetch» de 2013 parecer ter assinalado uma nova era. Até por terem perdido também a baixista fundadora Rika Hamamoto e ainda terem deixado de utilizar um baterista ao vivo. Ao princípio, antes de começarem a tocar, ter só Yasuko Onuki agarrada ao que parecia um *gamepad* de uma consola e o guitarrista Ichirou Agata em palco parecia quase uma espécie de Melt-Banana Lite. Só que depois, lá está, começaram a tocar. Até dá a sensação que só a guitarra do Agata sozinha, da maneira como o homem a maltrata, podia fazer uma barulheira amalucada suficiente para nos deixar satisfeitos, mas isto não diminui o papel de "Yako" no frenesim criado. Disparando através do tal comando uma multitude de *samples*, a bateria digital e linhas adicionais de baixo (ambos com um som agradavelmente "real"), é ela que constrói o caos à volta da guitarra selvagem mas surpreendentemente controlada de Agato (basta fazer o esforço de isolar só esse som uns segundos para se perceber o talento e o trabalho que ali estão, no meio da deliciosa parvoíce geral). Numa ZDB esgotada, todas as reservas iniciais que se pudesse ter foram abaixo num instante, o som pulsante e caleidoscópico das micro-descargas dos Melt-Banana ribombou como se da banda original se tratasse, e até houve espaço para *moshpits* e *crowdsurfing*. Yako estava deliciada com o que via, disse-nos que se fartou de beber vinho verde e parece ter genuinamente gostado da sua primeira experiência portuguesa. Tem graça, que nós também. Mais umas malhinhas, mais uns ruídos de jogos bem conhecidos, um *encore* supersónico e em menos de uma hora resolveu-se o assunto. Regressem depressa. **[J.C.S.]**

PROCESS OF GUILT
+ THYRANT
17.10.04 – Musicbox, Lisboa

PROCESS OF GUILT
FOTO: SÓNIA FERREIRA

A sala em forma de túnel foi perfeita para simular a espiral negra que os Process Of Guilt criaram na apresentação de «Black Earth». A entrega da banda, com um jogo de luzes que funcionou excepcionalmente bem, foi sublime do primeiro ao último segundo, e com a adição destes novos cinco temas, o alinhamento ganhou uma dinâmica ainda maior. Primeiro, porque este material cola na cabeça, como «Harvest» e «Fæmin» – as duas canções que sobreviveram do disco anterior – também colavam, e depois porque o *groove* que se ouve em disco, ao vivo transforma-se numa espécie de canhão da Nazaré. Ou surfas a onda, algures entre a adrenalina e medo de te afogares lá pelo meio, ou levas com ela na espinha e nunca vais saber o que te aconteceu. «(No) Shelter» inicia hostilidades e é o aquecimento ideal para a chapada de peso que é «Feral Ground», um tema que exalta de forma mais evidente a fluidez destes temas e a forma orgânica como se desenrolam. Muitos corpos cambaleantes, olhos fechados, pescoços quase partidos são a prova de que a música dos Process Of Guilt está, paradoxalmente, mais enleante do que nunca, pese embora o aumento do negrume e reflexão niilista que nos propõe. Estrategicamente colocadas a meio do *set*, e já depois da desagradável «Servant», «Harvest» e «Fæmin» trazem um bocadinho de luz a um espectáculo cada vez mais opressivo e esmagador. A viagem continua e intensifica-se com «Black Earth». Hugo Santos coloca-nos em sentido de cada vez que vocifera para o microfone: sempre que repete "*your will is not enough*" invade-nos uma sensação de vulnerabilidade que nos reduz à nossa insignificância. É colossal o que alcançam nesta dúzia de minutos. O final mais melancólico faz a ponte perfeita para «Hoax», que, tal como em álbum, se revela uma canção à parte, ligeiramente acima de todas os outras. Não é a mais *catchy*, nem a mais imediata, mas é certamente a mais avassaladora. Um desfecho monstruoso depois de uma hora de sova implacável. No final, mal nos lembramos que os espanhóis Thyrant também passaram pelo palco, num concerto morno e com um som algo embrulhado que não ajudou a banda espanhola a explanar da melhor maneira o seu thrash/death melódico. Valeu pela entrega, mas pouco mais do que isso. **[J.A.R.]**

BLOOD INCANTATION
+ SPECTRAL VOICE
+ FESTERING
17.10.13 – Another Place, Almada

BLOOD INCANTATION
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

Quem diria, da população "normal" de Almada, que ali naquela zona industrial meio abandonada se ia estar a invocar criaturas cósmicas inenarráveis numa quente 6ª feira de Outubro? Foi mesmo isso que aconteceu, nesta surpreendente – por serem ainda bandas muito recentes, apesar do culto já gerado à sua volta – passagem por Portugal de duas das mais promissoras entidades do death metal "transcendente" da actualidade. É uma *tour* óbvia, já que a 75% da formação é comum às duas bandas, mas apesar de ser "só" uma questão de mudar de baterista, as diferenças são notórias, e a única coisa que têm em comum é mesmo a sensação de terror astral que invocam. Os Spectral Voice seriam, à partida, a mais difícil das duas de transmitir tudo aquilo que obtemos do novo «Eroded Corridors Of Unbeing», tratando-se de um som mais lento, mais death/doom, virado para a atmosfera, mas apesar de a voz do baterista/vocalista Eli Wendler (que toca e berra com uma intensidade assinalável) estar demasiado baixa na mistura que saía para o público, a verdade é que conseguiram perfeitamente envolver-nos na sua enleante e temível teia até final da actuação. Temas arrastados e longos que não perdem o norte nem permitem nunca que desviemos a atenção são uma comodidade rara, e este quarteto é perito nessa arte. Um bocadinho de descanso e umas mudanças de *t-shirts* depois, a passagem de testemunho do Eli para o Isaac Faulk por trás da bateria, e aí estavam os Blood Incantation. Deu a sensação que os três que se mantiveram em palco aproveitaram para mudar de personalidade musical durante esse tempo, também. O ataque desta banda é bem mais directo, mais contundente, ao mesmo tempo que mantém uma componente esotérica, quase psicadélica, entrelaçada com o seu death metal meio Morbid Angel-esco de base. Alguns problemas técnicos ao princípio, pelos vistos na mesa de som não tinham mudado os *settings* da banda anterior para esta, e depois de terem feito o pedido ao técnico, que aparentemente não foi concedido, Paul Riedl, Morris Kolontyrsky e Jeff Barrett, mais o já referido Isaac na bateria, encolheram os ombros e arrancaram para um grande concerto de qualquer maneira. Obviamente ancorado no «Starspawn» de 2016 e também no EP anterior (de onde arrancaram uma enorme «The Vth Tablet (Of Enûma Eliš)»), houve ainda direito a um tema novo a coroar uma noite perfeita de death metal obscuro e inovador. A abrir, estiveram os Festering, que contam com algumas figuras de bandas importantes do nosso underground, e mesmo sem atingirem as profundezas dos visitantes do Colorado que lhes seguiram, aqueceram o público com a ferocidade que lhes reconhecemos de «From The Grave». **[J.C.S.]**

SWANS
+ BABY DEE
17.10.09 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

SWANS
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

E pronto, depois de uma bela relação estabelecida entre os Swans e o nosso país, com regulares visitas desde que o grande líder Michael Gira reactivou a banda em 2010, foi altura da despedida. Uma despedida que, diga-se, não custou tanto quanto isso, por várias razões. Primeiro, porque, tanto quanto sabemos, até pode ser um até já – o que "acabou" foi esta formação dos Swans, este conceito musical específico, esta abordagem em que a escrita se confunde com a actuação ao vivo, em que a ideia de canção se dilui face ao rolo compressor da *performance,* em que a repetição, a resistência e o massacre auditivo se sobrepõe a quaisquer considerações de "entretenimento". Gira já afirmou que aprendeu uma lição quando retirou o nome Swans de circulação da primeira vez, por isso o futuro agora é muito mais aberto e cheio de potencial do que aquando desse primeiro "final". Outra razão para não ter sido uma despedida muito dolorosa é que, com o máximo da honestidade, não sabemos se aguentávamos mais uma noite destas. Por mais que os Swans sejam revolucionários, e são, e foram, e certamente sê-lo-ão, sempre de formas diferentes, há no entanto uma clara exaustão deste formato. Por mais que a coisa vá mudando e evoluindo, por mais que cada noite desta e de outras *tours* recentes seja, de facto, uma actuação diferente e única, a verdade é que cada vez que vimos os Swans nos últimos anos parece haver menos espaço de manobra, menos ar para respirar neste balão artístico gigante onde esta colecção de músicos se meteu. Chega-se ao ponto de, durante o concerto, um grupo de fãs ardentes dos Swans, alguns dos quais com iconografia da banda efectivamente tatuada no corpo, brincar com a situação e dizer algo como "*toca lá uma malhinha. Só uma.*" Temos saudades de um Gira mais musical, essa é que é essa. A fase do Field Commander Gira foi bestial, e certamente servirá de inspiração a muito artista no futuro, assim que conseguirmos assimilar devidamente a dimensão astronómica daquilo que Gira, Westberg, Hahn, Pravdica, Puleo e Wallfisch (este último, sucedendo a Thor Harris no último ano e meio) têm feito nos palcos por esse mundo fora. Mas é de facto altura de descansar, reinventar e renovar, e é muito bom que o próprio Gira tenha tido essa noção. Este concerto, que já foi talvez um a mais do que seria absolutamente necessário apesar do seu óbvio impacto musical (que, admitimos, terá sido totalmente diferente para quem eventualmente via a banda pela primeira vez – há esse mérito), serviu para termos essa prova. *Swans are dead*? Não, desta vez vão só dar uma volta e apanhar ar. Refrescante foi, isso sim, o singelo concerto de Baby Dee a abrir. A multi-facetada artista norte-americana é a imagem de uma tia amalucada de um filme de Tim Burton, por exemplo, e parte da sua música apresenta de facto esse teor bizarro e carnavalesco, mas por baixo disso há um oceano profundo de emoção, de estranheza e também de dor, bem patente em temas como «When I Get Home», «I Am A Stick» ou «Big Love». E se a secção tristemente numerosa de público que aproveitou o concerto da senhora para pôr a conversa em dia aos gritos tivesse mostrado respeito e calado a matraca, tinha sido melhor ainda. [J.C.S.]

"...the time felt ripe for Anti-Flag's tenth and most definitive offering yet..."

ANTI FLAG
AMERICAN FALL
November 3 | cd | lp | digital

SPINEFARM RECORDS
SNAKEFARM RECORDS

"6 hymns to death, drugs, sex and violence"

Electric Wizard
Wizard Bloody Wizard
November 10th | cd | lp | digital

Out now
CYHRA
Letters to Myself

Now 10
TOOTHGRINDER
Phantom Amour

Nov 10
ENTHEOS
Dark Future

Now 3
TYLER BRYANT
& THE SHAKEDOWN

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER DENIM LABORATORY — RESEARCH & DEVELOPMENT —

11.12 – DYING FETUS

NOVEMBRO

01 – Moonspell – Hard Club, Porto **Apresentação «1755»**
02 – Omnium Gatherum [Fin] / Skálmöld [Isl] / Stam1na [Fin] – Hard Club, Porto
03 – Omnium Gatherum [Fin] / Skálmöld [Isl] / Stam1na [Fin] – RCA Club, Lisboa
04 – Sacred Sin / Arcanus [Ale] / Raw Decimating Brutality / Enzephalitis [Fra] / Bleeding Display / Revolution Within / Lapidated [Esp] / Dead Meat / Steal Your Crown / Humanart / Ravensire / Trepid Elucidation / Konad / Yar – Pavilhão Multiusos, Malveira **Oeste Underground Fest II**
04 – Low Torque / Deserto / Drivingwest / Lonthra – RCA Club, Lisboa
04 – Heavenwood / Vulture / Subversive – Sociedade Música Velha, Pernes, Santarém **XIV Rock da Velha**
05 – Stray From The Path [E.U.A.] / Capsize / We Ride – RCA Club, Lisboa
09 – Moonspell / Bizarra Locomotiva – Casa das Artes, Arcos de Valdevez
10 – Moonspell / Bizarra Locomotiva – Teatro Aveirense, Aveiro
10 – Cro-Mags [E.U.A.] / Dimension / Ground & Pound – RCA Club, Lisboa
11 – Master [E.U.A.] / Dehuman [Bel] / Scum Liquor / Booze Abuser – RCA Club, Lisboa
11 – Discharge [Ing] / Trinta & Um / Misantropia – Hard Club, Porto
11 – Miss Lava / Füzz / Desert Mammoth / Iguana – Cine Incrível, Almada **Sunburst Stoner Fest**
12 – Moonspell / Bizarra Locomotiva – Cine-Teatro Avenida, Castelo Branco
12 – Dying Fetus [E.U.A.] / Psycroptic [Aus] / Beyond Creation [Can] / Disentomb [Aus] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – Master [E.U.A.] / Dehuman [Bel] / Pestifer / (…) – Porto **Porto Deathfest 2017**
14 – Death Before Dishonor [E.U.A.] / Last Hope / Challenge – Popular Alvalade, Lisboa
17 – Sinistro / Redemptus / Greengo – Hard Club, Porto
18 – Mata-Ratos / Grankapo / Prayers Of Sanity / Mindtaker / Disthrone / Legacy Of Cynthia / Cryptor Morbius Family / Shredded To Pieces / M.E.D.O. – A.C.S. Mimosa, Alvalade, Santiago do Cacém **Alvalade Arise 2017**
18 – Freedom Call [Ale] / Mindfeeder / Leather Synn – RCA Club, Lisboa
18 – The Parkinsons / Analepsy / Switchtense / Gwydion / Okkultist – Massas Club, Coimbra **Mosher Fest**
18 – Low Torque / The Ramble Riders / Daniel's Dead Bird / Red Line – Metalpoint, Porto
18 – Sinistro / Pigball / Lâmina – Nirvana Studios, Barcarena
18 – The Ominous Circle / Névoa / Lucifer's Ensemble / Ascetic – Cave 45, Porto **Apostles Of The Eternal Fire II**
18 – Mão Morta – Culturgest, Lisboa **25 Anos Mutantes S21**
21 – Epica [Hol] / Vuur [Hol] / Myrath [Tun] – Sala Tejo, Parque das Nações, Lisboa
22 – Epica [Hol] / Vuur [Hol] / Myrath [Tun] – Hard Club, Porto
25 – Graveyard [Sue] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
27 – The Atomic Bitchwax [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
28 – The Atomic Bitchwax [E.U.A.] – Cave 45, Porto
30 – Tarantula / Grunt / Sonneillon BM / Nihility – Cave 45, Porto **Porto Metal Convention**
30 – Earth Electric / Painted Black / When Nothing Remains [Sue] / Mourning Sun [Chi] – RCA Club, Lisboa **Under The Doom V (dia 0)**

DEZEMBRO

01 – Lacuna Coil [Ita] / Liv Kristine [Nor] / Green Carnation [Nor] / The Foreshadowing [Ita] / Cellar Darling [Sui] / Inhuman – Lisboa Ao Vivo, Lisboa **Under The Doom V**
01 – Grunt / Vizir / ChaosxA.D. – Associação A062, Silos, Caldas da Rainha **Caldas Late Grind**
02 – In The Woods... [Nor] / Novembers Doom [E.U.A.] / Ahab [Ale] / Acherontas [Gre/Ale] / Gold [Hol] / Funeralium [Fra] – RCA Club, Lisboa **Under The Doom V**
02 – Marthyrium [Esp] / Irae / Infernus / Mons Veneris / Ordem Satânica / Degredo / Trono Além Morte – Metalpoint, Porto **Invicta Requiem Mass III**
02 – Dokuga / Bad! / Systemik Violence – Cave 45, Porto
02 – Grunt / (…) – Stairway Club, Cascais
07 – Moonspell – Cine-Teatro Louletano, Loulé
07 – VNV Nation [Ale] / (…) – Hard Club, Porto
09 – Bizarra Locomotiva – RCA Club, Lisboa **Álbum Negro**
09 – Mão Morta – Cineteatro António Lamoso, Santa Maria da Feira **25 Anos Mutantes S21**
09 – Sacred Sin / Secret Chord – DRAC, Figueira da Foz
10 – Napalm Death [Ing] / Deathrite [Ale] / Besta – Hard Club, Porto
11 – Napalm Death [Ing] / Deathrite [Ale]/ Besta – RCA Club, Lisboa
16 – Desire / (…) – RCA Club, Lisboa
16 – Undergang [Din] / Phrenelith [Din] / Derrame / Happy Farm – Metalpoint, Porto
16 – Besta / Pigball – Bar "Os Penicheiros", Barreiro
30 – Heavenwood / Attick Demons / Inner Blast / Toxikull / Venice Cathouse / Leatherplain / Zurrapa – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul **Milagre Metaleiro**

JANEIRO 2018

06 – Acid Reign [Ing] / Tokyo Blade [Ing] / Picture [Hol] / God Macabre [Sue] / Solstice [Ing] / Panychida [R.C.] / Holocausto Canibal / Revolution Within / Bleeding Display / Mr. Miyagi / AntiVoid / Rotten Rights – Centro Cultural Santo André, Mangualde **24.º Mangualde Hard Metal Fest**
13 – Bizarra Locomotiva – Hard Club, Porto **Álbum Negro**
14 – While She Sleeps [Ing] / (…) – Hard Club, Porto
15 – While She Sleeps [Ing] / (…) – RCA Club, Lisboa
16 – While She Sleeps [Ing] / (…) – Bafo de Baco, Loulé

11.25 – GRAVEYARD

12.01-02 – UNDER THE DOOM V

19/20 – Katalepsy [Rus] / Extermination Dismembrement [Bie] / Gutalax [R.C.] / Grog / Analepsy / Korpse [Hol] / Omnipotent Hysteria [Ing] / Serrabulho / Bleeding Display / Guineapig [Ita] / Ho-Chi Minh / Kalyuga [Fra/Tun] / Besta / Dead Meat / Embrace Your Punishment [Fra] / The Voynich Code / Trepid Elucidation / Shoryuken / Burned Blood – RCA Club, Lisboa **XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018**

FEVEREIRO

01 – Metallica [E.U.A.] / Kvelertak [Nor] – MEO Arena, Lisboa
03 – Comeback Kid [Can] / Nasty [Bel] / Backflip – Hard Club, Porto
04 – Comeback Kid [Can] / Nasty [Bel] / Backflip – RCA Club, Lisboa
18 – The Haunted [Sue] / Norunda / The Descent [Esp] – RCA Club, Lisboa
18 – Venenum [Ale] / Slaegt [Din] – Metalpoint, Porto
21 – Therion [Sue] / Imperial Age [Rus] / Null Positiv [Ale] – Hard Club, Porto
23 – Therion [Sue] / Imperial Age [Rus] / Null Positiv [Ale] – Lisboa Ao Vivo

MARÇO

03 – Pestilence [Hol] / Sacred Sin / Pestifer – RCA Club, Lisboa
29 – Angra [Bra] / Geoff Tate's Peration: Mindcrime [E.U.A.] / Halcyon Way [E.U.A.] – Hard Club, Porto
30 – Angra [Bra] / Geoff Tate's Peration: Mindcrime [E.U.A.] / Halcyon Way [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
30 – Machine Head [E.U.A.] / (…) – Coliseu dos Recreios, Lisboa
31 – Machine Head [E.U.A.] / (…) – Coliseu Porto, Porto

ABRIL

06/07 – The Exploited [Ing] / Vader [Pol] / Benighted [Fra] / Suicidal Angels [Gre] / Bizarra Locomotiva / Filii Nigrantium Infernalium / Iberia / Switchtense / For The Glory / Sacred Sin / Malevolence [Ing] / Viralata / Terror Empire / Equaleft / Dead Meat / Low Torque / Wells Valley / Toxikull / Dark Oath – Largo Pavilhão Municipal, Moita **Moita Fest 2018**

MAIO

13 – Graham Bonnet Band [Ing] – RCA Club, Lisboa
19 – Tank [Ing] / Killer [Bel] / Witchtower [Esp] / Attick Demons / Alkateya / Wanderer – Another Place, Almada **Metal Keeper Fest II**

JULHO

26-29 – Septicflesh [Gre] / (…) – Famalicão **Laurus Nobilis Music 2018**

AGOSTO

09-12 – Cradle Of Filth [Ing] / Converge [E.U.A.] / Dragonforce [Ing] / Sinister [Hol] / Bölzer [Sui] / Attic [Ale] / Gwydion / Blame Zeus / In Vein / (…) – Quinta do Ega, Vagos **Vagos Metal Fest 2018**

PRÓXIMA LOUD! **#201**

WATAIN CONVERGE GODFLESH
MIDNIGHT SINISTRO PRURIENT
GNAW REDEMPTUS

CHAOSPHERE RECORDINGS

PROUDLY PRESENTS

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
"INMUNDITIA ODII PLENA"

KULTLP005

150 COPIES (DIE HARD EDITION)
12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER + LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION)
12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE w/ A4 BOOKLET + POSTER

The return to The Kult Series with the long-awaited release of "Os Métodos Do Pentagrama" demo-tape from 1993, remastered for vinyl, with the Bactherion (pre-FNI) "The Miracle Of Death" demo-tape from 1991 as bonus!!!

DECAYED
"LIVE MMXVII"

CHAOSCP028

LIMITED EDITION CD - 333 NUMBERED COPIES

Celebrating the new line-up as a power trio, this unholy trinity delivers it's massive old school black metal with the intensity of the end of the world!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

BEFORE IT WAS AUTUMN AND FALL,

IT WAS HARVEST!

SYSTEMIK VIOLENCE
"SATANARKIST ATTACK"

CHAOSV028

LTD. EDT. 12" VINYL
200 BLACK VINYL + 100 YELLOW VINYL

The first full-length from these bastards: noisy raw d-beat metallic punk! F.O.A.D.!!!

MIDNIGHT PRIEST
"RAINHA DA MAGIA NEGRA"

CHAOSV022

LTD. EDT. 12" VINYL
500 COPIES

Heavy Metal in all it's greatness! Their first EP with their first Demo "The Priest Is Back" as bonus!!!

DISAFFECTED
"THE TRINITY THRESHOLD"

CHAOSCP027

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The third effort from the Portuguese Progressive Death Metal masters! Another step into astral projection!!!

A TREE OF SIGNS
"INITIATION OF LIGHT"

CHAOSCP026

LTD. EDT. CD
500 COPIES

The newest release for this Psych Stoner Doom combo! Another ritual, another initiation!!!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

THE ULTIMATE LIVE EXPERIENCE.
BLUES PILLS for the first time on BLU-RAY / DVD!
Recorded in Paris at Le Trianon, October 2016.

BLUES PILLS

LADY IN GOLD - LIVE IN PARIS

BLU-RAY+2CD-DIGIBOOK | DVD+2CD-DIGIBOOK | DOWNLOAD
2PIC-LP IN GATEFOLD | 2LP IN GATEFOLD

IN STORES **03.11.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLES "LITTLE BOY PREACHER (LIVE)" AND "ELEMENTS AND THINGS (LIVE)"

"Hit after hit after hit - witness the birth of a new power metal force!" ROCK IT! (GER)

"You have to be mentally insane to not love this album."
Tuomas Holopainen | NIGHTWISH

BEAST IN BLACK

berserker

CD-DIGIPAK (INCL. 2 BONUS TRACKS)
LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

IN STORES **03.11.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLE "BLIND AND FROZEN"

POLARIS is a five-piece progressive metalcore band from Sydney's south

POLARIS

THE MORTAL COIL

CD | DOWNLOAD - IN STORES **03.11.**

INCLUDES THE DIGITAL SINGLES "THE REMEDY" AND "LUCID"

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-92 80 26 - Fax +49 (0) 7162-24 954 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!